



PB169,576



*Presented to the*  
LIBRARY *of the*  
UNIVERSITY OF TORONTO  
*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton





OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

==== XIV =====

# ROMANCEIRO

—  
VOLUME II

ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

—  
3.<sup>a</sup> edição



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL  
*Sociedade editora*

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA  
*R. Augusta 95 || 35, R. Ivens, 37*

1901



Digitized by the Internet Archive  
in 2009 with funding from  
University of Toronto

OBRAS COMPLETAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

---

TOMO XIV

OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

---

- Tomos
- I — Camões.
  - » II — Catão.
  - » III — Merope — Gil Vicente.
  - » IV — Romanceiro — 1.º volume.
  - » V — Frei Luiz de Souza.
  - » VI — Flores sem fructo.
  - » VII — D. Filippa de Vilhena — Tio Simplicio —  
Fallar verdade a mentir.
  - » VIII — Viagens na minha terra — 1.º volume.
  - » IX — " " " — 2.º " "
  - » X — A Sobrinha do Marquez — As prophecias  
do Bandarra. — Um noivado no Da-  
fundo.
  - » XI — Arco de Sanct'Anna — 1.º volume.
  - » XII — " " " — 2.º " "
  - » XIII — D. Branca.
  - » XIV — Romanceiro — 2.º volume.
  - » XV — " " — 3.º " "
  - » XVI — Lyrica.
  - » XVII — Fabulas — Folhas cahidas.
  - » XVIII — O Alfageme de Santarem.
  - » XIX — Portugal na balança da Europa.
  - » XX — Da Educação.
  - » XXI — O Retrato de Venus, precedido de um  
Ensaio sobre a historia da lingua e  
da poesia portugueza.
  - » XXII — Helena.
  - » XXIII — Discursos parlamentares — Memorias  
biographicas.
  - » XXIV — Escriptos diversos.

OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

=====  
XIV  
=====

# ROMANCEIRO

—  
VOLUME II

ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

—  
3.<sup>a</sup> edição



LISBOA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL  
*Sociedade editora*  
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA  
*R. Augusta 95 || 35, R. Ivens, 37*  
1901



## INTRODUÇÃO

Pretendo supprir uma grande falta na nossa litteratura com o trabalho que intentei n'esta collecção. Não quero compor uma obra erudita para me collocar entre os philologos e antiquarios, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa util, um livro popular; e para que o seja, torná-lo agradavel quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações chronologicas e criticas para uso dos sabios. O meu officio é outro: é popularizar o estudo da nossa litteratura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originaes, para dirigir a revolução litteraria que se declarou no paiz, mostrando aos novos ingenhos que estão em suas fileiras os typos ver-

dadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar.

É obrigação de consciencia para quem levanta o grito de liberdade n'um povo, achar as regras, indicar os fins, apparelhar os meios d'essa liberdade, para que ella se não precipite na anarchia. Não basta concitar os animos contra a usurpação e o despotismo; destruido elle, é preciso pôr a lei no seu logar. E a lei não hade vir de fóra: das crenças, das recordações e das necessidades do paiz deve sahir para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra.

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma litteraria n'esta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o dominio oppressivo e antinacional da falsa litteratura, doem-me a consciencia de ver a anarchia em que andâmos depois que elle foi aniquilado; pêza-me ver o bom instincto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendencias, procurar na imitação estrangeira o que só pôde, o que só deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. É preciso indicar-lhe o caminho natural e legal, pô-la em marcha para os pontos a que lhe convem chegar; e ella se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim hade seguir para um norte fixo.

Fiz para isto ésta collecção de exemplares, de documentos, de estudos e observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos elles acima dos escrupulos austeros da critica, e das desapiedadas negações da chronologia. Respondo pelo espirito, pela tendencia, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, vê-se clara a verdade e exactão moral de uma coisa cuja exactão material não pôde provar-se por falta de documentos de indisputavel authenticidade.

Eu reuni, junctei, puz em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sôbretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomára-os eu já ver n'esse impenho.

Então intenderei devéras que fiz um grande serviço á minha terra e á minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gôsto e tão fóra de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me occorrem, sem curar ás vezes nem do fio que levam, nem do logar em que as ponho. Quizera podêr fazer á lingua e á litteratura portugueza serviço egual ao que fez M. Raynouard á dos seus provençaes. Mas nem posso eu, nem o resultado seria tam prompto como elle hoje se precisa.

Tomára que éstas paginas se fizessem lêr de toda a classe de leitores; não me importa que os sabios façam pouco cabedal d'ellas, comtanto que agradem á mocidade, que as mulheres se não infadem absolutamente de as ler, e os rapazes lhes não tomem medo e tédio como a um livro professional. Eis-aqui o que eu desejo, o em que puz fito, e o porque intersachei a prosa com o verso, a fábula com a historia, os raciocinios da critica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no methodo.

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a introduccão d'esta segunda e das que se lhe seguirem.

Alli dei a traducção em lingua e stylo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os proprios textos d'esses e de muitos outros romances.

Horacio, cuja arte poetica hade sempre ser para a poesia de todas as edades, de todas as escholas e de todas as nações, o que são para a moral os 'Versos de oiro' de Pythagoras, um codigo eterno de regras inalteraveis — Horacio louva, sôbre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpétua familia dos Attridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez, se tanto, o latim musárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido

Horacio — nem o intenderiam — seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no seculo xvi nos transmudaram e corromperam todas as feições de nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presumpçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sá-de-Miranda! E quem ousará pôr os olhos fittos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? Todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes philologos, são os que, cheios de Virgilio, de Ariosto e de Petrarcha, com os olhos cravados no antigo Lacio e na moderna Italia, de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuina poesia da nossa terra.

Os nossos vizinhos de Castella nunca chegaram, no seculo xvi, á perfeição classica da litteratura portugueza; mas porisso ficaram mais nacionaes, mais originaes; e por conse-

quencia, maior e mais perduravel e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os LUSIADAS: é verdade. E porque? Será pelas fôrmas virgilianas do poema, pelos deuses homericos do seu maravilhoso, pela belleza dos modos que só nós sentimos bem? Não, é pelo que alli ha de poesia original, propria, primitiva: porquanto, era o Camões poeta tam portuguez n'alma, que as mesmas harmonias homericas e virgilianas, os mesmos sons classicos se lhe repassavam debaixo dos dedos n'aquella sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionaes, da nossa fé religiosa, do nosso fanatico — e ainda bem que fanatico! — patriotismo, da nossa historia, meio historia, meio fábula dos tempos heroicos. Dominou-o, mas não pôde pervertê-lo a eschola do seu tempo.

A poesia e a litteratura portugueza precisavam retemperadas nos principios do seculo passado; que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fabrica,

as únicas da lyra portugueza. Veio o Garção, o Diniz, Francisco-Manuel, depois o Bocage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia — a prosa não — mas nos anligos modos classicos, agora deduzidos pela reflexão franceza, bem como no seculo xvi o tinham sido pela reflexão italiana.

Fallou portuguez e fallou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia; mas ainda não era portugueza.

Estava corrido o primeiro quarto d'este seculo, quando a reacção do que se chamou romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

'Gregos, romãos e toda a outra gente.'

Que se hade fazer para isto? Substituir Goëthe a Horacio, Schiller a Petrarcha, Shakspeare a Racine, Byron a Virgilio, Walter-Scott a Delille?

Não sei que se gaúhe n'isso, senão dizer mais semsaborias com menos regra.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poeticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: le-las no mau latim musárabe meio suevo ou meio godo dos documentos obsoletos, no mau portuguez dos foraes, das leis antigas e no castelhano do mesmo tempo— que até bem tarde a litteratura das Hespanhas foi quasi toda uma. O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vicios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional hade resuscitar verdadeira e legitima, despidido, no contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, soláos, ou como lhe queiram cha-

mar, é um dos primeiros trabalhos, que precisavamos. É o que eu fiz — é o que eu quiz, fazer ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexos, ainda que seja apenas hypothetico. no ajunctar e examinar dos documentos, vejamos e resumamos em poucas palavras como, da litteratura da civilização velha se fez, na chamada meia idade, a transição para a nova e imperfeita, mas muito mais original, muito mais creadora litteratura da sociedade christan, d'esta civilização que é tam outra e tam distincta d'aquella, e, por forçosa necessidade, tam diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão, a poesia.

Roma e Grecia tinham cahido na segunda meninice, os barbaros do norte entravam em vigorosa juventude de intendimento. Chamou-se a este periodo, tam notavel e interessante na historia do espirito humano a Edade-media. Mas não foi elle, como ha tres seculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma epocha de trevas em que toda a arte e sciencia pereceram, foi uma crise de trans-

formação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incendio, começaram a tender para ordem nova, para uma organização que era extranha a todas as ideas e concepções antigas.

Observa um elegante escriptor contemporaneo que naturalmente são objecto da nossa curiosidade e nos excitam vivo interêsse os costumes, os sentimentos, a litteratura d'aquella epocha singular em que, passo a passo, vemos o progresso do intendimento humano caminhando para a civilização christã, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscencias da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecer-se ella a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições d'aquella idade, pouco ha n'ellas de louvar, muito que reprovár: e todavia as que mais pareciam deformidades na infancia dos povos, vieram a produzir resultados tam beneficos, a amadurecer em fructos de tanta bençã, que hoje nos deleita e

interessa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudavel e reanimadora foi a influencia das tribus gothicas na politica e na litteratura da Europa. A antiga luz da civilização velha ardia ainda na caliginosa atmosphaera de Constantinopla; e a ascendencia que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso imperio do Oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sobo reinado de Theodorico, se tinha accendido na Italia, que depois, resurgindo de novo nas remotas regiões do norte, d'esses claustros da Islandia onde jazera latente, veio propagando-se até nós. Um soberano theutonico, Carlos-Magno, suscitou o genio nacional que deu existencia, fórma e cultura á lingua vernacula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se póde dizer que já fallava, senão que gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxonio, Alfredo, formulou, com os primeiros elementos da lingua, a primeira civilização ingleza. Os nossos reis godos, visigodos e asturianos crearam nas

Hespanhas éstas linguas e éstas litteraturas, — hoje resumidas em duas irmãs gêmeas — tam characterizadas e originaes ainda, apesar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco seculos que por todos os modos as quiz desnaturalizar e fazer renegar sua nobre e legitima ascendencia, para sómente as reconhecer bastardas e adultérinas de corrupção romana, quando ellas são egitimas filhas, havidas em um matrimonio, sim forçado pela conquista mas util e vantajoso aos contrahentes e á progenie que d'elles veio.

Durante todo o undecimo, duodecimo e décimo-terceiro seculo os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova fórma; os principios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes. O fervor do zêlo religioso transviava a miudo o espirito e inflamava as paixões; mas essa religião era tambem o symbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custodio que velava nos sanctuarios da

sciencia, que os protegia contra o podêr igno-  
rante e desinfreado.

Offendem o senso commum aquelles sonhos da cavalleria andante; mas onde não havia mais lei que a fôrça, n'ella só podiam os desvalidos achar protecção, só ella podia conter os que outra lei não conheciam. D'essa instituição phantastica derivou todavia, modificado pelo tempo, este principio de cortezia, de honra e de civilidade, que é a base e o fundamento da sociedade moderna

Aquelles rendimentos de adoração para com o bello-sexo, a solemnidade com que se lhe prostrava todo o intendimento e vontade faz-nos hoje sorrir desdenhosamente; mas d'ahi nasceu a importante revolução social que veio a fixar, nas firmes bases de uma religiosa justiça, os destinos de ametade da raça humana.

Hoje, certo, nos parece ridiculo ver de repente transformar a mulher, de escrava abjecta, em divindade sublime, poderosa para salvar, omnipotente para destruir... E ainda assim as cadeas voluntarias, com que d'este modo se prendiam reis, imperadores e guer-

reiros, não os traziam em desagradavel captiveiro. Sentiram-se amansar e humanizar aquelles meio-selvagens; e sem saberem porquê nem como, apprenderam a respeitar-se uns aos outros; gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si proprios.

Então começou a ter valor e importancia a opinião pública ; até as 'cortes d'amor' concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a prepotencia dos grandes e a submeter a anarchia dos poderosos aos regulamentos da disciplina social. Quando a poesia tinha tammanha influencia, que poderoso instrumento de civilização não devia de ser o energico escriptor de *Sirventes* que honesta e despejadamente seguia sem medo as lições e o exemplo do famoso trovador Pons Barba !

Sirventes no es leials,  
S'om no i ausa dir l'os mals  
Dels menors e dels communsals,  
E maiorment dels maioralis.

A Sirvente não é leal  
Se não ousa home expor o mal  
Dos menores do communal  
E mormente do maioral.

Vê-se quanto era o podêr de tal influencia pelo modo com que a animavam os politicos imperadores da Allemanha,oppondo-a de barreira á superstição dos ignorantes e ás pretenções da curia romana. A força com que ella operava pôde avaliar-se pela resistencia de opinião pública que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por sympathias communs, tendiam simultaneamente a apperfeiçoar-se, temperando-se uns aos outros pela propria acção e reacção de suas forças. Principes, senhores e povo rivalizavam no campo das contendias poeticas; as desigualdades de condicção eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que elle apparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas, o mundo foi incantado e a historia se fez romance. Foi a primavera do espirito, a estação da florescencia d'alma. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espirito da aventureosa cavallaria abrandou-se em heroica gentileza e amoroso galanteio. A belleza da mulher foi estimada

como thesoiro, exaltada como triumpho, adorada como divindade. Chegou a hora propria de despontar a flor mais bella de toda a grinalda, a rosa que as coroa e domina a todas, aquelle espirito de poesia que desenferrujou e puliu o barbarismo accumulado das edades, que suscitou o espirito da emulação, que o preparou para as melhores cousas. Está aberto emfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, d'onde hade correr a civilização pelo mundo.

A cavallaria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são fructos de uma grande revolução moral, nasceram junctas, mutuamente se explicam e definem, os mesmos senões as maream, qualidades iguaes as illustram.

Mas, tendo se discorrido tanto sobre uma, não se estudou ainda bastante a outra: e todavia n'essa poesia da idade-media está a melhor explicação do estado da sociedade que a creou, d'essa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas, e do galanteio metaphysico que revestia de uma fór-

ma angelica o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrellas em que o homem lia o seu destino, que abria o ceo aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testemunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquella gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

Oh que doce abril respira  
 Quando maio ve chegar!  
 Pelas noites socegadas  
 Se escuta o doce cantar;  
 E nas frescas manhas puras  
 Brandas aves gorgear.  
 Tudo emtorno alegre folga,  
 Tudo ri, tudo suspira :  
 Como heide eu conter no peito  
 Affectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam n'essa outra canção do velho minnesinger, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas choreas que saiam ao campo.

Seus thesoiros de alegria  
 Todos malo derramou,  
 Pelas seves que florece,  
 Pelas sombras que copou  
 Onde rouxinol amante,

Em cada ramo que pende,  
 Em cada flor que recende,  
 Sua doce melodia  
 Faz soar pela espessura.  
 Vinde, maio é o mez d'amor,  
 Da belleza e da ternura ;  
 Cantemos, vinde, cantae-o:  
 Deus te salve, lindo maio !

A coincidência de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se também nas phantasticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escriptor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades ceremoniosas que então eram signal de civilização e que hoje mattariam de infado : é o mesmo character que se acha na lingua provençal, na difficuldade e no invezado das suas rhymas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objecto, até no infinito número de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tam insipida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciencia os exemplares que nos restam d'essa eschola entre nós,

O CACIONEIRO ditto do Collegio dos Nobres, o de Dom Diniz, o de Rezende, e conhecerá quanto é exacta a observação.

N'este periodo se observa tambem o fundamento de uma das mais characteristics distincções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romantica, da que tambem vulgarmente se chama classica. Essa, a poesia grega e latina tinha um character essencialmente masculino, a todos os respeitos: em seus mais ternos desafogos a mulher sómente apparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do 'sexo mais nobre'. A nossa poesia, ao contrario, deve os mais de seus incantos ao suave character que lhe infundiu a differente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento trasbordava extravagante e inculto; mas depois abrandando-se e cultivando-se, veio a aquietar-se n'essas tranquillias pinturas de affeição social, de felicidade domestica, de gôso ora sereno ora apaixonado, de que pouco ou nada apparece na litteratura chamada classica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem sequer por aquelles (e poucos são) que a foram examinar nos proprios originaes. Os mesmos que se extasiavam com as rhymas de Petrarcha e de seus imitadores, esses mesmos a tractaram de resto. Os minnesingers d'Allemanha, contemporaneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragonezes e gallegos ha muito que se apagou a memoria. já tam familiar á gente portugueza. Aos nossos proprios cantores e juglares só ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmittindo, mas corrompendo tambem suas composições, delicias outr'ora de damas bellas e de cortezãos cavalheiros, hoje entretenimento de alguma pobre velha d'aldea que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas éstas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotonia. Responde a ésta accusação, por parte dos seus minnesingers, o erudito e ele-

gante F. Schlegel : a defeza serve para todos.

A accusação de uniformidade, diz elle, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita especie de ornatos, elles agradam mais separados do que amontoados em massas. A propria Laura não era capaz de ler, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores selhe appresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarcha no decurso de sua vida. — A impressão de uniformidade nasce de vermos estes poemas reunidos em volumosas colecções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus auctores. Mas em verdade não é só canções d'amor, todo o poema lyrico, se elle realmente for fiel á natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuaes, hade circunscrever-se a muito estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A prova e exemplo está nos mais altos generos da poesia lyrica de todos os povos. O sentimento hade occupar o primeiro logar para pcdêr expressar-se com

poesia e fôrça: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importancia muito secundaria. Grandes variedades em poesia lyrica não se acham senão nas epochas de imitação em que se capricha de tratar toda a casta de assumptos em toda a sorte de fôrmas.

Os trovadores do sul da França foram de certo os primeiros inventores da nova arte e nova lingua poetica que em breve se diffundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alahude fez callar as harpas dos bardos theutonicos e quebrar a última desafinada corda da lyra romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio-dia, a sociedade europea fugia para o spiritualismo christão. Exagerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram comtudo os poetas d'este culto, os formuladores d'essa ideia; d'aqui sua popularidade e supremacia.

De nehum ponto na historia litteraria do mundo se falou e escreveu mais do que d'este. E todavia os documentos necessarios para julgar do verdadeiro merito e character da

poesia dos trovadores eram, até há pouco, tam mesquinhos que justamente observou Schlegel: 'todo o mundo fallava dos trovadores e ninguem os conhecia.' Os criticos francezes, e Millot specialmente, occultaram com impenho os poucos originaes que tinham consultado, manifestamente para que ninguem pudesse ajuizar da fidelidade de suas traducções e da justiça de seus conceitos.

Guinguené contentou se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por accaso apresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o stylo ou o gôsto da eschola poetica que examinava; foram tomados á sorte e offerecidos como simples exemplos de linguagem e de fórma metrica: certamente não conheceu, não avaliou nem a fôrça nem a belleza d'aquella lingua, que, se a não julgarmos, como intendeu M. Raynouard, continuada e revivente na lingua portugueza, se pôde considerar uma lingua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juizo sôbre

os trabalhos d'um auctor que pouco ou nada leu das obras que se metteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismondi tambem, que nos manuscriptos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir ler, e se fiava descansadamente nos extractos e traducções de Millot.

Sismondi comtudo já na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha apparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que porfim veio esclarecer ésta tam obscurecida parte da historia litteraria.

Com effeito Raynouard<sup>1</sup> fixou o vago d'estes exames, reformou os antigos erros, suppriu as deficiencias de seus predecessores, formou a grammatica da lingua, imprimiu correctamente os originaes e reuniu os principaes monumentos da lingua e da poesia provençal<sup>2</sup> com diligencia, gôsto e critica.

Póde-se dizer que só depois de apparecer

<sup>1</sup> *Recueil des poésies des troubadours*, por M. Raynouard.

<sup>2</sup> O primeiro conhecido d'estes poetas é Gullherme, nono con le de Poitiers, nascido em 1070 e morto em 1126. O elaborado de seu

o seu livro é que verdadeiramente começámos a conhecer a litteratura dos trovadores d'onde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quasi desde o principio da monarchia e pouco menos que o começo da lingua.

E viesse ella por Catalunha e Aragão, e, atravessando d'ahi a Castella, a Gaia-sciençia nos chegasse por Galliza, ou directamente no'la trouxesse o conde D. Henrique, o certo é que nos primeiros reinados da monarchia nós trovavamos já á provençal; e ahi está a carta do marquez de Santilhana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguem o fizemos em todas as Hespanhas, e que na mesma côrte de Castella o portuguez era a lingua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando cá chegou e se aclimatizou tam depressa como em chão seu proprio, não acharia nenhuns restos da poesia indigena que já os

stylo e a symetria metrica de suas canções mostram claramente que muito antes se devia ter formado e cultivado a lingua para chegar a tal estado.

romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com elles e adoptou a sua lingua, que não consta que morresse, assim como não morreu a nova lingua com o senhorio gotho, nem era para acabar sob os arabes,— que antes esses lhe dariam da sua côr oriental e phantastica, segundo em tudo o mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestigios d'essa poesia indigena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociaes e litterarias, nos singelos poemas narrativos que o nosso povo conserva que ama com tanto affinco, e que não são nem mais queridos nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Hespanhas.

Como porém no seculo xiii começa a apparecer a lingua portugueza propriamente ditta, e n'esse tempo ja o stylo provençal tem o predomonio, as duas litteraturas da côrte e do povo vistas hoje d'esta distancia se confundem aos olhos inexpertos: mas o observador illustrado bem depressa as estrema logo.

As apalpadellas quanto aos periodos mais remotos, eu parece-me achar que a poesia original portugueza — comprehendendo n'esta designação a aborigene, a provençal e a mixta — tem passado por oito phases differentes, cujas transições e duração constituem sette epochas naturaes.

Na primeira collocarei tudo o que, mais ou menos authêntico, tem parecido ser anterior á predominação da eschola provençal, quasi absoluta no reinado de Affonso III e D. Diniz; e comprehende portanto as poucas e incertas reliquias que se dizem existir dos seculos XI e XII. Na segunda epoca já pisâmos terreno historico, e somos alumiados por um grande e inquestionavel documento, o *CANCIONEIRO* ditto do Collegio dos Nobres, e o chamado de D. Diniz que ultimamente se imprimiu em Paris pelo manuscripto do Vaticano. Dura ésta epocha até D. Pedro I. E alguma cousa portanto poderemos tambem já haver do *CANCIONEIRO* de Rezende. Mas certo e fixo tudo é lyrico, são canções ou cantares. O pouco de epico ou de romance narrativo que se attribue a ésta

epoca é a puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escripto.

Começa a terceira epocha em D. Fernando com a introdução do gosto inglez, isto é, nor-mando; e por consequencia com uma certa reacção a favor do genero narrativo.

Aqui triumpha a moda dos romances da Tavola-redonda; elrei Arthur é o typo de toda a cavallaria e de toda a poesia; o condestavei o Mecenaz d'esta eschola, e D. João I o seu Augusto. Já na tradição oral apparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem attribuir a este periodo. Da rainha D. Philippa, de seu filho D. Duarte temos versos escriptos e authenticos; de seu neto, o outro famoso condestavel, um CACIONEIRO inteiro.

Nos reinados de D. Affonso V e D. João II predomina o genero germanico. No CACIONEIRO de Rezende e em outras collecções temos exemplares bastantes no genero lyrico, algum raro porêm do narrativo.

Reputo fechada a epocha com a terminação da idade-média, que todos collocam por ésta

data, pouco mais ou menos, e que nós portuguezes positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta epocha é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil-Vicente. Agora o Palmeirim e a litteratura normando-bizantina triumpham. Pouco depois já é menor o sabor normando nos nossos romances; e já começam a ganhar influencia os romancistas italianos. Parte do CANCEIONEIRO de Rezende pertence tambem a ésta epocha: é todo d'ella o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da litteratura classica. A poesia culta e da còrte perpetuamente se separa da popular, toma as fórmulas italianas e triumpham com Antonio Ferreira. Sá-de-Miranda fica no meio das duas escholas; Camões populariza o genero classico repassando-o, quanto era possivel, do gòsto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções d'esta epocha, tanto escriptos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a affectação bucolica invade o proprio romance, que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e impu-

nhar o cajado de pastor. O gôsto popular, mal satisfeito com a eschola classica, dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza epica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalizam entre nós.

O genio cavalheresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance historico e aventureiro. Conclue-se a quarta epocha com o fim do seculo xvi e da independencia nacional.

O dominio castelhano e a mais forte influencia da sua litteratura formam a quinta epocha. O genero moirisco tinha tomado posse da poesia popular de Castella, e agora invade a de Portugal. Apparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traducções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Mello estão á frente d'esta eschola. A Arcadia é comtudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o genero pastoril triumpho. O povo fica espectador desinteressado n'estas luctas; nem

chorou pelos vencidos, nem sancionou a victoria dos triumphadores. Nem uns nem outros fallavam ao seu coração, às suas paixões, nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achá-la onde nem os grandes nem os sabedores do tempo decerto imaginavam que ella estivesse, mas estava, a verdadeira, a unica nacional d'então, a das trovas e prophecias que lhe fallavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providencia tinha reservado á nação portugueza, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São d'este tempo as prophecias do Bandarra e outras que em si resumem quasi toda a poesia popular da epocha, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora apparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porém não estava morto, só desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a côrte

mostrou-lhe, ao principio, agrado e protecção, mas infastiou se d'elle e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente commum dos baixos *parvenus* e dos nobres degenerados fez-se truão e bobo; os gracejos, os equivocos, as facecias burlescas foram as suas armas, e à força de ridiculo conseguiu reconquistar alguma attenção do público. Tal o achâmos no fim d'esta epocha, tal apparece nas volumosas collecções do tempo, de que na 'Phenix renascida' ha alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez empeiorando de stylo, mas muito alterado o tom, torna o romance a rehabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quasi popular, porque se inspira do genio redivivo da nação para cantar os seus triumphos e a sua glória na expulsão dos castelhanos e nas continuas victorias que sôbre elles alcança. O seu enthusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza; não é o povo que conta as suas victorias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua glória e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As prophcias e as legendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo mau gôsto dos *cultos*, que, arregimentados em uma infinidade de academias dos nomes mais extravagantes e incriveis, conseguem tirar toda a côr à litteratura portugueza de todos os generos e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula, van de toda a expressão, assoprada em pñrases tam descommunaes, em conceitos tam oucos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tam absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda resurge, ainda brota, aqui alli, por entre estes matagaes, o antigo genio do romance peninsular inspirando algumarara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a affectação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Porfim até a metrificacão natural e privativa é abandonada, o romance faz-se a gralha da fábula para vestir as pennas do pavão da fôrma hendecassyllaba; e com este esfôrço de vaidade se torna absurdo, desprezivel, é apupado por

todos os partidos litterarios, e morre esquecido e miseravel.

O triumpho classico foi completo: reina a Arcadia; o seu dominio academico obtem o consenso e o concurso geral: tammanho era o cansaço e fastio que os desvarios d'aquella anarchia sem sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as fórmãs latinas e italianas, o stylo e o pensamento francez por tal modo, que ninguem se lembrava já siquer de que tivesse havido ou pudesse haver outra coisa.

Só o povo-povo, o povo dos campos, as classes menos illustradas da sociedade protestaram em silencio contra este injusto abuso de uma justa victoria, guardando na lembrança, e repetindo entre si, como os hymnos de uma religiãõ proscripta, aquelles primitivos cantares das antigas eras que os doutos desprezavam e perseguiam, confundindo-os no anathema geral que só tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores.

No resto de Hespanha succedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de

proscrever e escarnecer mais a suaverdadeira poesia nacional. A falsa e ridicula imitação da antiguidade classica, amaneirada pelas regras francezas, dominava tudo. Os escriptores do grande rei e os seus alumnos reinavam absolutos. E não só á península iberica se extendia a sua auctoridade: a Italia, a Allemanha, a propria tam ciosa Gran'Bretanha se deixaram avassallar d'estes novos Roldans e Oliveiros que, em singular mas pouco leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mundo, juglares, menestreis, bardos, minnesingers e *tutti quanti*. A propria religião de Camões esfriava em Portugal; um mau Lutheró—frade e graciano como o outro—chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua catholica auctoridade! Calderon era quasi esquecido, quasi desprezado ás margens do Mançanares; ao Dante não o intendiam já nem juravam por elle os seus; o proprio Shakspeare esteve a ponto de succumbir ás traições de Dryden, e de ver Covent-Garden e Drurylane occupados exclusivamente pelas traducções e imitações

dos classicos de Luiz XIV; Goëthe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estendarte da reacção; toda a litteratura da Europa era franceza, amaneirada, monotona, servil, e reduzida a uma esteril unidade rotineira que nada creava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquellas fórmulas pautadas que lhe impunha o fatal regimen da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Allemanha foi a primeira a sacudir o jugo; quasi ao mesmo tempo a Inglaterra; porfim a Italia; e até na propria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassalava menos a ella do que ás nações estrangeiras.

Nós luctavamos então contra a usurpação franceza e a tutella ingleza que, insinuando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo tempo comprimia o impulso popular em seus bons e maus effeitos; apagou o incendio que não queimasse, mas tambem o impediu de purificar e allumiar. A Arcadia já não existia,

mas a sua sombra e o seu nome ainda reinavam. Bocage teria sido o poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia, se elle e os seus discipulos, que poetica e litterariamente reinaram na segunda metade d'esta epocha, não fossem dominados d'aquelle temor, d'aquelle respeito, d'aquelle deferencia com que se inclinavam deante dos preceitos e exemplos da Arcadia em que reconheciam a infallibilidade ecumenica.

Quasi se podia dizer destruida toda a nacionalidade, apagados os ultimos vestigios originaes da nossa poesia, quando no fim do primeiro quartel d'este seculo essa influencia da renascença alleman e ingleza se começou a fazer sentir.

Não quero, por muitos motivos, e alguns d'elles personalissimos, não quero entrar aqui em disputas de preferencia, e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais proximos: direi somente que em Hespanha portuguezes e castelhanos despertaram quasi ao mesmo tempo, e começaram a abrir os olhos sôbre a triste figura que estavam fazen-

do na Europa em renegar da fidalga origem de suas bellas linguas e litteraturas, prostituindo-as em tam humilhante servidão franceza que por fins tinham chegado a nem ja quasi ousar imitar os seus modelos: traduziam só, traduziam palavra a palavra; e da propria phrase, do genio de seu idioma se invergonhavam.

Despertámos porêm; e commum nos foi o pensamento, quasi simultaneo o esfôrço, a castelhanos e a portuguezes; foi uma verdadeira reacção iberica; as duas linguas cultas da peninsula appareceram unidas por um tacito pacto de familia, animadas do espirito redivivo de seus avós communs na causa da restauração commum.

Pede todavia a verdade historica, a justiça manda que se faça uma grande e notavel distincção no apreciar do respectivo contingente de esforços com que cadauma d'ellas contribuiu para ésta guerra de independencia.

Assim como na resistencia ao dominio da espada franceza, os portuguezes foram mais

ajudados pelos seus antigos alliados os inglezes, e o resto d'Hespanha luctou mais de proprio marte e por singular esfôrço seu; tambem no sacudir o jugo academico estrangeiro e em proclamar a independencia da litteratura patria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos inglezes e allemães, especialmente e largamente pelos ultimos: a nós ninguem nos ajudou, ninguem combateu a nosso lado, ninguem nos ministrou armas, munições, soccôrro o mais minimo.

Seja-me permittido tomar aqui, n'este ponto de historia litteraria ja contemporanea, a mesma liberdade de que para si usou, na historia politica, o illustre conde de Toreno. Historiador coevo, elle teve de fallar de si e de seus feitos como soldado e como homem público n'essas honrosas lides da guerra peninsular: ou forçosamente tenho de fallar de meus pobres trabalhos de escriptor, trabalhos quasi infantis, é verdade, mas com os quaes e por cuja voz timida e balbuciante, rompeu todavia a primeira acclamação da nossa independencia litteraria.

Desde 1825-26, que foi publicada a DONA BRANCA e O CAMÕES, datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a 'Adozinda' e o 'Bernal-Francez' se firmou o estendarte da restauração. Separado logo depois e por mais de dez annos, pelos cuidados e lidas politicas, de quasi todo o trabalho litterario, tive comtudo a satisfação de applaudir aos muitos e illustres combatentes que foram entrando na lice; vi lavrar milagrosamente o fogo sancto, e junctei o meu retirado clamor aos hymnos da victoria que derrotou para sempre os pretendidos classicos, os zangãos academicos, os estrangeiros de todas as côres e feitios.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a apprehender n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, ja Grimm, Rodd, Depping, Muller e outros varios tinham publicado importantes trabalhos sôbre as tam preciosas quanto mal-estimadas antigas collecções castelhanas: ja M.<sup>me</sup> de Stael e Sismondi tinham exaltado sua grande importancia lit-

teraria. E todavia só muito depois d'isto publicou em França o Sr. duque de Rivas o seu 'Moro exposito' que foi o primeiro signal da reacção castelhana, e emfim em 1832 o Sr. Duran o seu ROMANCEIRO que a completou.

D'aqui por deante é geral e unanime em toda a peninsula o movimento litterario. Buscam-se os codigos antigos, comparam-se, estudam-se, reimprimem-se.

O nosso cancionero passou sempre por ser o mais ricco; e é decerto o mais antigo, porque as citadas collecções de Rezende, do Collegio dos Nobres, e de D. Diniz vão até o seculo XIII e XIV. Romanceiro, torno a dizer, não o colligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de varios auctores e por alguns raros manuscriptos, anda uma grande riqueza que ainda se não trattou de ajuntar e apurar como ella merece e como tanto precisâmos.

Sobre isto trabalho ha muitos annos, conforme ja o disse no primeiro livro d'esta collecção, o qual todavia, repitto, só deve considerar-se como introducção a este que

agora chamo segundo, mas que em realidade vem a ser o primeiro do ROMANCEIRO.

Não pude seguir a ordem chronologica, como era tanto para desejar, na collocação d'estas antigas e preciosas reliquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tampouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assumptos do Sr. Duran, que á fôrça de systematica lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tam minuciosas que, por muitas demais, confundem em lugar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que successivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte poragora toda a idea de cancionero, não contemplei senão o que é strictamente materia de romanceiro, e assim distribui porfim a minha collecção em cinco livros; a saber:

- Livro I. Romances da renascença, imitações, reconstrucções e estudos meus sôbre o antigo;
- Livro II. Romances cavalherescos antigos de aventuras, e que ou não teem referencia à historia, ou não a teem conhecida;
- Livro III. Lendas e prophcias;
- Livro IV. Romances historicos compostos sôbre factos ou mythos da historia portugueza e de outras.
- Livro V. Romances varios, comprehendendo todos os que não são epicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações d'estas epochas. Nem os perfeitos limites d'ellas, nem a exacta classificação de todos os documentos e exemplares que ajuntei, pretendo defender com certeza, porque é impossivel tê-la em taes materias quem está de boa fe-

Tal é o methodo que segui. E taes são os principios, taes foram os sentimentos que me fizeram imprehender ésta difficil tarefa, per-

severar n'ella tantos annos apesar de tantas difficuldades, abhorrecimentos e contrariedades sem número.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciencia de fazer um grande serviço ao meu paiz, e de contribuir com um contingente não desprezível para a illustração da historia das linguas e das litteraturas da Europa.



# ROMANCEIRO

LIVRO SEGUNDO

PARTE SEGUNDA

—

|

BELLA INFANTA



Esta é sem questão a mais geralmente sabida e cantada de nossas xácaras populares, a 'Bella Infanta.'

Os criticos e collectores da nação vizinha e parente collocam alguns romances, que são visiveis fragmentos d'este, entre os seus mais antigos e mais populares, d'aquelles cuja vetustade se perde talvez nas trevas do décimo-terceiro seculo. É sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam thema aos poetas para trovarem sôbre elles, ou os applicarem aos factos do seu tempo. É o que se vê nos referidos fragmentos<sup>1</sup> que se encontram entre os primeiros das vastas collecções de Duran e de Ochoa.

Digo que esta é uma verdadeira xácara,

<sup>1</sup> *Tesoro de romanceros*, ed. de Ochoa, Paris 1838, pag. 2 e 9.

porque, feita a introdução, o poeta retirase e deixa aos seus interlocutores contar a historia toda.

No quinto acto do 'Alfageme' introduzi, com algumas alterações indispensaveis, ésta xácara, fazendo-a cantar por um côro de mulheres do povo, á hora do trabalho; e observei o sensivel prazer que tinha o publico em ver recordar as suas antiguidades populares, que nem ainda agora deixaram de lhe ser caras. Mas por mais que fizesse, não consegui que as cantassem a uma toada propria e imitante, quanto hoje pôde ser, da melopea antiga com que ha seculos andam casadas essas trovas. Ainda em cima, os cantores desaffinavam e iam fôra de tempo na musica italiana e complicada que lhes pøzeram. Apesar de tudo, os espectadores avaliaram a intenção e a applaudiram.

Não sei de outra alguma d'estas composições populares que tenha por assumpto um successo ligado com a guerra das cruzadas: até por isso é interessante.

No corrigir do texto segui, como faço

quasi sempre, a licção da Beirabaixa, que é a mais segura. As poucas licções várias dignas de se notar vão apontadas.

Uma variante completa, que me enviou ha pouco uma senhora do Minho, merece comtudo ser transcripta por extenso: aqui a ponho junctamente com os fragmentos castelhanos, no appendice que vai no fim.

Na estimada collecção de antigas trovas e romances inglezes, pelo bispo Percy, vem uma ballada, que elle considera dos principios do seculo décimosexto, em que ha visivel imitação d'esta. Sabe-se muito bem quanto a poesia ingleza, desde Chaucer até Shakspeare, andou correndo aventuras pela romantica e incantada terra das Hespanhas. A ballada ingleza é um dialogo entre um viajante e um romeiro; começa assim:

—'As ye came from the holy land  
Of blessed Walsingham,  
Ó met you not my true love  
As by the way ye came?'  
—'Hew should I know your true love  
That have met many a one? . . ' 1

1 Percy's *Reliques of Ancient English Poetry*, Londres 1823, sect. II, book I, pag. 261.

D'esta preciosa collecção, disse um grande intendedor<sup>1</sup>: — O gôsto com que foram escolhidos os materiaes, a extrema felicidade com que foram illustrados, a riqueza de conhecimentos archeologicos, e de licção classica em que abunda a collecção, torna difficil imitar, impossivel exceder, uma obra que para sempre ha de ser tida como a primeira da sua classe em merecimento.

1 W. Scott, *Minstrelsy of the Scottish Borders*.

## BELLA INFANTA

Estava a bella infanta  
No seu jardim assentada,  
Com o pente d'ouro fino  
Seus cabellos penteava.  
Deitou os olhos ao mar  
Viu vir uma nobre armada;  
Capitão que n'ella vinha,  
Muito bem que a governava. <sup>1</sup>  
— 'Dize-me, ó capitão <sup>2</sup>  
D'essa tua nobre armada,  
Se encontraste meu marido  
Na terra que Deus pisava.

1 Que a guiava — *Lisboa*.

2 Dize-me ó cavalleiro,  
Os signaes... — *Ribatejo*.

—‘Anda tanto cavalleiro  
 N’aquella terra sagrada...  
 Dize-me tu, ó senhora,  
 As senhas que elle levava.’  
 —‘Levava cavallo branco,  
 Sellim de prata doirada;  
 Na ponta da sua lança<sup>3</sup>  
 A cruz de Christo levava.’  
 —‘Pelos signaes que me deste<sup>4</sup>  
 Lá o vi n’uma estacada  
 Morrer morte de valente:  
 Eu sua morte vingava.’  
 —‘Ai triste de mim viuva,  
 Ai triste de mim coitada!  
 De tres filhinhas que tenho,  
 Sem nenhuma ser casada!...  
 —‘Que darias tu, senhora,  
 A quem n’o trouxera aqui?’  
 —Dera-lhe oiro e prata fina,

3 Nos punhos da sua espada.—*Extremadura*.

4 Pelos signaes que me deste,  
 Lá o vi morto ás lançadas,  
 Que a mais pequena que tinha  
 Era a cabeça passada.—*Várias*.  
 Pelos signaes que me deste,  
 Lá morren ás cutilladas,  
 Que a mais pequena que tinha  
 Era a cabeça cortada.—*Várias*.

Estas variantes são ambas muito geraes, e talvez sejam  
 melhores do que o texto que adoptei.

Quanta riqueza ha por hi.’  
 —‘Não quero oiro nem prata,  
 Não n’os quero para mi:  
 Que darias mais, senhora,  
 A quem n’o trouxera aqui?  
 —‘De tres moinhos que tenho,  
 Todos tres t’os dera a ti;  
 Um moe o cravo e a canella <sup>5</sup>,  
 Outro moe do gerzeli <sup>6</sup>:  
 Ricca farinha que fazem!  
 Tomára-os elrei p’ra si.’  
 —‘Os teus moinhos não quero,  
 Não n’os quero para mi:  
 Que darias mais, senhora,  
 A quem t’o trouxera aqui?’  
 —‘As telhas do meu telhado  
 Que são de oiro e marfim.’  
 —‘As telhas do teu telhado  
 Não n’as quero para mi:  
 Que darias mais, senhora,  
 A quem n’o trouxera aqui?’  
 —‘De tres filhas que eu tenho <sup>7</sup>,

5 Este verso pelas suas allusões se vê que é moderno comparativamente; foi introduzido de certo por lição muito posterior ao romance; o que se encontra a miudo.

6 Gerzelim, em arábico *Jolzelim*, semente redonda e oleosa ou uma planta de que se faz doce, e d’ella moida também oleo que serve para o comer.

7 De tres filhas que eu tenho  
 Todas tres te hei de dar;

Todas tres te dera a ti:  
 Uma para te calçar,  
 Outra para te vestir,  
 A mais formosa de todas  
 Para comtigo dormir.  
 —‘As tuas filhas, infanta,  
 Não são damas para mi:  
 Da-me outra coisa, senhora,  
 Se queres que o traga aqui.  
 —‘Não tenho mais que te dar,  
 Nem tu mais que me pedir <sup>8</sup>.’  
 —‘Tudo, não, senhora minha,  
 Que inda te não deste a ti.’  
 —‘Cavalleiro que tal pede,  
 Que tão villão é de si <sup>9</sup>.  
 Por meus villões arrastado  
 O farei andar ahi  
 Ao rabo do meu cavallo <sup>10</sup>.  
 Á volta do meu jardim.  
 Vassallos, os meus vassallos,

Uma para te vestir,  
 Outra para te calçar;  
 A mais formosa de todas  
 Para comtigo casar.— *Extremadura*.

Esta variante assás vulgarisada é comtudo uma *pruderie* moderna de linguagem que se introduziu visivelmente quando a hypocrisia pediu a decencia na falla que faltava nos costumes.

8 Quanto tinha offereci.— *Beiraalta*.

9 Que pede e torna a pedir.— *Extremadura*.

10 Ao rabo do meu cavallo.— *Ribatejo*.

Acudi-me agora aqui!  
—‘Este anel de sette pedras  
Que eu contigo reparti...  
Que é d’ella a outra metade?  
Pois a minha, vê-la ahi!’  
—‘Tantos annos que chorei <sup>11</sup>,  
Tantos sustos que tremi!...  
Deus te perdoe, marido,  
Que me ias mattando aqui.’

11 Os ultimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços ; precisacs não são.

## VARIANTE PORTUGUEZA

Que parece uma versão mais moderna do original antigo

Dona Clara, dona infante 1  
 Estava no seu jardim,  
 Penteando tranças de ouro  
 Com seu pente de marfim,  
 Sentada n'uma almofada  
 De veludo cramezim.  
 Botou os olhos ao mar  
 E avistou formosa armada :  
 Capitão que a governava  
 Que bem a traz preparada !  
 Saltou em terra elle só  
 Com a vizeira callada,  
 Vem saudar a dona infaute  
 Que assim triste lhe fallou :  
 —'Viste tu o meu marido  
 Que ha tempo que me deixou ?  
 —'Teu marido não conheço,  
 Diz-me que signaes levoa.'  
 —'Levou seu cavallo branco  
 Com sua sella dourada,  
 Na ponta da sua lança  
 Uma fita encarnada ;  
 Um cordão do meu cabello  
 Que lhe prendia a espada.  
 Se porém tu não viste,  
 Cavalleiro da cruzada,

1 Infante no femenino é um latinismo dos seculos XV e XVI que nunca foi popular, me persuado.

Ó triste de mim viuva,  
Ó triste de mim coitada !  
De tres filhas que eu tenho  
E nenhuma ser casada.’  
—‘Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi :  
Mas quanto deras, seubora,  
A quem o trouxera aqui ?’  
—‘Dera-te tanto dinheiro  
Que não tem conto nem fim ;  
E as telhas do meu telhado  
Que são de oiro e marfim.’  
—‘Não quero oiro ou dinheiro,  
Que me não pertence a mi :  
Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi.  
Quanto deras mais, senhora,  
A quem o trouxera aqui ?’  
—‘Dera-te as minhas joias  
Que não teem pêzo e medida ;  
Dera-te o meu tear de oiro,  
Roca de prata pulida.’  
—‘Não quero oiro nem prata :  
Com ferro minha mão lida.  
Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi :  
Mas quanto deras, senhora,  
A quem n’o trouxera aqui ?’  
—‘De tres filhas que eu tenho,  
Eu t’as dera a escolher,  
São formosas como a lua,  
Como o sol a amanhecer.’  
—‘Eu não quero tuas filhas,  
Não me podem pertencer.  
Sou soldado, ando na guerra’  
Nunca teu marido vi :

Mas quanto deras, senhora,  
A quem n'ó trouxera aqui ?'  
—'Não tenho mais que te dar  
Nem tu mais que me pedir.'  
—'Inda tens mais que me dar,  
Não estejas a mentir ;  
'Tens teu leito de oiro fino  
Onde eu quizera dormir.'  
—'Cavalleiro que tal diz  
Merece ser arrastado  
Em roda do meu jardim,  
Aos pés de um cavallo atado.  
Vinde cá, criados meus,  
Castigae este soldado.'  
—'Não chames os teus criados  
Que criados são de mi.'  
—'Se tu és o meu marido  
Porque me fallas assim ?'  
—'Por ver se me eras leal  
E' que disfarçado vim.  
Lembras-te, ó dona infante,  
Quando eu d'aqui sahi,  
O anel de sette pedras  
Que contigo reparti ?  
Se as tuas não perdeste,  
As minhas ei-las squi.'  
—'Vinde cá, ó minhas filhas,  
Vosso pae é já chegado.  
Abri-vos, portão de jaspe  
Ha tanto tempo fechado !  
Folgae, folgae, meus vassallos,  
Que é dom infante a meu lado.'

## FRAGMENTOS DE LIÇÃO CASTELHANA

## I

Estaba la linda infanta  
A la sombra de una oliva,  
Peine d'oro en las sus manos,  
Los sus cabellos bien cria.  
Alzó sus ojos al cielo  
En contra do el sol salia,  
Vió venir un fuste armado  
Por Guadalquivir arriba :  
Dentro venia Alfonso Ramos,  
Almirante de Castilla.  
—'Bien vengais, Alfonso Ramos,  
Buena sea tu venida,  
Y ¿ qué nuevas me traedes  
De mi flota bien guarnida ?  
—'Nuevas te tralgo, señora,  
Si me aseguras la vlda.'  
—'Decildas, Alfonso Ramos,  
Que segura te sería.'  
—'Allá á Castilla la llevan  
Los moros de Berbería.'  
—'Si no me fuese porque,  
La cabeza te cortaria.'  
—'Si la mia me cortases,  
La tuy te costaria 1.'

1 *Romanceiro*, Ochoa, pag. 3.

## II

‘Caballero de lejas tierras,  
Llegaos a cá, y pareis  
Hinquedes la lanza en la tierra,  
Vuestro caballo arrendeis,  
Preguntaros he por nuevas  
Si mi esposo conoceis.’  
—‘Voestro marido, señora.  
Decid ¿ de que señas es?’  
—‘Mi marido es mozo y blanco  
Gentil hombre y bien cortés,  
Muy gran jugador de tablas,  
Y tambien del ajedrez,  
En el pomo de su espada  
Armas trae de un marqués 1.’

1 *Romanceiro*, Ochoa, pag. 9.

II

O CAÇADOR



Os criticos d'Allemanha e de Hespanha contam entre os mais antigos romances da Peninsula este que os nossos visinhos chamam da 'Infantina' e nós do 'Caçador.' Também me parece o mesmo. Lockhart, o elegante traductor inglez<sup>1</sup>, extasia-se na admiravel belleza de sua poesia tam original e tam simples. Mais pasmára se o visse no texto portuguez como no'-lo conservou a memoria do povo, muito mais bello e muito mais original do que anda nas collecções castelhanas d'onde elle Lockhart o traduziu.

E todavia essas são dos meados do seculo dezeseis. Tres seculos depois, ainda a tradição portugueza o tem n'esta perfeição. Forçosamente ou foi escripto no nosso dialecto que, segundo o tantas vezes citado e

<sup>1</sup> *Ancient spanish ballads, historical and romantic, translated with notes, by J. G. Lockhart Esq. London, 1851.*

não suspeito testemunho do marquez de Sautillana<sup>1</sup>, era o preferido para se trovar na mesina côrte de Castella, e fôra o primeiro em que se fizeram versos; — ou, o que me parece mais provavel, foi composto na linguagem ainda commum e pouco discriminada que prevalecia, ao principio da reconquista, na povoação christan das Hespanhas.

Accresce que o romance castelhano, propriamente dito, nunca se lançou no maravilhoso das fadas e incantamentos que a eschola celtica de França e Inglaterra, e mais ainda a neo-grega de Italia fizeram depois tam familiar na Europa: Os severos descendentes de Pelaio não tinham mythologia nos seus poemas, cantados ao som da lança no escudo e a compasso das cutilladas. O sobrenatural d'esta historia parece-se mais com as crenças, e superstições, ainda hoje existentes no nosso povo, das moiras incantadas, das aparições da manhã de San'João, e de outros mythos nacionaes, tam bellos, tam queridos da gente portugueza, e tam despre-

<sup>1</sup> Na collecção de Sanches. Madrid, 1779.

zados—ainda inal!—ate agora pelos nossos poetas.

Seja porê m como for, o romance do 'Caçador' pertence à poesia popular portugueza, é de immemorial antiguidade; e como a tal lhe dou aqui logar entre as reliquias mais originaes da nossa primitiva litteratura.

Ponho, além das variantes, a versão ou licção dos romanceiros castelhanos, e a traducção ingleza, que é mais paraphrase ou imitação que traducção.

A moralidade da fábula — se permitem a palavra os escrupulosos — é a mesma que a da 'Maré do carvoeiro'; occasião perdida, occasião que não volta. A historia do 'Capote novo' e outras muitas do 'Decameron popular,' que é pena serem tam sôltas e verdes que se não podem escrever, illustram a mesma sentença e rifão. Bocacio e Lafontaine achariam nos contos tradicionaes do novo povo com que enriquecer muito as 'Cem novellas novas' de suas gaiatas collecções.



## O CAÇADOR

O caçador foi á caça,  
A caça, como sohia <sup>1</sup>  
Os cães ja leva cançados,  
O falcão perdido havia.  
Andando se lhe fez noite <sup>2</sup>  
Por ua mata sombria,  
Arrimou-se a uma azinheira,  
A mais alta que alli via.  
Foi a levantar os olhos,  
Viu coisa de maravilha:  
No mais alto da ramada <sup>3</sup>  
Uma donzella tam linda!

1 Á caça de montaria — *Alemejo*.

A caça de altanaria — *Tras-os-Montes*.

2 Fez-se noite no caminho — *Beiralta*.

3 *Ramada* pelo ajuntamento de ramos naturaes na mesma  
árvore.

Dos cabellos da cabeça  
A mesma árvore vestia,  
Da luz dos olhos tam viva  
Todo o bosque se allumia.

Alli fallou a donzella,  
Ja vereis o que dizia:  
--'Não te assustes, cavalleiro,  
Não tenhas tammanha frima.  
Sou filha de um rei c'roado,  
De uma bemditta rainha.  
Sette fadas me fadaram,  
Nos braços de mi' madrinha,  
Que estivesse aqui sette annos,  
Sette annos e mais um dia;  
Hoje se acabam n'os annos,  
A'manhan se conta o dia;  
Leva-me, por Deus t'ó peço,  
Leva em tua companhia.  
—'Espera me aqui, donzella,  
Té ámanhan, que é o dia;  
Que eu vou a tomar conselho,  
Conselho com minha tia.  
Responde agora a donzella,  
Que bem que lhe respondia!

fazendo sombra e abrigo, é a significação classica e natural. No Minho chamam *ramada* aos parreirões e latadas de vinha feitos com ramos, varas e cannas, etc.

--'Oh, mal haja o cavalleiro,  
 Que não teve cortezia:  
 Deixa a menina no souto <sup>4</sup>  
 Sem lhe fazer companhia!'

Ella ficou no seu ramo,  
 Elle foi-se a ter co'a tia...  
 Ja voltava o cavalleiro  
 Apenas que rompe o dia,  
 Corre por toda essa mata,  
 A enzina não descubria.  
 Vai correndo e vai chamando  
 Donzella não respondia;  
 Deitou os olhos ao longe,  
 Viu tanta cavallaria,  
 De senhores e fidalgos  
 Muito grande tropelia <sup>5</sup>.  
 Levavam n'a linda infanta,  
 Que era ja contado o dia.  
 O triste do cavalleiro  
 Por morto no chão cahia;

4 Deixa a menina no monte — *Beirabaixa*.

*Souto* parece mais minhoto; mas assim vem n'uma cópia da Extremadura.

<sup>5</sup> *Tropelia*, em portuguez casto e classico, é o tumulto que se faz em tropel; e tambem a injúria que se faz a alguem, a alguma coisa, *atropelando* direitos, posses, pessoas, razões ou conveniencias. Aqui está o derivado pelo original ou primitivo; e para mim o povo é tambem um classico.

Mas ja tornava aos sentidos  
E a mão á espada mettia:  
--'Oh, quem perdeu o que eu perco  
Grande penar merecia!  
Justiça faço em mim mesmo  
E aqui me acabo co'a vida.'

## LIÇÃO CASTELHANA

A cazar va el caballero,  
A cazar como aolla ;  
Los perros lleva cansados,  
El falcon perdido habia,  
Arrimárase á un roble,  
Altos es á maravilla.  
En una rama mas alta,  
Viera estar una infantina,  
Cabellos de su cabeza  
Todo aquel roble cubrian.  
—'No te espantes caballero,  
Ni tengas tamaña grima,  
Hija soy yo del buen rey  
Y la reina de Castilla :  
Siete fadas me fadaron  
En brazos de un ama mia,  
Que andase los siete años  
Sola en esta montiña.  
Hoy se cumplan los siete años.  
O mañana en aquel dia :  
Per Dios te ruego, caballero,  
Llévesme en tu compañía.  
Si quisieres por muger,  
Si no, sea por amiga.'  
—'Esperáisme vos, señora,  
Hasta mañana aquel dia,  
Iré yo a tomar consejo  
De una madre que tenia.  
La niña le respondiera  
Y estas palabras decla :  
—' ¡ O mal háy el caballero  
Que sola deja la niña !'

El se va á tomar consejo  
Y ella queda en la montiña.—  
Aconsejóle su madre  
Que la tome por amiga.  
Cuando volvió el caballero  
No hallára la infantina,  
Viola que la llevaban  
Con muy gran cabellería.  
El caballero que la vido  
En el suelo se caía :  
Desque en sí hubo tornado  
Estas palabras decía :  
—‘Caballero que tal pierde,  
Muy gran peua merescía :  
Yo mismo seré el alcalde,  
Yo me seré la justicia :  
Que me corten pies y manos  
Y me arrastren por la villa. 1

## TRADUÇÃO INGLEZA

The knight had hunted long, and twilight closed the day,  
His hounds were weak and weary, his hawk had flown away;  
He stopped beneath an oak, an old and mighty tree,  
Then out the maiden spoke, and a comely maid was she.

The knight had lift his eye the shady boughs between;  
She had her seat on high, among the oak-leaves green:  
Her golden curls lay clustering above her breasts of snow,  
But when the breeze was westering, upon it they did flow,

—‘Oh, fear not, gentle knight! there is no cause for fear;  
I am a good king’s daughter, long years enchanted here;  
Seven cruel fairies found me,— they charmed a sleeping child;  
Seven years their charm hath bound me, a damsel undefiled.

‘Seven weary years are gone since o’er me charms they threw;  
I have dwelt here alone,— I have seen none but you.  
My seven sad years are spent; — for Christ that died on rood,  
Thou noble knight consent, and lead me from the wood!

‘Oh, bring me forth again from out this darksome place!  
I dare not sleep for terror of the unholy race.  
Oh, take me, gentle sir! I’ll be a wife to thee.’—  
I’ll be thy lowly leman, if wife I may not be!

—‘Till dawns the morning, wait, thou lovely lady, there;  
I’ll ask mother straight, for her reproof I fear.’

—‘Oh, ill beseems thee, knight!’ said she, that maid forlorn,  
‘The blood of kings to slight, a lady’s tears to scorn!’

He came when morning broke, to fetch the maid away.  
But could not find the oak wherein she made her stay :  
All through the wilderness he sought in bower and tree ;—  
Fair lordlings, well ye guess what weary heart had he !

There came a sound of voices from up the forest glen,  
The King had come to find her with all his gentlemen,  
They rode in mickle glee — a joyous cavalcade —  
Fair in the midst rode she, but never word she said.

Though on the green he knelt, no look on him she cast —  
His hand was on the train were past :  
—‘Oh, shame to knightly blood ! Oh, scorn to chivalry  
I’ll die within the wood : no eye my death I shall see !’

III

A INFEITIÇADA



É claramente de origem franceza, e vir-nos-hia porventura com os cavalleiros e os tropeiros do conde D. Henrique, o lindo romance da 'Donzella infeitiçada.' Foi talvez um *fabliau* na sua terra? Quem sabe?

Aqui é elle muito antigo; castelhanos e portuguezes o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros terão razão. Em algumas das nossas provincias anda confundido, na versão oral, com o romance precedente do 'Caçador' e custa a desinvençillhá-los.

Collacionando-o com a cópia castelhana que adeante vae, notar-se-ha quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto portuguez: conhece-se muito mais n'elle o tom e o

sainete sempre picante do genio francez, que do principio foi o que é e hade ser, leve, facil e ingraçado com donaire e agudeza.

Chamam-lhe em Castella 'Romance de la infanta de Francia.'

A anecdota não está nos nossos costumes nem nos de nossos vizinhos, nem siquer nos costumes das eras cavalherescas. Tambem não é ainda do cyclo da Tavola-redonda, de quando os nossos mesmos romanistas punham todas as suas scenas no paiz dos Arthures e Amadizes. Essa eschola prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos d'el-rei D. Fernando em cuja côrte dominavam já muito as modas e gôsto inglez que depois triumpharam absolutamente no reinado de seu irmão e successor.

O ar d'esta pequena peça é muito mais antigo; e por tal a teem os criticos e collectores castelhanos,

## A INFEITIÇADA

Vai correndo o cavalleiro,  
A Paris levava a guia,  
Viu estar uma donzella  
Sentada na penha fria:  
—‘Que fazeis aqui donzella?’  
Que fazeis ó donzellinha?’  
—‘Vou-me á côrte de Paris<sup>1</sup>  
Donde padre e madre tinha;  
Perdi-me no meu caminho,  
Pus-me a esperar companhia;  
Cançada estou de esperar  
Sentada na penha fria,

<sup>1</sup> Vou me á côrte de França.— *Extremadura.*

Se te praz, ó cavalleiro <sup>2</sup>,  
 Leva me em tua companhia.<sup>3</sup>  
 Respondeu-lhe o cavalleiro:  
 —‘Pois que me praz, vida minha,  
 Lá no meio do caminho  
 De amores a requeria;  
 A donzella muito inchuta <sup>3</sup>  
 Lhe disse com ousadia:  
 —‘Tem-te, tem-te, cavalleiro,  
 Não faças tal villania;  
 Que, antes que me baptisassem  
 Me deram feitiçaria:  
 Sette bruxas me imbrucharam  
 Antes que eu fosse á pia;  
 O homem que a mim se chegasse,  
 Malato <sup>4</sup> se tornaria.’  
 Não responde o cavalleiro <sup>5</sup>,  
 Todo na sella tremia.

<sup>2</sup> Quereis vós, ó cavalleiro,  
 Que eu va em vossa companhia?  
 Respondeu-lhe o cavalleiro:  
 —‘Pois não quero minha vida!—*Ribatejo*.

<sup>3</sup> A donzella mui sisuda,  
 Sem ter medo, lhe dizia—*Beiralta*.

<sup>4</sup> Malato era o homem livre que descia á condição quasi de servo e villão. No sentido figurado—que parece ser o que domina—homem perdido, tolhido, invallicido?

<sup>5</sup> O cavalleiro com medo  
 Tremendo lhe respondia—*Alentejo*.

Lá para o fim do caminho <sup>6</sup>  
A donzella que surria.  
--'De que vos rides, donzella,  
De que rides, donzelliniha?'  
- 'Não me rio do cavallo  
Nem da sua fitaria,  
Rio-me do cavalleiro,  
Mais da sua covardia;  
Com a donzella á garupa  
E catou-lhe cortezia;  
Soube guardar-se das môças  
E bruchas velhas temia.  
--'Atraz, atraz, ó donzella,  
Atraz, atraz, donzelliniha,  
Que na fonte onde bebêmos  
Deixo uma espora perdida.'  
--'Cavalleiro, adeante, adeante,  
Que eu atraz não tornaria.  
Se a sua espora é de prata,  
Meu pae de oiro lh'a daria;  
Que ás portas de meu pae <sup>7</sup>  
Se mede oiro cada dia.'  
--'Dizei-me vós ó donzella,  
Dizei-me de quem sois filha'  
--'Sou filha d'elrei de França  
E da rainha Constantina.'

<sup>6</sup> Passado largo caminho—*Beiralta*.

<sup>7</sup> Que ás portas do meu palacio—*Extremadura*.

--'Arrenego eu de mulheres  
Mais de quem n'ellas se fia!  
Cuidei de levar amante,  
Levo uma irman minha <sup>8</sup>.'

8 Depois d'estes versos a lição do Minho accrescenta, em fôrma de moralidade que faz o trovador, o que aqui está na bôcca do cavalheiro:

Arrenego eu de mulheres,  
Mais de quem n'ellas se fia!

## VERSÃO CASTELHANA

De Francia partió la niña,  
De Francia la bien guarnida;  
Ibase para Paris,  
De padre y madre tenia:  
Errado lleva el camino,  
Errada lleva la via:  
Arrimarase a un roble  
Por esperar compañía.  
Vió venir un caballero,  
Que à Paris lleva la guia.  
La niña desque lo vido  
Desta suerte le decia:  
—‘Si te place, caballero  
Llévesme en tu compañía.’  
—‘Placeme, dijo, señora,  
Placeme, dijo, mi vida.’  
Apeóse del caballo  
Por hacerle cortesia;  
Puso la niña en las ancas  
Y sublérase en la silla:  
En el medio del camino  
De amores la requeria.  
La niña desque lo oyera  
Dijole con osadia:  
—‘Tate, tate, caballero,  
No hajas tal villania:  
Hija soy yo de un malato  
Y de una malatia.  
El hombre que á mi llegase  
Malato se tornaria.  
Con temor el caballero  
Palabra no respondia.

Yá a la entrada de París  
La niña se sonreía.  
—‘De que os reis, mi señora,  
De que oa reis, vida mia?’  
—‘Riome del caballero  
Y de su gran cobardía.  
Tener la niña en el campo  
E catarle cortesía!’  
Con verguenza el caballero  
Estas palabras decía:  
—‘Vuelta, vuelta, mi señora,  
Que una cosa se me olvida.’  
La niña, como discreta,  
Dijo: —‘Yo no volvería,  
Ni persona, aunque volviere,  
En mí cuerpo tocaría:  
Hija soy del rey de Francia  
Y la reina Constantina,  
El hombre que á mi llegase  
Muy caro le costaría.’

IV

CONDE YANNO



Sir Walter Scott diz, em alguma parte do 'Cancioneiro das fronteiras da Scocia', que os romances populares foram quasi todos em sua origem poemas mais longos e mais completos, que os menestreis depois incurtavam e truncavam para os poderem cantar em dous ou tres *lays* quando muito, como quem diz, em duas ou tres cantigas: o que na integra era impossivel. Que d'ahi ficaram assim pela memoria do povo, e assim vieram até nós.

Se tal é — e eu não defendo nem impugno agora a theoria — digo que este bello romance do 'Conde Yanno' algum menestrel portuguez accoaccommodou ao gôsto popular contrahindo-o do pœemeto castelhano que alli se chama do 'Conde Alarcos e da infanta Solisa'.

Em algumas provincias nossas tambem lhe chamam 'Conde Alarcos', n'outras 'Conde Anardos'; e até n'outras, por muito visivel rebaptisação heretica, 'Dom Duarte, e Conde Alberto', Tamsomente nos districtos mais sertanejos do reino e menos proximos do contacto castelhano apparece 'Conde Yanno.'

Yanno é a mais antiga degeneração do grego e latino *Ἰωάννης*, *Joannes*, — dos quaes tanto mais proximo está do que os modernos *Juan*, *João* dos dous dialectos cultos das Hespanhas.

Assim o nome como o modo de dizer 'Conde Yanno' (Conde João) em vez de 'Conde de tal' indicam já grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel portuguez do que vice-versa. E ou ésta é uma excepção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ella não é regra, absoluta pelo menos.

A verdade hade estar no meio, que é o costume.

Juncto a composição castelhana, e a linda versão ingleza de Lockhart: ambas illustram

o texto e a questão. Comparando-as com o romance portuguez, facilmente se dará a palma a este, assim no stylo como na invenção. Tem mais drama e mais peripecias, respira mais suave melancholia e mais casto, e porfim termina com um inesperado successo que dá prazer,

Lembra-me, em pequeno, a immensa alegria que eu tinha quando a minha Brigida<sup>1</sup> velha, criada que nos contava e cantava éstas historias, chegando ao passo em que a condessa ia morrer ás mãos do seu ambicioso e indigno marido, mudava derepente de tom na sua sentida melopea, e exclamava:

'Tocam n'os sinos na sé...  
Ai Jesus, quem morreria?..

Morria a má infanta que descasava os bem casados, e a pobre condessa escapava. Que fortuna! Tirava-se um pêso do coração á gente, e a historia acabava como devia de ser.

As despedidas da condessa moribunda 'a tudo que mais queria', ás suas flores, ao seu

1\_Ésta criada Brigida ja foi cantada na DONA BRANCA.

filhinho, são admiráveis aqui também e ommissas na lição castelhana.

Emfim, nascesse elle dentro das nossas fronteiras, ou viesse alem d'ellas, cá se fez mais lindo o romance, muito mais.

Sismondi e Madame de Stael exaltam ésta composição acima de todas as do romanceiro castelhano. Que faria se conhecessem a lição portugueza?

É geralmente sabido por todo o reino, muito popular, e as variantes numerosas.

Quasi todas as que valiam a pena as incorporei no texto, porque algumas eram complementares de outras, e muitas acclaravam o sentido e atavam o fio da narrativa. Das poucas que ficaram, se apponta á margem alguma que o merece.

## CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava <sup>1</sup>,  
Chorava e razão havia,  
Vivendo tam descontente;  
Seu pae por casar a tinha.  
Acordou elrei da cama <sup>2</sup>  
Com o pranto que fazia:  
--'Que tens tu, querida infanta,  
Que tens tu, ó filha minha  
--'Senhor pae, o que heide eu ter  
Senão que me pésa a vida?  
De tres irmans que nós eramos,  
Solteira eu só ficaria.'

1 Chorava a infanta Solisa,  
Razão de chorar havia.—*Alentejo*.

Chorava Dona Sylvana—*Extremadura*.

2 Despertou elrei seu pae—*Beiralta*.

—‘Que queres tu que te eu faça ?  
 Mas a culpa não é minha.  
 Ca vieram embaixadas  
 De Guitaina e Normandia <sup>3</sup>;  
 Nem ouvi-las não quizeste,  
 Nem fazer-lhes cortezia...  
 Na minha côrte não vejo  
 Marido que te daria...  
 Só se fosse o conde Yanno <sup>4</sup>,  
 Ê esse ja mulher havia <sup>5</sup>.’  
 --‘Ai ! ricco pae da minha alma,  
 Pois esse é que eu queria.  
 Se elle tem mulher e filhos,  
 A mim muito mais devia,  
 Que me não soube guardar  
 A fé que me promettia.’

Manda elrei chamar o conde,  
 Sem saber o que faria:  
 Que lhe viesse fallar...  
 Sem saber que lhe diria.  
 --‘Inda agora vim do paço,  
 Ja elrei lá me queria !

3 De Leão e de Castilha—*Tras-os-Montes*.  
 Guitaina é Aquitania, bem claramente.

4 Só se fosse o conde Albano—*Minho*.  
 Só se fosse o conde Alarcos—*Beirabaira*.

5 E esse tem mulher e filhas—*Beivalla, Lisboa*.

Ai! será para meu bem?  
Ai! para meu mal seria?’

Conde Yanno que chegava,  
Elrei que a buscar o vinha:  
--‘Beijo a mão a vossa alteza;  
Que quer vossa senhoria?’  
Responde-lhe agora o rei  
Com grande merencoria:  
--‘Beijae, que mercê vos faço;  
Casareis com minha filha.’  
Cuidou de cahir por morto  
O conde que tal ouvia:  
--‘Senhor rei, que sou casado  
Ja passa mais de anno e dia!’  
--‘Mattareis vossa mulher,  
Casareis com minha filha.’  
--‘Senhor, como hei de mattá-la  
Se a morte me não mer’cia?’  
--‘Callae-vos conde, callae-vos.  
Não vos quero demazia;  
Filhas de reis não se inganam  
Como uma mulher captiva.’  
--‘Senhor, que é muita razão,  
Mais razão que ser devia,  
Para me mattar a mim  
Que tanto vos offendia;  
Mas mattar uma innocente  
Com tamanha aleivozia!

N'esta vida nem na outra  
 Deus m'ò não perdoaria.  
 --'A condessa hade morrer  
 Pelo mal que ca fazia.  
 Quero ver sua cabeça  
 N'essa doirada bacia.'

Foi-se embora o conde Yanno,  
 Muito triste que elle ia,  
 Adeante um pagem d'elrei  
 Levava a negra bacia.  
 O pagem ia de lutto,  
 De lutto o conde vestia:  
 Mais dó levava no peito  
 C'os appertos da agonia.  
 A condessa, que o esperava,  
 De muito longe que o via,  
 Com o filhinho nos braços  
 Para abraçá-lo corria.  
 --'Bem vindo sejais, meu conde,  
 Bem vinda minha alegria!  
 Elle sem dizer palavra  
 Pelas escadas subia.  
 Mandou fechar seu palacio,  
 Coisa que nunca fazia <sup>6</sup>;  
 Mandou logo pôr a cea  
 Como quem lhe appetecia. <sup>7</sup>

<sup>6</sup> O que d'antes não fazia — *Minho*.

<sup>7</sup> Como quem comer queria — *Lisboa*.

Sentaram-se ambos á mesa,  
Nem um nem outro comia;  
As lagrymas era um rio <sup>8</sup>  
Que pela mesa corria.  
Foi a beijar o filhinho  
Que a mãe aos peitos trazia,  
Largou o seio o innocente,  
Como um anjo lhe surria.

Quando tal viu a condessa,  
O coração lhe partia;  
Desata em tammanho chôro  
Que em toda a casa se ouvia:  
—‘Que tens tu, querido conde,  
Que tens tu, ó vida minha?  
Tira-me ja d’estas âncias,  
Elrei o que te queria?’  
Elle affogava em soluços,  
Responder-lhe não podia;  
Ella, apertando-o nos braços,  
Com muito amor lhe dizia:  
--‘Abre-me o teu coração,  
Desaffoga essa agonia,  
Da-me da tua tristesa,  
Dar-te-hei da minha alegria.’

8 As lagrymas eram tantas

Que pela mesa corriam.— *Várias.*

Todas as versões lem assim: só a de Lisboa como vai no  
texto.

Levantou-se o conde Yanno,  
A condessa que o seguia.  
Deitaram-se ambos no leito;  
Nem um nem outro dormia.  
Ouvireis a desgraçada,  
Ouvide ora o que dizia:  
—‘Peço-te por Deus do ceo  
E pela Virgem Maria,  
Antes me mattes, meu conde,  
Que eu ver-te n’essa agonia.’  
—‘Morto seja quem tal manda,  
Majs a sua tyrannia!’  
—‘Ai! não te entendo, meu conde,  
Dize-me, por tua vida,  
Que negra ventura é ésta.  
Que entre nós está mettida?’  
—‘Ventura da sem ventura,  
Grande foi tua mofina <sup>9</sup>!  
Manda-me elrei que te matte,  
Que case com sua filha.’

Palavras não eram dittas,  
Inda mal lh’as ouviria,  
A desgraçada condessa  
Por morta no chão cahia.

<sup>9</sup> *Mofina*, substantivo, talvez por *mofina sorte*, é usado dos classicos alguma vez; e commum hoje ao povo das provincias quasi todas.

Não quiz Deus que alli morresse . . .  
Triste que alli não morria !  
Maior dor do que a da morte  
A torna a chamar á vida.  
--'Calla, calla, conde Yanno,  
Que inda remedio haveria ;  
Ai ! não me mattes, meu conde,  
E um alvitre te daria <sup>10</sup> :  
A meu pae me mandarás,  
Pae que tanto me queria !  
Ter-me-hão por filha donzella  
E eu a fe te guardaria.  
Criarei este innocente  
Que a outra não criaria ;  
Manter-te-hei castidade  
Como sempre t'a mantia.'  
—'Ai como póde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se elrei quer tua cabeça  
N'esta doirada bacia ?  
—'Calla, calla, conde Yanno,  
Que inda remedio teria,  
Metter-me-has n'um convento  
Da ordem da freiraria ;  
Dar-me-hão o pão por onça  
E a agua por medida :  
Eu lá morrerei de pena,

10 Um conselho te daria — *Beirabaixa*.

E a infanta o não saberia.'

—'Ai! como póde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se quer ver tua cabeça  
N'esta malditta bacia?'

—'Fecháras-me n'uma tôrre,  
Nem sol, nem lua veria,  
As horas de minha vida  
Por meus ais as contaria.'

—'Ai! como póde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se elrei quer tua cabeça  
N'esta doirada bacia?'

Palavras não eram dittas,  
Elrei que á porta batia :

—'Se a condessa não é morta,  
Que então elle a mattaria.'

—'A condessa não é morta  
Mas está na agonia.'

—'Deixa-me dizer, meu conde,  
Uma oração que eu sabia.'

--'Dizei depressa, condessa,  
Antes que amanheça o dia.'

--'Ai! quem podéra rezar <sup>11</sup>,  
Ó virgem sancta Maria!

<sup>11</sup> No poemeto castelhano a condessa reza—e não é feia a sua *preghiera*: mais bonito e mais poetico é o pensamento do autor portuguez, que lhe não dá nem ânimo para rezar.

Que eu não me pêza da morte,  
Pêza-me da aleivozia:  
Mais me pêza de ti, conde,  
E da tua covardia.  
Mattas-me por tuas mãos,  
Só porque elrei o queria!  
Ai! Deus te perdoe, conde,  
Lá na hora da contia <sup>12</sup>.  
Deixar-me dizer adeus  
A tudo o que eu mais queria;  
Às flores d'este jardim,  
Às aguas da fonte fria.  
Adeus cravos, adeus rosas,  
Adeus flor da Alexandria!  
Guardae-me vós meus amores  
Que outrem me não guardaria.  
Deem-me cá esse menino,  
Intranhas de minha vida;  
D'este sangue de meu peito  
Mamará por despedida.  
Mama, meu filhinho, mama  
D'esse leite da agonia;  
Que atégora tinhas mãe,  
Mãe que tanto te queria,  
Amanhan terás madrasta  
De mais alta senhoria...'

12 Na hora em que contar contigo, em que te tomar contas. É a phrase expressiva dos inglezes: *In the hour of reckoning.*

Tocam n'os sinos na sé...  
 Ai Jesus! quem morreria?  
 Responde o filhinho ao peito <sup>13</sup>,  
 Respondeu — que maravilha!  
 — 'Morreu, foi a nossa infanta  
 Pelos males que fazia;  
 Descasar os bem casados:  
 Coisa que Deus não queria.

13 Quasi todas as lieções provinciaes omittem os dous versos ultimos d'êsta copla, e o pensamento que elles incerram. Só uma lieção da borda-d'agua os traz, e julguei que mereciam ser incorporados no texto. Este prodigio de fallarem os innocentes ao peito das mães, nas grandes circumstancias públicas ou nas grandes crises domésticas, era muy favorito dos nossos. Na acclamação de D. João I bem sabido é que uma criança tirou todas as dúvidas bradando do collo da mãe: 'Real Real, pelo mestre d'Aviz rei de Portugal.' N'outro romance d'êsta collecção, e de 'Dom Beltrão' veremos fallar o cavallo de um morto cavalleiro.

**LICÇÃO CASTELHANA**

Retraída está la infanta,  
Bien así como solia,  
Viviendo muy descontenta  
De la vida que tenia,  
Viendo que ya se pasaba  
Toda la flor de su vida,  
Y que el rey no la casaba,  
Ni tal cuidado tenia,  
Entre si estaba pensando  
A quien se descubriria,  
Y acordó llamar al rey  
Como otras veces solia,  
Por decirle su secreto  
Y la intencion que tenia.  
Vino el rey siendo llamado,  
Que no tardó su venida:  
Vídola estar apartada,  
Sola está sin compañía,  
Su lindo gesto mostraba  
Ser maia triste que solia.  
Conociera luego el rey  
El enojo que tenia.  
—¿Qué es aquesto, la infanta?  
¿Qué es aqueato, hija mia?  
Contadme vuestros enojos,  
No tomeis malenconía,  
Que sabiendo la verdad  
Todo se remediaria.  
—‘Menester será, buen rey,  
Remediar la vida mia,  
Que á vós quedé encommenda  
De la madre que tema.

'Ou verguenza os lo demando,  
 No con gana que tenia,  
 Que aquestos cuidados tale...  
 A vos, rey, pertencian.'  
 Escuchada su demanda,  
 El buen rey la respondia:  
 —'Esa culpa, la infanta,  
 Vuestra era, que no mia,  
 Que ya fuerades casada  
 Con el principe de Hungría;  
 No quisisteis escuchar  
 La embajada que venia,  
 Pues acá en la nuestras cõrtes,  
 Hija, mal recaudo habla,  
 Sino era el conde Alarcos  
 Que hijos y muger tenia.  
 —'Convidaldo vos, el rey,  
 Al conde Alarcos un dia,  
 Y despues que hagais comido  
 Decilde de parte min,  
 Decilde que si se acuerde  
 De la fé que del tenia,  
 La qual él me prometió,  
 Que yo no se la pedia,  
 De ser siempre mi marido  
 Y yo que su muger sería.  
 Yo fui dello muy contenta  
 Y que no me arrepentia.  
 Si casó con la condesa,  
 Que mirára lo que hacia,  
 Que por él no me casé  
 Con el principe de Hungría:  
 Si casó con la condesa  
 Dél es culpa, que no mla.'  
 Perdiera el rey en la oír  
 El sentido que tenia,

Mas despues en si tornado  
Con enojo respondia:  
—'No son estos los consejos  
Que vuestra madre os decia:  
Muy mal mirastes, infanta,  
Do estaba la honra mia.  
Si verdad es todo eso,  
Vuestra honra ya es perdida:  
No podeis vos ser casada  
Mientras la condesa viva.  
Si se hace el casamiento  
Por razon ó por justicia,  
En el decir de las gentes  
Por mala sereis tenida.  
Dadme vos, hija, consejo,  
Que el mio no bastaria;  
Que ya es muerta vuestra madre  
A quien consejo pedia.'  
—'Pues yo os lo daré, buen rey,  
Deste poco que tenia:  
Mate el conde á la condesa.  
Que nadie no lo sabia;  
Y eche fama que elle es muerta  
De un cierto mal que tenia,  
Y tratarse ha el casamiento  
Como cosa no sabida.  
Désta manéra, buen rey,  
Mi honra se guardaria.'  
De alli se salia el rey,  
No con placer que tenia;  
Lleno va de pensamientos  
Con la nueva que sabia;  
Vido estar al conde Alarcos  
Entre muchos que decia:  
—'Que aprovecha, caballeros,  
Amar y servir amiga,

Siendo servicios perdidos  
 Donde firmeza no habia?  
 No pueden por mi decir  
 Aquesto que yo decia.  
 Que en el tiempo que servi  
 Una que tanto queria,  
 Si bien la quise entonces,  
 Agora mas la queria;  
 Mas por mi pueden decir:  
 Quien bien ama tarde olvida.'  
 Estas palabras diciendo,  
 Vido al buen rey que venia,  
 Y hablando con el rey,  
 De entre todos se salia:  
 Dijole el buen rey al conde  
 Hablando con cortesía:  
 —'Convidaros quiero, conde,  
 Por mañana en aquel dia,  
 Que querais comer conmigo  
 Por tenerme compañía.'  
 —'Que se haga de buen grado  
 Lo que su alteza decia:  
 Beso sus manos reales  
 Por la buena cortesía:  
 Detenerme he aqui mañana,  
 Aunque estaba de partida,  
 Que la condesa me espera  
 Segun carta que me envia.'  
 Otro dia de mañana  
 El rey de misa saha,  
 Luego se asentó á comer,  
 No por gana que tenia,  
 Sino por hablar al conde  
 Lo que hablarle queria.  
 Allí fueron bien servidos  
 Como á rey pertencencia:

Despues que hubieron comido,  
Toda la gente salida,  
Quedóse el rey con el conde  
En la tabla do comia.  
Empezó el rey a hablar  
La embajada que traia:  
—'Unas nuevas traigo, conde,  
Que dellas no me placia,  
Por las cuales yo me quejo  
De vuestra descortesia:  
Prometistes á la infanta  
Lo que ella no os pedia,  
De siempre ser su marido,  
Y á ella que le placia.  
Si á otras cosas pasaste  
No entro en esa profia.  
Otra cosa os digo, conde,  
De que mas os pesaria:  
Que mateis á la condesa,  
Que asi cumple á la honra mia.  
Echels fama de que es muerta  
De cierto mal que tenia,  
Y tratarse ha el casamiento  
Como cosa no sabida,  
Porque no sea deshonorada  
Hija que tanto queria.'  
Oidas estas razones,  
El buen conde respondia:  
—'No puedo negar, el rey,  
Lo que la infanta decia,  
Sino que es muy gran verdad  
Todo cuanto me pedia.  
Por miedo de vós el rey,  
No casé con quien debia.  
Ni pensé que vuestra alteza  
En ello consentiria,

De casar con la infanta  
 Yo, señor, bien casaria;  
 Mas matar á la condesa,  
 Señor rey, no lo haria  
 Porque no debe morir  
 La que mal no merecia.'

—'De morir tiene, buen conde,  
 Por salvar la honra mia,  
 Pues no miráste primero  
 Lo que mirar se debía:  
 Si no muere la condesa,  
 A vos costará la vida.  
 Por la honra de los reyes  
 Muchos sin culpa morian,  
 Que muera pues la condesa  
 No es mucha maravilla.'

—'Yo la mataré, buen rey,  
 Mas no sea la culpa mia,  
 Vós os avendreis con Dlos  
 En el fin de vuestra vida,  
 Y prometo á vuestra alteza,  
 A fé de caballeria,  
 Que me tengan por traidor  
 Si lo dicho no cumplía,  
 De matar á la condesa  
 Aunque mal no merecia.  
 Buen rey, si me daes licencia  
 Luego yo me partiria.'

—'Vayais con Dlos, el buen conde,  
 Ordenad vuestra partida.'  
 Llorando se parte el conde,  
 Llorando en alegria;  
 Lloraba tambien el conde  
 Por tres hijos que tenia,  
 El uno era de teta,  
 Que la condesa lo cria,

Que no queria mamar  
De tres amas que tenia,  
Si no era de su madre  
Porque bien la conocia;  
Los otros eran pequeños,  
Poco sentido tenian.  
Antes que el conde llegase,  
Estas razones decia:  
—¿'Quién podrá mirar, condesa,  
Vuestra cara de alegría  
Que saldreis á recibirme  
A la fin de vuestra vida?  
Yo soy el triste culpado,  
Esta culpa toda es mia.'  
En diciendo estas palabras  
Ya la condesa salia,  
Que un page le havia dicho  
Como el conde ya venia.  
Vido la condesa al conde  
La tristeza que tenia,  
Vióle los ojos llorosos  
Que hinchados los tenia,  
De llorar por el camino  
Mirando el bien que perdía.  
Dijo la condesa al conde:  
—'Bien vengais, bien de mi vida!  
¿Que habeis, el conde Alarcos?  
¿Porque llorais, vida mia?  
Que venis tan demudado  
Que cierto no os conocia,  
No parece vuestra cara  
Ni el gesto que ser solia;  
Dadme parte del enojo  
Como dais del'alegría.  
Decídmelo luego, conde,  
No mateis la vida mia.'

—‘Yo lo diré bien, condesa,  
 Cuando la hora sería.’  
 —‘Si no me lo decís, conde,  
 Cierro yo reventaría.’  
 —‘No me fatiguis, señora,  
 Que no es la hora venida.  
 Cenemos luego, condesa,  
 D’aqueso que en casa había.  
 —‘Aparejado está, conde,  
 Como otras veces solía.’  
 Sentóse el conde á la mesa,  
 No cenaba ni podía,  
 Con sus hijos al costado,  
 Que muy mucho los quería.  
 Echóse sobre los hombros,  
 Hizo como que dormía.  
 De lágrimas de sus ojos  
 Toda la mesa cubría:  
 Mirándole la condesa  
 Que la causa no sabía,  
 No le preguntaba nada,  
 Que no osaba ni podía.  
 Levantóse luego el conde,  
 Dijo que dormir quería,  
 Dijo también la condesa  
 Que ella también dormiría,  
 Mas entre ellos no había sueño,  
 Si la verdad se decía.  
 Vanse el conde y la condesa,  
 A dormir donde solían;  
 Dejan los niños de fuera,  
 Que el conde no los quería:  
 Lleváronse el mas chiquito,  
 El que la condesa cria:  
 El conde cierra la puerta,  
 Lo que hacer solía.

Empezó de hablar el conde  
Con dolor y con mancilla:  
—!O desdichada condesa,  
Grande fue la tu desdicha!  
—!No soy desdichada. conde,  
Por dichosa me temia  
Solo en ser vuestra muger:  
Esta fué gran dicha mia.  
—!Si bien lo mirais, condesa,  
Esa fué vuestra desdicha.  
Sabed que en tiempo pasado  
Yo amé á quien servia,  
La cual era la infanta.  
Por desdicha vuestra y mia  
Prometi casar con ella,  
Y á ella que le placia.  
Demándame por marido  
Por la fé que n e tenia.  
Puédelo muy bien hacer  
Por razon y por justicia:  
Dijomelo el rey su padre  
Porque della lo sabia.  
Otra cosa manda el rey  
Que toca en el alma mia:  
Manda que muerais, condesa.  
A la fin de vuestra vida,  
Que no puede tener honra  
Siendo vós, condesa, viva.  
De qu'esto oyo la condesa,  
Cayó en tierra mortecida;  
Mas despues en sí tornada  
Estas palabras decia:  
—!Pagados son mis servicios,  
Conde, con que yo os servia!  
Si no me matais, el conde,  
Yo bien os aconsejaria:

Envíedesme á mis tierras,  
 Que mi padre me tenia;  
 Yo criaré vuestros hijos  
 Mejor que la que vernia,  
 Y os mantendré castidad  
 Como siempre os mantenía.  
 —‘De morir habeis, condesa,  
 Antes que amanezca el dia.’  
 —‘Bien parece, con le Alarcos,  
 Yo ser sola en esta vida,  
 Porque tengo el padre viejo,  
 Mi madre ya es fallecida,  
 Y mataron á mi hermano  
 El buen conde Don Garcia,  
 Que el rey lo mandó matar  
 Por miedo que dél tenia.  
 No me pesa de mi muerte,  
 Porque yo de morir tenia,  
 Mas pésame de mis hijos  
 Que pierden mi compañía:  
 Hacémeos venir, conde,  
 Y verán mi despedida.’  
 —‘No los vereis, más, condesa,  
 En dias de vuestra vida:  
 Abrazad ese chiquito  
 Que aqueste es el que os perdía.  
 Pésame de vos, condesa,  
 Cuanto pésar me podía.  
 No os puedo valer, señora,  
 Que mas me va que la vida;  
 Encomendaos á Dios  
 Que esto de hacerse tenia.’  
 —‘Dejéisme decir, buen conde,  
 Una oracion que sabia.’  
 —‘Decilda presto, condesa,  
 Antes que amanezca el dia.

—‘Presto la habré dicho, conde,  
No estaré na Ave Maria.’  
Afinójóse en la tierra  
Y esta orac’ón decia:  
«Eu las tus manes, Señor,  
«Encomiendo el alma mia:  
«No me juzgues mis pecados  
«Segun que yo merecia,  
«Mas segun tu gran piedad  
«Y la tu gracia infinita.»  
‘Acabada es ya, buen conde,  
La oracion que yo sabia;  
Encomiendooos esos hijos  
Que entre vos y mi habia;  
Y rogad á Dios por mi  
Mientras tuviésedes vida;  
Que á ello sois obligado,  
Pues que sin culpa moria.  
Dédesme acá ese hijo,  
Mamará por despedida.’  
—‘No lo despertéis, condesa,  
Dejaldo estar que dormia,  
Sino que os pido perdon  
Porque ya llegaba el dia.’  
—‘A vos yo perdono, conde,  
Por amor que vos tenia;  
Mas yo no perdono al rey,  
Ni á la infanta su hija,  
Sino que queden citados  
Delante la alta justicia,  
Que allá vayan á juicio  
Dentro de los treinta dias.’  
Estas palabras declendo,  
El conde se apercebía:  
Echóle por la garganta  
Una toca que tenia,

Apretó con las dos manos  
Con la fuerza que podía,  
No le aflojó la garganta  
Mientras que vida tenia.  
Cuando ya la vido el conde  
Trespasada y fallecida,  
Desnudóle los vestidos  
Y las ropas que tenia,  
Echóla encima la cama,  
Cubrióla como solia;  
Desnudose á su costado  
Obra de un Ave Maria;  
Levantóse dando voces  
A la gente que tenia:  
—'Socorro, mis escuderos,  
Que la condesa se fina.'  
Hallan la condesa muerta  
Los que á socorrer venian.  
Asi murió la condesa,  
Sin razon y sin justicia;  
Mas tambien todos murieron  
Dentro de los treinta dias.  
Los doce dias pasados  
La infanta ya se moria,  
El rey á los veiete y cinco,  
El conde ál treinteno dia.  
Allá fueron á dar cuenta  
A la justicia divina:  
Acá nos dé Dios su gracia,  
Y allá la gloria cumplida 1.

## TRADUÇÃO INGLEZA

Alone, as was her wont, she sate, — within her bower alone,  
 Alone and very desolate Solisa made her moan,  
 Lamenting for the flower of life, that it should pass away,  
 And she be never wooed to wife, nor see a bridal day.

Thus said the sad Infanta: — ‘i will not hide my grief,  
 I’ll tell my father of my wrong, and he will yield relief:  
 The king, when he beheld her near: — ‘Alaa! my child’ said he,  
 What means this melancholy cheer? Reveal thy grief to me.’

— ‘Good king,’ she said, ‘my mother was buried long ago,  
 She left me to thy keeping, none else my grief should know;  
 I fain would have a husband, ‘t is time that I should wed;  
 Forgive the words I utter, with wide shame they ‘re said.’

It was thus the king mad answer: — ‘This fault is none of mine,  
 You to the prince of Hungary your ear would not incline,  
 Yet round us here where lives your peer? Nay, name him if you can,  
 Except the count Alarcos, and he is a married man.’

— ‘Ask count Alarcos if of yore his word he did not plight  
 To be my husband evermore, and love me day and night;  
 If he has bound him in new vows, old oaths he cannot forsake.  
 Alas! I’ve lost a loyal spouse for a false lover’s sake.’

The good king sate confounded in silence for some space,  
 At length he made his answer, with very troubled face:  
 — ‘It was not thus your mother gave counsel you should do;  
 You’ve done much wrong, my daughter; we’re shamed, both I and you.

‘If it be true that you have said, our honour’s lost and gone;  
 And while the countess is in life, remedy for us is none;  
 Though justice were upon our side, ill-talkers would not spare.  
 Speak, daughter, for your mother’s dead, whose counsel eased my care’

— 'How can I give you counsel? — but little wit have I;  
 But certes count Alarcos may make his countess die:  
 Let it be noised that sickness cut short her tender life,  
 And then let count Alarcos come and ask me for his wife.  
 What passed between us long ago, of that benothing said;  
 Thus none should our dishonour know, in honour shall I wed.'

The count was standing with his friends — thus in the midst he spake!  
 — 'What fools be men! — what boots our pain for comely woman's sake;  
 I loved a fair one long ago; — though I am a married man,  
 Sad memory I kan ne'er forego, how life and love began.'

While yet the count was speaking, the good king came full there;  
 He made his salutation with very courteous cheer.  
 — 'Come hither, count Alarcos, and dine with me this day:  
 For I have something secret, I in your ear must say.'

The king came from the chapel, when he had heard the mass;  
 With him the count Alarcos did to his chamber pass;  
 Full nobly were they served there, by pages many a one;  
 When all were gone, and they alone, 't was thus the king begun.

— 'What news be there, Alarcos, that you your word did plight,  
 To be a husband to my child, and love her day and night?  
 If more between you there did pass, yourself may know the truth.  
 But shamed is my grey head — alas! — and scorned Solisa's youth.

'I have a heavy word to speak, — a lady fair do the lie  
 Within my daughter's rightfull place, and certe! she must die.  
 Let it be noised that sickness cut short her tender life;  
 Then come and woo my daughter, and she that be your wife.  
 What passed between you long ago, of that be nothing said,  
 Thus none shall my dishonour know — in honour you shall wed.'

Thus spake the count Alarcos. — 'The truth I'll not deny,  
 to the infanta gave my word, and brcke it shamefully:  
 I feared my king would never consent to give me his fair daughter;  
 But oh! spare her that's innocent — avoid that sinful slaughter.'

—'She dies! she dies! the king replies;—'from thine own sin it springs';  
If guiltless blood must wash the blot which stains the blood of kings,  
Ere morning dawn, her life must end, and thine must be the deed.  
Else thou on shamefull block must bend: thereof is no remoed.

—'Good king, my hand thou may'st command, else treason blots my name!  
I'll take the life of my dear wife—(God! mine be not the blame).  
Alas! that young and sinless heart for other's sin should bleed!  
Good king in sorow I depart.'—'May God your errand speed!

In sorrow he departed, dejectedly he rode  
The weary journey from palace unto his own abode:  
He grieved for his fair countess, dear as his life was she;  
Sore grieved he for that lady, and for his children three.

The one was yet an infant upon his mother's breast,  
For though it had three nurses, it liked her milk the best:  
The others were young children, that had but little wit,  
Hanging about their mother's knee while nursing she did sit.

—'Alas!' he said, when he had come within a little space.  
'How shall I brook the cheerful look of my kind lady's face?  
To see her coming forth in glee to meet me in my hall,  
When she so soon a corpse must be, and I the cause of all!'

Jus then he saw her at the door with all her babes appear,  
'The little page had run before to tell his lord was near):  
—'Now welcome home, my lord, my life!—Alas! you droop your head:  
Tell, count Alarcos, tell your wife, what makes your eyes so red?

—'I'll tell you all. I'll tell you all: it is not yet the hour;  
We'll sup together in the hall... I'll tell it you in your bower.  
The lady brought forth what she had, and down beside him sate:  
He sate beside her pale and rad, but neither drank nor ate.

The children to his side were led (he loved to have them so),  
Then on the board he laid his head, and out his tears did flow:  
—'I fain would sleep... I fain would sleep,' the count Alarcos said.  
Alas! be sure, that sleep was none that night with'n their bed.

They came together to the bower where they were used to rest.  
None with them but the little babe that was upon the breast:  
The count had barred the chamber doors—They ne'er were barred till then:  
—'Unhappy lady, he began, 'and I most lost of men!'

—'Now, speak not so, my noble lord, my husband and my life!  
Unhappy never can she be that is Alarcos wife.'

—'Alas unhappy lady, 't is but little that you know,  
For in that very word you' ve said, is gathered all your woe.

'Long since I loved a lady,—long since I oaths did I light,  
To be that lady's husband, to love her day and night:  
Her father is our lord the king, to him the thing is known,  
And now, that I the news should bring! she claims me for her own.

'Alas! my love! . . . alas! my life! . . . the right is on their side;  
Ere I had seen your face, sweet wife, she was betrothed my bride;  
But, oh! that I should speak the word! since in her place you lie,  
It is the bidding of our lord, that you this night must die.

—'Are these the wages of my love, so lowly and so leal?  
Oh, kill me not, thou noble count, when at thy foot I kneel!  
But send me to my father's house, where once I dwelt in glee.  
There will I live alone chaste life, and rear my children three!'

—'It may not be: mine oath is strong; ere dawn of day you die!  
—'Oh well 't is seen how all alone upon the earth am I;  
My father is an old frail man, my mother's in her grave,  
And dead is stout Don Garci. . . . Alas! my broder brave!

'Twas at this coward king's command they slew my brother dear,  
And now I'm helpless in the land. It is not death I fear,  
But loath am I to depart, and leave my children so.  
Now let me lay them to my heart, and kiss them ere I go.'

—'Kiss him that lies upon thy breast; the rest thou mayst not see.'  
—'I fain would say an Avé.'—'Then say it speedly.'  
She knelt her down upon her knee:—'Oh, Lord! behold my case;  
Judge not my deeds, but look on me in pity and great grace.'

When she had made her orison, up from her knees she rose;  
 —‘ Be kind, Alarcos, to our babes, and pray for my repose;  
 And now give me my boy once more upon my breast to hold,  
 That the may drink one farewell drink, before my breast be cold.’

—‘ Why would you waken the poor child? you see he is asleep  
 Prepare, dear wife; there is no time, the dawn begins to peep.’  
 —‘ Now hear me, count Alarcos! I give thee pardon free;  
 I pardon thee for the love’s sake wherewith I’ ve loved thee.

‘ But they have not my pardon, the king and his proud daughter!  
 The curse of God be on them, for this unchristian slaughter!  
 I charge them with my dying breath, ere thirty days be gone,  
 To meet me in the realm of death, and at God’s awful throne!

He drew a kerchief round her neck, he drew it tight and strong,  
 Until she lay quite stiff and cold her chamber floor along;  
 He laid her then within the sheets, and, kneeling by her side,  
 To God and Mary Mother in misery he cried.

Then called he for his esquires:—oh! deep was their dismay,  
 When they into the chamber came, and saw her how she lay.  
 Thus died she in her innocence, a lady void of wrong...  
 But God took heed of her offence, his vengeance stayed not long.

Withln twelve days, in pain and dole, the Infanta passed away;  
 The cruel king gave up his soul upon the twentieth day;  
 Alarcos followed ere the moon had made her round complete:  
 Three gully spirits stood right soon before God’s judgment-seat 1.



V

O CONDE D'ALLEMANHA



O romance-xácara do 'Conde d'Allemanha' tem um pensamento bello e moral; e o stylo d'aquella simplicidade sublime e verdadeiramente antiga, que é o sêllo das composições originaes e primitivas, de quando a arte, espelho ainda rudo porêem ainda ingenuo, não faz mais do que reflectir a natureza, mas reflecte-a com toda a verdade.

Uma filha—uma infanta, pois quasi todos estes contos de 'era uma vez ha muito' são de infantas e princezas -- uma filha tem a desgraça de vir a descobrir a 'criminal conversação' de sua mãe com um cavalleiro mancebo e estrangeiro, um certo 'conde d'Allemanha' — *Allamanha*, ou tambem *Aramenha*, como em algumas partes diz a lição do povo. El-rei

anda à caça, segundo é de uso usado n'estes reinos antigos — ao menos occupavam-se n'isso! — e a filha protesta dizer-lhe tudo em elle chegando, apesar dos rogos e peitas com que a mãe a procura fazer callar. Chega o pae, a infanta vai resoluta a elle... Horrroso spectaculo! A tremenda accusação d'adultério proferida pela filha contra a mãe! O terror chega ao seu auge, a peripecia é grande e sublime... A filha accusa o seductor, mas salva a mãe; accusa-o de um grande attentado que lhe deve custar a vida, mas outro, mas differente: o de lhe lançar mãos violentas, o de attentar contra a honra d'ella infanta!

A falsa querella leva o conde ao cadafalso; mas o crime verdadeiro fica punido e a honra do pae desaggravada sem se revellar a infamia da mãe.

É visível que este romance foi composto para celebrar um facto real e historico, alguma d'essas negras e sanguinolentas tragedias, que tam frequentes se representavam nas escuras camaras de nossos antigos paços e solares. Nenhuma justiça ousava intender n'esses

crimes dos grandes, nenhuma voz os denunciava; e apenas o trovador ou o jogral em sua ronda de terra em terra, de tôrre em tôrre, ia repetir, longe n'uma, o que muito longe d'alli tinha ouvido n'outra: — ecchos vagos e confusos da historia verdadeira que nem elle saberia nem ousaria contar toda, e que mais desfigurados e confusos ficavam no monotono trovar de suas cantadas coplas, cantadas ao som uniforme d'aquella triste melopea que ainda hoje dura na memoria dos povos, d'onde toda se obliterou, se alguma houve nunca, a lembrança dos factos e nomes verdadeiros d'êsta e de eguaes tradições.

Facto conhecido na historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance; mas inclino-me a crê-lo de origem portugueza, — isto é, que originalmente fôsse composto no dialecto portuguez, ou legio-lusitano, porque ainda agora ha mais simplicidade e mais natural na *edição* (tambem mais completa) que d'elle nos dá a tradição oral do nosso povo, do que na licção escripta e impressa em que o conservaram

os collectores castelhanos desde 1511 que se publicou o seu primeiro romanceiro geral.

Ainda no anno em que isto se escreve, 1841, é ésta uma das xácaras mais validas, mais cantadas, e mais sabidas da gente dos campos. Assim de todas as provincias, até das de além mar, obtive cópias d'ella; algumas visivelmente adulteradas com grosseiros *rifacimentos* modernos, addições e 'melhoramentos' de algum presumido cantor d'aldea que pretendeu corrigir éstas antigualhas como os nossos architectos de Lisboa corrigiram o convento de Belem, e apperfeiçoaram o frontispicio da Conceição-velha.

Collacionando umas cópias com outras e com a licção castelhana segundo Depping e Augustin Duran, appurei o que me parece o texto mais legitimo e verosimil.

Juntei no fim alguma variante mais notavel e que apparecia mais repettida, e tambem a versão castelhana.

## O CONDE D'ALLEMANHA

Ja lá vem o sol na serra <sup>1</sup>,  
Ja lá vem o claro dia,  
E inda o conde d'Allemanha  
Com a rainha dormia.  
Nãõ o sabe homem nascido  
De quantos na côrte havia;  
Só o sabía a infanta <sup>2</sup>,  
A infanta sua filha.

1 Ja o sol dá na vidraça—*Ribatejo*.

2 Sabia-o dona Silvana—*Minho*.

Sabia-o dona Bernarda—*Beiralta*

—‘Não n’as chegue eu a romper<sup>3</sup>  
 Mangas da minha camiza,  
 Se em vindo meu pae da caça  
 Eu logo lh’o não diria.’  
 —‘Call’-te, call’-te, lá infanta,  
 Não digas tal, minha filha,  
 Que o conde d’Allemanha  
 De oiro te vestiria.’  
 —‘Não quero vestidos d’oiro<sup>4</sup>;  
 Mau fogo em quem n’os vestira!  
 Padrasto com meu pae vivo,  
 Nunca o eu consentiria.’

Palavras não eram ditas,  
 Elrei que á porta batia.  
 —‘Deus venha c’o senhor pae  
 E o traga na sua guia!  
 Tenho para lhe contar  
 Um conto de maravilha.

3 Mangas da minha camiza,  
 Não n’as chegue eu a romper,  
 Se em vindo meu pae da missa  
 Logo lh’o não for dizer:-- *Minho*.

4 Não quero vestidos de oiro,  
 Pois os tenho de damasco:  
 Inda tenho meu pae vivo,  
 Ja me querem dar padrasto —*Ribatejo, Tras-os montes,*  
*Beiralta.*

Estando eu no meu tear <sup>5</sup>  
 Seda amarella tecia,  
 Veio o conde d'Allemanha  
 Tres fios d'ella me tira. . .'

—'Call'-te, d'ahi, minha filha,  
 Ninguem te oiça dizer tal:  
 Que o conde d'Allemanha  
 É menino, quer brincar.'  
 —'Arrenego dos seus brincos <sup>6</sup>  
 Mais do seu negro folgar l  
 Que me tomou nos seus braços,  
 A' cama me quiz levar.'

—'Calla-te ja, minha filha,  
 Ninguem te oiça mais fallar;  
 Que em antes que o sol se ponha  
 Vai o conde a degollar.'

Veis-lo conde d'Allemanha,  
 Veis-lo vai a degollar;  
 Ao rabo do seu cavallo  
 Lá o levam a arrastar.

5 Estando eu no meu tear

'Tecendo seda amarella,

Veio o conde d'Allemanha

Tres fios me tirou d'ella.—*Porto, e outras.*

6 Arrenego de tal conde—*Beirabaixa.*

--'Venha ca, senhora mãe 7,  
 Venha ao mirante folgar,  
 Veja um conde tão formoso  
 Que ahí vai a degollar.'  
 --'Mal haja, filha, o meu leite,  
 Mais quem t'o deu de mamar,  
 Que a um conde tam bonito  
 A morte foste causar.'

Aqui as variantes são infinitas: é a passagem que todos os ingenhos d'aldea se comprazeram mais a paraphrasear e a fazer thema de seus floreados e variações, modernizando-a sem obedecer á *rhyma* certa do romance e quando menos ao seu *ton*te ou assoante obrigado, cujas severas leis não permitem que se mude senão em espaços regulares, e nunca mais de duas ou tres vezes em todo o decurso do mais extenso d'elles.

Ponho aqui uma amostra d'estas que não são variantes, mas variações modernas.

Venha ca, senhora mãe,  
 Para a janella do meio,  
 Ver o conde d'Allemanha  
 Infeltado de vermelho.  
 Venha ca senhora mãe,  
 Á janella do quintal,  
 Ver o conde d'Allemanha  
 Como vai a degollar.  
 Venha ca, ó minha mãe,  
 Venha á janella do canto,  
 Venha ver o senhor conde  
 Como lhe parece o branco.  
 Venha ver, ó minha mãe,  
 A' janellinha do poço,  
 Venha ver o senhor conde  
 Com uma corda ao pescoço.

— Call'-se d'ahi, minha mãe,  
Ninguem lhe oiça dizer tal,  
Que a morte que o conde leva  
Não lh'a faça eu levar <sup>8</sup>.'

<sup>8</sup> Algumas cópias, especialmente as da Beiralta e Ribatejo, trazem no fim uma especie de conclusão ou rabo-leva; o que G. de Rezende chamaria *cafo* ou *fym* (vej. *Canç. de Rez.*): remate que todavia se encontra quasi pelas mesmas palavras em muitas outras xâcaras e romadces.

N'uma campa raza e triste  
Ja o deixam interrado;  
Pozeram-lhe á cabeceira  
Um letreiro bem lavrado,  
Para quem passar que diga:  
— 'Aqui jaz o malfadado,  
Que morren de mal d'amores,  
Que é mal desesperado.'

## LICÇÃO CASTELHANA

A tan alta va la luna  
 Como el sol á medio dia,  
 Quando el buen conde Alleman  
 Con esa dama yacía.  
 No lo sabe hombre nacido  
 De cuantos en corte había,  
 Sino solo la condesa,  
 Esa condesa su hija  
 Así la dueña la hablára,  
 De esta manera decia :  
 — ‘Cuanto viéredes, condesa,  
 Quanto viéredes encobrildo,  
 Daros ha el conde Alleman  
 Un manto de oro fino.’  
 — ‘Mal fuego le queme, madre,  
 El manto de oro fino,  
 Cuando en vida de mi padre  
 Tuviese padrasto vivo.’  
 De allí se fuera llorando.  
 Al conde su padre ha visto.  
 — ‘¿ Porque llorais, la condesa?  
 Decid ¿quien llorar os hizo?  
 — ‘Yo me estaba aqui comiendo,  
 Comiendo sopas en vino,  
 Entró el conde Alleman  
 Y echólas por el vestido.’  
 — ‘Calleis, mi hija, calleis,  
 No tomeis deso pesar,  
 Que el conde es nino y muchacho,  
 Hacerlo ha por burlar.’

—‘Cuando me tomó en sus brazos,  
No me quizo respetar.’

—‘Si el os tomó en sus brazos’  
Y con vos quizo holgar  
En antes que el sol saliese  
Yo lo mandaré matar 1.’

1 *Romancero* de D. Aug. Durán, tom. iv, p. 1. Ochoa, *Tesoro*, p. 9.



VI

COM ALEIXO



Tem este romance um viço, um frescor de originalidade que recende. Todo elle respira a graça desaffeitada da poesia primitiva. E todavia é fino, elegante, cheira a um salão de castello da meia idade, aos perfumes do *boudoir* de uma nobre donzella do tempo da 'Madre-silva' ou da 'Ala-dos-namorados'. Se o cantaria o condestabre á sua dama? Ou o Magriço áquellas misses de olhos azues que foj defender a Inglaterra? Ou se o traria de Normandia o conde de Abranches?

Sabemos que éstas coisas eram já mais moda então do que as invezadas trovas trovadas d'el-rei Dom Diniz e de seus donzeis e discipulos, pois temos nos chronistas a auctoridade de Nun'alvares Pereira, que era o grande

modelo de seu tempo, e preferia os romances d'elrei Arthur e de sua Tavolla, a todas as pieguices alambicadas da eschola provençal.

Não quero dizer que seja 'Dom A Aleixo' tam antigo como 'Amadis' em sua linguagem e composição. Digo que a historia e o modo de a contar sabem a esses primitivo tempos. Vasco de Lobeira pôde ser mais velho um seculo ou dous; mas o menestrel que disse este cantar, não o fez mais moderno, talvez menos. Na mesma montanha e na mesma estação do anno varia a temperatura, o clima e a vegetação por tal modo, que o viajante pôde imaginar-se estar no mesmo dia, na primavera e no hyverno, no estio e no outomno, segundo sobe para a cumiada ou desce para a falda da serra. Ainda no mesmo ponto e no mesmo jardim floresce em janeiro a planta que está no abrigo, exposta ao sol, livre da geada; em quanto sua egual e sua irman gela sem flor nem folha ao desabrido sôpro do nordeste. Será mais dobrada e mais brilhante a flor d'aquella; mas quando estoutra rebentar aos bafejos da primavera natural, o seu viço

e perfume hãode ser mais vivos e de mais fôrça.

Assim é com a poesia : na mesma geração o poeta lido e lettrado produzirá odes e sonetos que pareçam dous seculos mais modernos do que as incultas coplas do seu contemporaneo. N'aquelles a moda, a imitação dos modelos estimados do tempo, lhe estampará com todas as lettras o anno de sua composição : a originalidade d'estes não traz data, nem a tem, porque a natureza não varia com os seculos.

Não vemos nós tambem a gente dos campos em muitas provincias da Europa trajar ainda hoje ás modas de ha seis ou sette centos annos, e de mais? As populações do Oriente, os povos pastores com especialidade, não vestem ainda hoje como nos mais remotos tempos de que saibamos?

Faço e escrevo éstas considerações, porque ellas são precisas para avaliar conjecturalmente o que não tem livros nem monumentos nem documento outro algum por onde se estude ou se affira.

‘Dom Aleixo’ é dos nossos romances populares o que me chegou mais corrupto, interpolado, e de que menos licções provinciaes pude obter; só uns fragmentos da Beiralta e outros de Lisboa. Se não fôra a copia do cavalheiro de Oliveira—de que me não valho senão em extremos, porque lhe dou menos fé que ás tradições oraes do povo—tinha-me sido impossivel restitui-lo. Ainda assim algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituidas. Taes são na copla que diz:

*Ou se es alma que anda em penas,  
Te farei incommendar.*

A tradição oral de Lisboa diz:

Eu por ti menos daria

o que não faz sentido algum; e devia de ser:

Eu te incommendaria.

sendo alli a rhyma em *ia*, não em *ar* como na nossa.

O argumento do romance é gracioso e lindo pôstoque remate bem tragicamente. De tres irmans que viviam junctas, a mais pequena era tam amiga de saltar e folgar, que uma

noite se vestiu de pagem, e passeiando, rua abaixo rua acima ao pé de sua casa, fingia querer cortejar alguma das tres irmans que alli moravam, e que tam parecidas eram, tam de *egualhar*, que ella dizia, em desprendido stylo leonino— e esse sim que é o mesmo em todos os tempos :

Das tres irmãs que aqui moram  
A qual heide cu namora?

Dom Aleixo, seu apaixonado d'ella, sentado no poial aopé da porta, e disfarçado em ermitão, viu com despeito as fanfarronices d'aquelle atrevido pagem que não reconheceu, e lhe quiz metter medo com uma supposta espera que lhe estavam fazendo. Mas a dama-pagem tinha animos de cavalleiro, affrontou o perigo em vez de fugir. E quando Dom Aleixo reconhece a sua amuda e lhe vai a deitar os braços, ella o fere mortalmente com um punhal. É singela a historia, mas verosimil e interessante, como são todas éstas que os nossos menetreis cantavam.

Não apparece vestigio algum d'este romance nas collecções castelhanas.



## DOM ALEIXO

Nós eramos tres irmans <sup>1</sup>,  
Todas tres de um equalhar;  
Uma insinava á outra  
A cozer e a bordar.  
A mais pequena de todas  
Se foi, por noite, a folgar <sup>2</sup>  
Com duas tochas accesas  
À porta do laranjal <sup>3</sup>.

1 É visível o erro e corrupção das lições que, faltando á rhyma obrigada, lêem n'esta;

Nós eramos tres irmans,  
Todas tres de um parecer;  
Uma ensinava á outra

A bordar e a cozer—*Beiralla*.

2 Andava pelo pomar—*Lisboa*.

3 Ao redor do laranjal—*Beiralla*.

Vestiu vestido de pagem,  
 Que lhe ficava a mattar,  
 Seu punhal de oiro na cinta,  
 Seu borzeguim de alamar.  
 Foi-se pela rua abaixo,  
 Tornou acima a voltar:  
 —'Das tres irmaãs que aqui moram,  
 A qual heide eu namorar?'  
 Nós de dentro do balcão,  
 A rirmos de seu brincar <sup>4</sup>.  
 As tochas tinha apagado,  
 Vinha sahindo o luar,  
 Passando junto da porta,  
 Que os olhos foi a baixar,  
 Viu estar um ermitão  
 Assentado no poial.  
 —'Que fazeis aqui, meu padre,  
 Que fazeis n'este logar?'  
 O ermitão, sem responder,  
 Começou-se a levantar...  
 Tam alto em demazia,  
 Alto, alto de pasmar <sup>5</sup>  
 --'Se tu se a coisa má,  
 Eu te quero esconjurar,  
 Ou se es alma que anda em penas,  
 Te farei incommendar <sup>6</sup>.'

4 Folgar—*Beiralla*.    5 Que era coisa de pasmar—*Lisboa*.

6 Farei incommendar a tua alma, rezar por ti, dizer missas, etc.

—‘Eu não sou a coisa má  
Que tenhas de esconjurar;  
Tambem não sou alma em penas  
Para tu me incommendar:  
Sou a alma de Dom Aleixo,  
Que aviso que venho dar 7:  
Sette te estão esperando  
Na esquina, áquelle portal,  
E juram por Deus sagrado  
Que a vida te hãode tirar.’

--‘Pois eu por esse lhe juro 8,  
E pela Virgem Maria,  
Que outros sette que elles foram,  
Eu atraz não tornaria.  
Oh lá, oh lá, cavalleiros,  
Não levem de covardia,  
Puchem por suas espadas,  
Que eu pucharei pela minha.  
O que não trouxer espada,  
Eu ésta lhe imprestaria,  
Que eu cá com meu punhal de oiro  
Defenderei minha vida.’

Palavras não eram dittas,  
O ermitão se descubria,

7 Que te venho avisar—*Lisboa*.

8 Pois pelo mesmo lhe juro—*Beiralta*.

Foi a tomá-la nos braços  
Com sobeja demazia. . .  
Ella com seu punhal de oiro,  
Que na cintura trazia,  
Tal golpe lhe deu nos peitos,  
Que alli por morto cahia.  
--'Quem te mattou, Dom Aleixo.  
Quem te mattou minha vida?'  
--'Mattaste-me tu, senhora,  
Que outro ninguem não podia.'  
Ergue-te, Dona Maria,  
Bem calçada e mal vestida,  
Agora, por mais que chores  
Tua alma fica perdida<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Esta ultima copla, que em todas as lições apparece, pertencerá com effeito ao romance? ou será fragmento de outro que se lhe cozeu pela ignorancia do vulgo? As minhas conjecturas inclinam-se á segunda d'estas opiniões; mas conservei a copla no texto por não encontrar uma só lição em que ella não venha. Certo é porém que as lições aqui são todas fragmentos.

VII

**SYLVANINHA**



A rudeza da linguagem, a descompostura do stylo, e a nudez, pôsto que innocente, de algumas expressões e imagens caracterizam o romance popular da 'Sylvaninha' por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo immemorial, na nossa península. Não dei com elle em nenhum romanceiro ou cancionero castelhano ; mas não ha provincia de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante.

A cópia de que me servi quando pela primeira vez o publiquei em 1828, como fundamento e illustração da 'Adozinda<sup>1</sup>,' tinha sido obtida em Lisboa pelo paciente zêlo de uma menina da minha amizade, que ia escrevendo no papel o que ora lhe cantava ora lhe rezava

1 Veja prefacio e notas do 1.º vol. do *Romanceiro*, segunda edição (da Adozinda), Lisboa 1843.

uma criada velha da provincia do Minho, ha muito anno aqui residente. Vai agora melhor restituído o texto com o auxilio de outras cópias que me mandaram da Beira e do Ribatejo.

O assumpto d'este romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram sempre os poetas nas primitivas edades das nações. O coração aspero e cru, os sentimentos duros dos povos semibarbaros precisam d'esses violentos stimulos para vibrar — diz Sir Walter Scott <sup>1</sup> — o espirito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tam asquerosos meios de excitar interêsse.

A vaidade de poeta môço fez-me escolher ésta xácara para provar n'ella a mão quando me insaiava a *traduzir* para a lingua e poesia de hoje, alguns dos antigos vestigios dos nossos obscuros Enios da meia idade, porque me irritavam essas mesmas difficuldades e me lisongeava de as vencer. Da Sylvana nasceu pois a Adozinda, e em tam

<sup>1</sup> *Minstrelsy of the scottish borders.*

boa hora que d'ahi data o gôsto da poesia popular entre nós: por onde não fui tam infeliz, apesar dos escrupulos com que fiquei, assim da perigosa trama que escolhêra, como da timida ordidura com que a cubri.

Hoje seria affectação ridicula omittir aqui aquelle texto em toda a sua crua nudez. Boa é a maxima dos romanos: *Facinora ostendum puniantur, flagitia autem abscondi debent*. Mas não será da publicação pela imprensa de uma xácara velha, que anda na memoria dos povos, que ha de vir a polluição do espirito, e menos ainda o derrancar do coração, que é a verdadeira doença-mãe de todas as doenças moraes.

Quanto se póde julgar de uma coisa tam desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crer que ésta singela rhapsodia popular é anterior ou, se contemporanea, extranha á polida e estudada litteratura provençal do seculo XIII.

Que ja no tempo de D. Francisco Manuel de Mello ella era havida por coisa muito antiga, e de neuhum modo castelhana, temos

bom documento no seu 'Fidalgo aprendiz,'  
jornada segunda<sup>1</sup>:

*Brites*

Entoay, por meu prazer.

Qualquer coisa.

*Gil*

Sem guitarra?

*Brites*

Eylla; tomay.

*Gil*

'Passeava-se Sylvana

Por um corredor um dia...

*Brites*

Ay senhor! eu não queria

Senão lettra castelhana.

*Gil*

Cantarey algaravis,

Se mandays; pois que quereis?

*Brites*

Uma letra nova quero...

O pensamento, o fundo das ideas, o primeiro desenho e, quando muito, o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar n'estes esbocetos antigos, tantas vezes pintados e repintados por pinceis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sôbre tudo impenhados sempre em modernizar, pôr á moda e *fazer bonito* o que lhes parecia tosco e

1 Ed. de Leão de França, 1665, pag. 247.

grosseiro, só porque era simples e original.

O stylo, as palavras, a fôrma toda exterior de um d'estes romances parecerá muitas vezes, á primeira vista, de um seculo, e d'esse é com verdade, porque n'elle foi refeito ja na sexta ou septima traducção oral; quando originalmente elle foi composto outros tantos seculos antes.

Não ponho senão as variantes mais notaveis; tem muitas outras, e infinitas quasi, este romance, por ser dos mais populares e espalhados em todas as provincias. N'um curioso exemplar da Beiralta, em vez de começar como aqui começa e geralmente se diz, o principio é estoutro, accrescentado decerto por mão ignorante e sem tacto:

O conde de Villa-Flor,  
Com ser o conde maior,  
Com ter ja tres filhos homens,  
Lindos como o mesmo sol,  
A sua filha Sylvana  
De amores accommettia:  
—'Beim podéras tu, Sylvana,  
Commigo fallar um dia.'

No resto differe pouco da licção geral.  
A 'Adozinda' feita sôbre a 'Sylvana' e em

geral a poesia popular portugueza deram motivo a um interessante artigo que se publicou no num. xx do *Foreign Quarterly Review* de Londres, outubro de 1832. Copia-se aqui a parte respectiva, não só pelas curiosas observações do escriptor inglez, mas pelos tractos da traducção ingleza mais curiosos ainda.

We have already intimated that the long slighted *xacara* has at length found a cultivated admirer; and this admirer is the Senhor Almeida Garrett, whose attention seems to have been recalled to what formed the delight of his infancy, by the universal modern rage for old national legends and songs. He has collected the fragments of many mutilated *xacaras*, and in the introduction to *Adozinda* speaks of publishing them, with versions so far modernizing them as to render the language and stories intelligible. We are great lovers of such lore; and the Portuguese nature is so essentially poetical, that we are satisfied Lusitanian lisplings in numbers must be amongst the sweetest of early remains.

*Adozinda* is not exactly a specimen of what this work would be; in it the *xacara* fragments having grown into a poetical romance in four short cantos, and being altered, as well as dilated and completed. They could not else have appeared in these days of refinement; for the tale is founded on a passion revolting to human nature, and requires the utmost delicacy of management to render it endurable. Our author has done much to soften its offensiveness; indeed, as much as in most parts of the continent will, we conceive, be thought sufficient. English readers are 1, however, more fastidious; and there are parts of this

1 Esta vaidade da pruderie ingleza pavoneia-se aqui muito

poem which we could neither translate nor even insinuate comfortably. We must therefore tell the story briefly in our own way; first giving the description of Don Sisnando's return home from the moorish wars, and concluding with extracts from the catastrophe. As usual we imitate the metre of the original, to which belongs the intermixture of unrhymed lines.

Lo! what crowds seek Landim palace  
 Where it towers above the river!  
 Sounds of war and sounds of mirth  
 Through its lofty walls are ringing!  
 Shakes the drawbridge, groans the earth  
 Under troops in armour bright;  
 Steeds, caparisoned for fight,  
 Onward tramp:—o'erhead high flinging  
 Banners, where the red cross glows,  
 Standard-bearers hurry near,—  
 Don Sisnando's self is here!  
 From his breastplate flashes light;  
 Plumes that seem of mountain snow  
 O'er his dazzling helmet wave;  
 'Tis Sisnando, great and brave!

'Open, open, castle portals!  
 Pages, damsels, swiftly move!  
 Lo! from Paynim lands retreating  
 Comes my husband, lord, and love!  
 Thus the fond Auzenda cries  
 Tow'ards the portal as she flies.  
 Gates are opened, shouts ring round;  
 An the ancient castle's echo  
 Wakens to the festive sound;

fôra de proposito. Nas collecções de Percy e de W. Scott ha coisas tam pouco confortaveis como ésta, ou menos talvez. Myrrha e Cannace, não a leem elles em Ovidio, sem fazer estas tregeitos de hypocritões que são, os nossos alliados?

Welcome! welcome, Don Sisnando!

\* \* \* \* \*

Weeps her joy Auzenda meek,  
Streams of rapture sweetly flow;  
Down the never-changing cheek  
Of the warrior stout and stern,  
Steals a tear-drop all unheeded—  
Stronger far is joy than woe!

Recovering from his conjugal transports, Don Sisnando asks for his daughter:

At his side his daughter fair  
Trembling stands with downcast air.  
Like some modest star she seems,  
In the hot and vivid beams  
Of the sun, uprising bright,  
Seen as beautiful as ever  
But pale, dim, bereft of light.

Three long years had Don S'snando  
Fought against the Moorish crew;  
And unknown in this fair dame  
'Now his daughter met his view—  
'See her here!' the mother cries,  
Round her waist and arm entwining;  
'See her here, my Lord!'—What flame  
Blazes in the father's eyes  
Fixed upon his lovely daughter;  
Wonder with delight combining,  
Long he stands in rapture mute.  
Adozinda sighs and blushes,  
Whispers 'Father!' tremblingly,  
Bends in languid guise her knee,  
And, on the paternal hand  
Breathes with icy lips a kiss.  
Whilst of tears a torrent gushes,  
Tears she may no more command.

Our hint as to the revolting character of the story may, perhaps, have prepared the reader to perceive that the father has fallen in love with his own daughter. Adozinda had been forewarned of the horrors awaiting her by a hermit, to whom she as a child, had persuaded her ungentle father to grant hospitality, and she has ever since habitually passed her nights in solitary prayer in a haunted grotto. Here her father surprises her, and she only escapes the impetuosity of his loathsome passion by promising to admit him to her chamber the following night. Her still beautiful mother takes her place; and the father, enraged at discovering the holy fraud, shuts up Adozinda, without clothes or drink, for seven years and a day, in a roofless tower, where a Moorish king had so imprisoned a faithless wife. He then retires to his chamber where none may intrude:—

And the father is alone.

He alone? With him remain

They that ne'er desert their own:—

Sin, remorse and gnawing pain

\* \* \* \* \*

Dawns at length th' appointed day;

Adozinda's years of doom,

Years and day, at eve expire.

Scorched i' th' sun's meridian ray

Seems the solid earth on fire.

From you prison's sullen womb

Hark! what accents force their way?

Accents seven long years unheard.

'Tis a voice that asks compassion;—

Hearken to each piteous word—

'Give, Oh give a draught of water!

One sole draught for mercy's sake;

Here unsheltered I am burning

And my very heart will break.'

That was Adozinda fair,

All her accents recognize;

To her prison throgs repair,  
 On the loop-hole fix their eyes,  
 And 'she lives! she lives!' they shout,  
 'Lives the innocent oppressed!'  
 Then amidst the wond'ring rout  
 Stories of her patience spread;  
 All the virtues are confessed,  
 Of the Angel mourned as dead.—  
 Hark! again those sounds are heard!  
 Hark! again each piteous word  
 Seems the prison walls to shake.  
 'Give, Oh give a draught of water!  
 One sole draught for mercy's sake;  
 Here unsheltered I am burning  
 And my very heart will break.'

Every breast was moved to grief,  
 But her father who might brave?  
 Weeping they this answer gave —  
 'Angel, yet a while endure,  
 Swift deliverance is sure,  
 He, thy Sire, must bring relief.  
 Now the seven long years are gone,  
 And the day is well nigh done;  
 Yet an hour 'gainst death contend,  
 Then thy sufferings must end.'

Adozinda answers that she cannot hold out another hour. She tells how she has been supported against thirst, heat and cold, through the seven years by a continued miracle, but that the hand of God has been withdrawn from her for the last three days, and she can endure no more. She concludes by again repeating her stanza of supplication. The tidings reach Don Sisnaudo:—

And within his stony breast  
 Cruelty has died away,

Dawns of pily a faint ray;  
 From his parched, sepulchral eyes,  
 Terror, that on all impressed,  
 By the hand that will chastise  
 Touched, burst tears of human anguish.

\* \* \* \* \*

To the tow'r he rushes, shouting  
 'Water! quick, bring water here!  
 Hasten, hasten all to aid  
 Th' innocent ill fated maid,  
 Murdered by her father's hands!  
 Shouting thus he hurries near;  
 And beneath the prison stands,  
 Where sad Adozinda moans,  
 'Daughter! yet 'tis time — Oh live!  
 Daughter, daughter, Oh! forgive  
 This vile murd'rer!' — Pas-ion's force  
 Choaks his accents, choaks his groans;  
 Voice, strenght, breath, have sudden failed him —  
 On the earth he lies a corse.

These events raise Anzenla from what was thought her death-bed. She totters to the foot of the tower, and orders her daughter to be released. But no exertions can burst the prison doors, till the Hermit who had forewarned Adozinda arrives. At his word the tower opens. — Adozinda is dead — and dead he leaves her. But Don Sisuan lo he recalls to life, that the sinner may, by long and painful penitence, atone his crime. The guilty father departs with the hermit, and is seen no more; but even to the present day,

Still at midnight's solemn hour  
 Underneath that ruin'd tow'r,  
 Through th' adjoining chapel, sound  
 Voices mingling words and groans —  
 'Pardon! pardon! echoes round. —  
 Those are Don Sisuan's tones.



## SYLVANINHA

Passeiava-se a Sylvana  
Pelo corredor acima †;  
Violla de oiro levava,  
Oh! que tam bem a tangia!  
E se ella bem a tangia,  
Melhor romance fazia.  
A cada passo que dava,  
Seu padre a commettia:  
—‘Attreves-te tu, Sylvana,  
Uma noite a seres minha?’  
--‘Fôra uma, fôra duas,  
Fôra, meu pae, cada dia;  
Ma’ las penas do inferno  
Quem por mim las penaria?’

† Por seu corredor acima - *Minho*.

--'Pená las-hei eu, Sylvana.  
Que las peno cada dia.'

Foi se d'alli a Sylvana,  
Mui agastada que ia;  
Foi se incontrar com sua madre  
Lá no adro da ermida<sup>2</sup>:  
--'Que tens tu, minha Sylvana,  
Que tens tu, ó filha minha?'  
--'Oh! quem tal pae não tivera,  
Quem não fôra sua filha!  
Que me accommette de amores,  
O' minha mãe, cada dia.'  
--'Vai, filha, vai para casa,  
Veste uma alva camisa,  
Que o cabeção seja de oiro<sup>3</sup>,  
As mangas de prata fina:  
Deitar-te-has no meu leito,  
Eu no teu me deitaria...  
E hade valer-nos a Virgem,  
A Virgem Sancta-Maria.'

Lá junto da meia-noite  
Seu padre que a accommettia...

<sup>2</sup> Entre a sala, e a cosinha—*Minho, Extremadura.*

<sup>3</sup> As camisas bordadas de olro e prata eram uma das absurdas elegancias do luxo da edade-média em que nada se dava aos commodos e tudo á ostentação.

--'Se eu soubera Sylvana,  
 Que estavas tam corrompida.  
 Oh! las penas do inferno  
 Por ti las não penaria...  
 --'Ésta não é a Sylvana,  
 E a mãe que a paria;  
 Tambem pariu Dom Alardos,  
 Senhor de cavalleria,  
 Tambem pariu a Dom Pedro,  
 Principe da infantaria <sup>4</sup>,  
 Tambem pariu a Sylvana  
 Que seu pae accommettia <sup>5</sup>.  
 --'Oh! mal haja que haja a filha  
 Que seu padre descubria!  
 --'Oh! mal haja que haja o padre  
 Que sua filha commettia!  
 Manda-a metter n'uma tôrre  
 Que nem sol nem lua via:  
 Dão-lhe a comida por onça  
 E a agua por medida.  
 Ao cabo de sette annos  
 Veis a torre que se abria...

Assomou-se a Sylvana  
 A uma ventana mui alta,

<sup>4</sup> *Principe* na significação do chefe é commum na lingua-  
 gem dos seculos XI, XII e XIII.

<sup>5</sup> Que de ti foi commettida— *Betrabaixa*.

Foi-se encontrar com sua madre  
Lavrando n'uma almofada <sup>6</sup>:  
--'Estejais embora, madre,  
O madre já da minha alma:  
Peço-vos por Deus do ceo  
Que me deis um jarro d'agua;  
Que se me aparta a vida,  
Que se me arranca a alma.  
--'Dera-t'a eu, filha minha,  
Se a tivera salgada,  
Que ha sette para oito annos  
Que por ti sou mal casada.  
Se teu padre tem jurado  
Pela cruz de sua espada,  
Quem primeiro te desse agua  
Tinha a cabeça cortada!'  
Assomou-se a Sylvana  
A outra ventana mais alta,  
Foi se encontrar c'os irmãos  
Que estavam jogando as cannas:  
--'Estejais embora irmãos,  
Meus irmãos ja da minha alma:  
Peço-vos por Deus do ceo  
Que me deis um jarro d'agua,  
Que se me aparta a vida,  
Que se me arranca a alma!'

<sup>6</sup> Cozendo n'uma almofada—*Extremadura*.

-- Dera t'a eu irman minha,  
 Se a tivera impeçonhada <sup>7</sup>:  
 Que nosso pae tem jurado  
 Pela cruz da sua espada <sup>8</sup>  
 Quem primeiro te desse agua  
 Tinha a cabeça cortada.'  
 Assomou-se a Sylvana  
 A outra ventana mais alta,  
 Foi-se encontrar com seu padre  
 A jogar a imbocada:  
 -- Estejais embora, padre,  
 Padre meu ja da minha alma:  
 Peço-vos por Deus do ceo  
 Que me deis um jarro d'agua,  
 Que se me aparta a vida,  
 Que se me arranca a alma...  
 E de hoje por deante  
 Serei vossa namorada '  
 -- 'Alevantem-se, meus pagens <sup>9</sup>,  
 Criados da minha casa,  
 Uns venham com jarros de oiro,  
 Outros com jarros de prata:  
 O primeiro que chegar  
 Tem a commenda ganhada.  
 O segundo que chegar  
 Tem a cabeça cortada.

7 Se a tivera salgada—*Lisboa*.

8 Pelos cunhos da espada—*Alemtejo*.

9 Alevantem-se, meus meços—*Minho*.

Os criados que chegavam,  
Sylvaninha que finava  
Nos braços da Virgem sancta,  
Dos anjos amortalhada <sup>10</sup>!  
Vai-te embora, Sylvaninha,  
Sylvaninha da minha alma:  
Tua alma vai para o ceo,  
A minha fica culpada.

10 Dos anjos acompanhada— *kibatejo*.

VIII

BERNAL-FRANCEZ



Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia de poesia popular que leva este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, já no proprio fragmento, já na reconstrucção ou imitação d'elle que ao mesmo tempo dei á luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson<sup>1</sup>, uma nova traducção ingleza, diferente e mais acabada do que essoutra que dei no primeiro volume do ROMANCEIRO<sup>2</sup>; de Hespanha

<sup>1</sup> Na *Lusitania Illustrata*, Part. II, Newcastle upon Tyne 1846, se publicou ésta nova traducção.

<sup>2</sup> *Romanceiro geral*, I, Lisboa 1843.

chegou tambem ha pouco uma bella e elegante versão em castelhano.

Junctareiaqui uma e outra para satisfacção do público portuguez, e em demonstracção tambem d'um grande e importante theorema que ainda me parece não ser tam geralmente demonstrado quanto precisa sê-lo entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional, mais estrême e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos proprios exirangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo litterario. O que não tem côr nacional, o que pôde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não só como obra litteraria, ou como coisa de imaginaçào e objecto de curiosidade são interessantes éstas reliquias. Eu creio n'ellas como coisa historica. E tenho mais fe n'esses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorancia, do que n'essoutros que deixou escriptos a sapiencia dos lettrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituído e apurado por

longo trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do 'Bernal-Francez' segundo o conservou essa tradição.

É este um dos mais bellos e seguramente mais antigos romances da nossa península. Não apparece, como ja n'outra parte disse <sup>1</sup>, em nenhum dos romanceiros castelhanos nem na vasta collecção de Óchoa; e denota todo elle mais antiguidade que os mais antigos que n'aquelles codices se acham. Os neologismos da dicção devem-se ás causas já referidas tantas vezes, que todas estão no variavel e pouco seguro cofre da memoria popular em que têm andado guardadas éstas reliquias, sem mais authênica do que essa mesma recordação immemorial, bastante em direito para outras posses; porque o não será para ésta?

Além de não andar nas collecções da nação vizinha e irman, nenhum vestigio de idiotismo seu, nenhum resaiço castelhano se nota n'esta composição toda portugueza. As agudezas e artificio dos trovadores da côrte

<sup>1</sup> Tom. I do *Romanceiro*, pag. 91.

de D. Diniz e de Affonso III tambem aqui são extranhas; é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sôbre ésta simples tela bordei o pequeno poema que se publicou em 1828 com a Adozinda, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fôra copiado da lição vulgar da Extremadura. A que dou agora, além de revista pelos manuscriptos do cavalheiro de Oliveira, foi apperfeiçoada ainda pela collação com as diversas cópias das provincias do Norte, especialmente da Beirabaixa, que são, em meu intender, as mais seguras, segundo já observei tambem <sup>1</sup>.

Chamei-lhe então xácara: duvido agora se a classificação foi bem feita; duvido até da mesma theoria da classificação que tenho procurado estabelecer ás apalpadellas. Acham-se, é verdade, éstas variadas designações: *romance* ou *rimance*, *xácara*, *solao*, que parecem indicar especiaes; e ainda as que parecem

<sup>1</sup> Veja o vel. cit. I do *Romanceiro*.

ser mais genericas, de *trova, cantiga, cantar, canção*; mas o que ellas sempre designem ou quizeram designar não é facil determiná-lo com segurança. Mais modernas cuido que são as denominações de *loa, barca, tenção, chacota*; e tambem éstas não estão bem appuradas em suas distincções characteristics. Umas eram talvez determinadas pela fórma exterior metrica, outras pelo stylo ou tom, outras pelo objecto e assumpto, outras finalmente pelo uso, pela solemnidade a que eram consagradas, pela occasião para que eram compostas.

Ja disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto epico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lyrico. Os romances pastoris, os satyricos, os facetos, os eroticos, os mesmos mouriscos do seculo xvii, são já aberrações visiveis, ou, pelo menos, novas especies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A xácara é toda dramatica; o poeta falla pouco ou nada, não narra elle, senão os seus interlocutores que apenas indica, e nem sempre claramente.

Mas éstas duas especies, se o são, junctaram-se muitas vezes e produziram, ora o *romance-xúcara* em que predomina a narrativa epica sem exclusão do drama; ora a *xúcara-romance* em que o dialogo é auxiliado de breves, brevissimas indicações, quasi rúbricas ou direcções de scena, que faz o poeta a raras intervallos. O povo, em muitas das coisas que recita d'este genero, diz as fallas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restricção a texto positivo, e mais ou menos diffusamente segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O *romance* e a *xúcara* têm em geral a mesma lei metrica, do consoante ou assoante fixo e do número octosyllabo <sup>1</sup> dos versos. O chamado romance hendecasyllabo dos fins do seculo xvii é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte d'elle.

O *solio* será sempre cantar triste como indica Bernardim-Ribeiro? Narrativo é elle tam-

<sup>1</sup> Aparecem, por excepção, alguns romances que os nossos chamam *em endexas*, compostos, segundo uns, em versos alexandrinos de doze syllabas, segundo outros, em versos de seis syllabas, tomando o hemistichio por unidade.

bem pelo que tam claro nos diz Sa-de-Miranda. Mas uma coisa não exclue a outra. Eu inclino-me a crer que o solão é um canto epico ornado, em que as effusões lyricas accompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sôbre elles, do que para os contar ponto por ponto.

*Cantiga* deve de ser a expressão lyrica e improvisada de um sentimento.

*Cantar* é talvez o genero de todas éstas especies.

A *trova* mais artificial, mais elaborada, *achou-a* o poeta com estudo, cingindo se a regras mais severas de metro ou de stylo: trovar (trouver, trovare) é *achar*; e para achar, procura-se, trabalha-se.

*Canção* tambem é termo generico, mas inculca mais artificio do que a *cantiga* e o *cantar*: entre nós designa mais strictamente a ode romantica da meia-edade com certas formulas de metro e divisões regulares de strophes.

*Loa* virá do latim *laus*? Pôde ser; é um canto de louvor mas por certo modo e regra. A *loa* *deita-se* ainda hoje nos cirios das provin-

cias do Sul, recita-se nos presepes do Natal das provincias do Norte do reino. É um cantar de anjos, de genios, de espiritos; mas dramatico, dialogado: é um côro hyeratico que se intoa, que se *deita* do ceo para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Thespis do nosso theatro começaram talvez por aqui, antes que Gil-Vicente e João da Enciña subissem ao seu tablado de novos Eschylos. Na descripção das festas do casamento do principe D. Affonso, chronica de D. João II, acho que algum tanto no-lo indicam as expressões de Garcia de Rezende; e mais claramente ainda o romance de Ayres Telles de Menezes — que n'esta collecção achará o seu logar respectivo. Ahi diz, descrevendo aquellas mesmas festas:

Depois ledos tangedores,  
 A viada da princeza,  
 Fizeram fortes rumores,  
 Espanto da natureza;  
 Barcas e loas fizeram,  
 E outras representações  
 Que a todos gran' prazer deram,  
 Conforme suas tenções.

A *barca* (alguma coisa de barcarolla vene-

ziana?) era, creio eu, cantiga alternada tambem, e outra vez a vozes e côro, que o mar mandava á terra para tomar parte em seus regosijos. Navegantes, tritões, sereias, os habitantes reaes e os imaginarios do outro elemento, vinham a este, cantar e deitar suas loas, que appropriadamente tomavam n'este caso o nome de barcas. Tambem se acham vestigios de barcas *ao divino*, compostas sôbre assumptos religiosos. Ao deante juntarei, em seu devido logar, um documento positivo e mui curioso exemplar d'esta gallante variedade, tam natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

*Tenção* é o *tençon* dos provençaes, distico breve, em metaphora ou ditto ingenhoso, ja acompanhando e explicando o symbolo heraldico de uma *empreza*, no escudo, na bandeira—ja expressando, em mais pacifico ensejo, os sentimentos intimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem elle se explicar de todo. A *tenção* é originariamente cortezan, e só tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da *chacota*, do que elle era pelo menos no seculo xv e xvi, nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o theatro de Gil-Vicente, precioso thesoiro de coisas populares, o mais ricco e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os proprios cancioneiros, cujos collectores, homens só de côrte, desprezaram tudo o que não era alarabicado pelas modas e polida affectação dos trovadores cortezãos; em quanto Gil-Vicente, homem do povo no meio do palacio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições immemoriaes, os cantares rusticos mas cheios d'alma, tinctos na côr fechada e forte que só o povo sabe dar e que não desbota.

A *chacota* era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordida nos vicios, e nos ridiculos dos homens e dos tempos; uma especie de *sirvente* menos aspera e severa, nunca séria e grave como ella, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o cômico final dos entremezes e das farças.

A mesma palavra *sirvente* ou *servente*, e

a designação de versos *sirventesios*, não foi estranha aos nossos antigos, que houveram a palavra, e talvez confundiram a idea dos provençaes. Sabe-se que a *sirvente* do trovador era amarga, satyrica; por vezes foi o grito de guerra, o hymno revolucionario dos Alceus da meia-edade contra a tyrannia real e sacerdotal: a *sirvente* nossa creio que era toda ascetica e religiosa, senão é que mystica.

Mas repitto com sinceridade, que sim tenho consciencia de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas, e quasi todos estes calculos fundados em hypothese, vagas. Os nossos philologos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a litteratura popular como indigna de seus classicos estudos. Faria-e-Sousa, e alguns poucos mais, que tinham o instincto da sua importancia, sacrificaram aos prejuizos do tempo: e, ou por credulidade ou por pouco escrupulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fe e lisura.



## BERNAL-FRANCEZ

—‘Quem bate á minha porta,  
Quem bate, oh! quem 'stá ahí?’  
—‘Sou Bernal-Francez, senhora;  
Vossa porta, amor, abri.’  
—‘Ai! se é Bernal-Francez,  
A porta lhe vou abri;  
Mas se é outro cavalleiro,  
Bem se pôde d'ahi ir.’

Ao saltar de minha cama  
Eu rompi o meu frandil <sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Frandil*, ainda hoje usado em Traz-os-montez, significa *ralda* no sentido metonymico antigo, por *camiza* ou *gibão branco de fralda*

Ao descer da minha escada  
 Me cahiu o meu chapim <sup>2</sup>,  
 Ao abrir a minha porta  
 Me apagaram o meu candil... <sup>3</sup>  
 Pegára-lhe pela mão  
 E o levei ao meu jardim,  
 Fiz-lhe uma cama de rosas,  
 Travesseiro de jasmins,  
 Lavei-o em agua de flores  
 E o deitei a par de mim...

--'Meia noite ja é dada  
 Sem te voltares p'ra mim;  
 Que tens tu, amor querido,  
 Que nunca te vi assim?  
 Se téme-los meus criados,  
 Não virão agora ahi;  
 Se téme-los meus irmãos,  
 Elles não moram aqui;  
 Se de meu marido temes,  
 Longes terras foi d'aqui,  
 Por má traça o mattem 'moiros <sup>4</sup>,  
 E a nova me venha a mim!...'  
 —'Não temo de teus irmãos

<sup>2</sup> Sapato, chinela.

<sup>3</sup> Candeia, vela.

<sup>4</sup> Má traça! moiros o mattem.

Novas me venham a mim—*Fibotjo*.

Más entiladas o mattem—*Beiratta*.

Que bem sei que são por mim <sup>5</sup>,  
 Não temo dos teus criados  
 Que mais me querem que a ti;  
 A teu marido não temo,  
 E d'elle nunca temi. . .  
 Teme tu, falsa traidora,  
 Pois o tens a par de ti!  
 — 'Ai! se tu es meu marido,  
 Quero-te mais do que a mim. . .  
 Oh que sonho, tam mau sonho,  
 Que eu tive agora aqui!  
 Ergamo'-nos ja, marido,  
 Deixa-me vestir d'ahi.'  
 — Calla-te, falsa traidora,  
 Que não me inganas assim.  
 Deixa tu vir a' manhã,  
 Que eu é que te heide vestir:  
 Dar-te-hei saia de grana <sup>6</sup>  
 E gibão de cramezim,  
 Gargantilha de cutello,  
 Pois tu o quizeste ass'im.'

5 Pois cunhados são de mim— *Alemtejo*.

6 Dar-te-hei saia de grana: ne — *Extremadura, Beira Alta e Várzea*.

Se não é corrupção de *grana* ou *grã* estôfo, roupa tinte de grana, vermelha, só se for derivação do francez antigo *guare* (de duas côres)—o *gouaruar* das nossas antigas leis sumptuarias. Em quasi todas as cópias vem *guarane* e não *grana*: d'onde me inclino a crer que talvez a verdadeira lição original seja *guarane*. Em adoptei *grana* por ficar mais óbvio o senti'ço.

—‘Deixa-me ir porqui abaixo <sup>7</sup>  
 Co'a minha capa a cahir,  
 Vou-me ver a minha dama  
 Se ainda se lembra de mim.' ·  
 —‘Tua amada, meu senhor,  
 E' morta, que eu bem a vi:  
 Os signaes que ella levava;  
 Eu t'os digo agora aqui:  
 Levava saia de grana <sup>8</sup>  
 E gibão de cramezim,  
 Gargantilha de cutello,  
 Tudo por amor de ti.  
 Os sinos que lhe correram  
 Por minhas mãos os corri;  
 As andas em que a levaram  
 Eu de negro lh'as cobri;  
 Caixão em que a amortalharam  
 Era de oiro e marfim;  
 Os frades que a acompanhavam  
 Não tinham conto nem fim;  
 Sahiram-lhe sette condes <sup>9</sup>,  
 Cavalleiros mais de mil;  
 As donzellas a chorar,

7 Deixa-me ir porqui abaixo  
 Co's minha capa cahida,  
 Quero ver a minha amada  
 Se é morta ou se inda é viva — *Minda. Ribatejo.*

8 Veja nota e variante 6.

9 Foram ao seu sahimento ou intêrro.

Os pagens iam a rir  
 Levaram na a interrar  
 Á igreja de San'Gil.'

Palavras não eram dittas,  
 Por morto no chão, cahi;  
 Passaram-se horas e horas  
 Quando me tornei a mim.  
 Fui-me áquella sepultura.  
 Queria morrer allí:  
 —'Abre-te, ó campa sagrada  
 Esconde-me a par de ti!'  
 Do fundo da cova triste  
 Ouvi uma voz sahir <sup>10</sup>:  
 —'Vive, vive, cavalleiro,  
 Vive tu que eu já morri:  
 Os olhos com que te olhava  
 De terra já os cobri,  
 Bôcca com que te beijava  
 Já não tem sabor em si,  
 O cabello que intrançavas <sup>11</sup>  
 Já cahido a par de mim,  
 Dos braços que te abraçavam  
 As cannas vê las aqui!  
 Vive, vive, cavalleiro,  
 Vive tu, que eu já vivi:

<sup>10</sup> Uma triste voz ouvi—*Extremadura*.

<sup>11</sup> As tranças com que folgavas—*Açóres*.

A mulher com quem casares  
Chamem-lhe *Anna* como a mim  
Quando chamares por ella  
Hasde-te lembrar de mim.  
Conta-lhe os nossos amores,  
Que apprenda na minha fim <sup>12</sup>.  
Filhas que della tiveres  
Insina-as melhor que a mim,  
Que se não percam por homens,  
Como eu me perdi por ti.'

12 O povo, á maneira dos nossos antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferente-mente nem a toa. *Fim* como alvo, objecto, etc. é sempre masculino; como termo, acabamento da vida, ou de outro estado qual-quer, sempre feminino, para ellea.

## TRADUÇÃO INGLEZA

Mais para fazer acceito ao commum dos leitores um estudo e um gôsto que infallivelmente hade regenerar a nossa poesia e com ella a nossa lingua e litteratura toda, revertendo-a á simplicidade bella de sua origem natural, de que tam affastadas andam pela imitação pesada e contrafeita dos estrangeiros, mais para esse do que para nenhum outro fim litterario, *traduzi* em lingua-gem e modos menos rudos o *Bernal-Francez* pela fórma que appareceu na primeira edição em Londres e depois com pouca differença, na de Lisboa<sup>1</sup>.

D'essa que talvez possa chamar-se com propriedade a 'traducção litteraria do romance primitivo', ou mais exactamente ainda a 'traducção de sala' é que se fez a primeira versão ingleza publicada na segunda edição do *Bernal-Francez* em Lisboa<sup>2</sup>.

Era essa traducção do meu amigo o sr. John Adamson que, não contente assim com ella, me enviou outra mais apurada e perfeita, da qual não devo privar os leitores: ei-la aqui:

1 ROMANCEIRO, tom. 1. Lisboa, 1843.

2 *ibid.*

**BERNAL-THE-FRENCH**

To the sea went Don Ramiro,  
 Galley fair the warrior bore,  
 From the poop his conquering pennon  
 Waved defiance to the Moor.

Sad th' adieu at his departing,  
 Pangs of anguish rack'd his breast;  
 Many a year an anxious lover —  
 Scarce twelve moons a husband blest.

You may not find a Spanish maiden  
 As Violante fair to view —  
 Peerless she among earth's daughters,  
 Had the heart been leal and true!

Loud beats the sea against the basement  
 Of the castle's towering steep,  
 One only eye in that lone turret  
 Keeps the watch that knows not sleep.

All is deep repose and slumber —  
 All is silence — close the ward  
 Of jealous gate and stout portents  
 While away the warrior Lord!

Still, at witching hour of midnight,  
 Gleams on high a tiny spark;  
 And ever silent underneath it  
 Floats a swift and vent'rous bark. —

And as night to night succeeded,  
 Smooth or rough might be the sea —  
 Still above the light would tremble  
 Still beneath the bark would be.

Knew'st thou this, good Roderigo?  
 Had'st forgot the sacred word?  
 With many a solemn pledge and promise  
 Plighted to thine absent Lord?

Aye! or nay! no man may answer —  
 Yet the vent'rous caraval  
 Still rocked beneath that guarded tower,  
 Silent still the warder's call! —

One night at length full dark and drear, it  
 Parted from the wonted shore —  
 What it bore no man can tell us —  
 But it came again no more.

As returned the hour of trysting  
 Soft the light began to gleam —  
 But no swift advent'rous pinnace  
 Answer'd to the luring beam!

Where the rock rebuts the billow  
 Ope'd a secret postern gate —  
 Known alone to Don Ramiro,  
 Warder tried and loving male.

But, at deadly hour of midnight,  
 Thro' that portal one hath gone;  
 Where ere while stands gently knocking  
 At the Lady's Bower - alone!

—‘Who without so rudely knocking  
 Slumber from mine eyes would move?  
 —‘Bernal am I of France, fair Lady!  
 Open to your Knight and love!’

From her bed of gold descending,  
 Robe of flowing silk she tore —  
 And the gust her lamp extinguish’d  
 Gently tho’ she ope’d the door.

By the trembling hand she led him  
 To her bower, this Leman bold:  
 —‘How trembles all my bosom’s treasure!  
 And this hand how chill and cold!

Then, with sighs and burning kisses,  
 In her palpitating breast  
 By the faithless Violante  
 Were those chilly hands caress’d.

—‘Hast thou come from far’ —‘Aye marry.’  
 —‘Rough the sea?’ —‘As rocks above.’  
 —‘Com’st thou arm’d?’ Not waiting answer  
 Straight to loose each claspe she strove.

In essence pure of Arab roses  
 Quick the welcome form she bath’d,  
 And on her dainty couch she laid him,  
 All in folds of fragrance swathed.

—‘Fast the weary night is wasting,  
 Whisper none dost thou impart?  
 What ails my Love? let Violante  
 Share the woes of that lov’d heart?’

,Is't thou fear'st my noble brothers?  
 Here their foot shall never fall.  
 Or doth Ramiro's kinsman daunt thee?  
 Feeble he to match Bernal.—

'Unconscious all my sottish vassals  
 Soundly sleep in cell and tower —  
 Safe our love, eye of mortal  
 Ne'er shall pierce this hidden bower?

'Fear'st Ramiro?—well thou know'st him  
 Gone o'er fields of fame to roam;  
 Long, O lusty Moor, detain him!  
 No regret shall haste him home.'

—'Fear I not thy sleeping vassals —  
 Since mine own these vassals be,  
 Fear I not or frere or kinsman —  
 Frere and kinsman both to me !

'Fear I never Don Ramiro  
 Injur'd Lord—behold him here !  
 Here beside thee—faithless Leman !  
 Thine the heart may quail with fear !

Fair the rosy sun new ris'n  
 Tips with gold each rock and tower —  
 Fairer still—to meet the Headsman  
 Violante leaves her bower.

Coarse and harsh the Sackcloth mantle  
 That those gentle limbs have on ;  
 Rough and rude the rope hat binds her—  
 Rope in place of jewel'd zone.

Weep the pages — weep the maidens —  
 Pity bids forget the crime —  
 Down the beard of injured Husband  
 Rain the tears like melting rhime.

Deep and dull the death-bell tolling  
 Signal gives the axe to raise;  
 —‘Welcome death, the death I merit!’  
 (Thus that erring Lady prays) —

‘Low before thee, Don Ramiro,  
 In the dust a boon I crave—  
 Pardon for the sake of pity,  
 Pardon—not that life shall save—

‘But for thy deadly wrong I’ve done thee!  
 Wrong that made thy bosom bleed,  
 Assail me as I cower before thee  
 In this my hour of bitter need. —

‘Faithless — I alone am guilty—  
 Never let thy vengeance fall  
 On him my baneful charms deluded,  
 Spare the wretched Knight Bernal!’

Quick the husband’s love was kindling,  
 Pardon trembled on his tongue—  
 But at name of hated Bernal  
 Ru’h and pity far he flung—

Flush’d his face with vengeful anger,  
 As from her he fain would save,  
 He tore his glance—and arm uplifting  
 Mad the fatal sign’d gave —

On that neck so clear and crystal,  
Beauteous yet, though deadly white—  
With a vigour fierce and fatal  
Did the Henchman's axe alight.

Oh what dense and long procession  
From the ancient gate departs!  
Gathering crowds in silence see it—  
Gathering crowds with aching hearts.

Torches and pale waxen tapers  
Thro' the darkness and the gloom  
Cast a dim and mournful glimmer—  
Glimmer guiding to the Tomb.

Closed, within their hooded mantles,  
Friars a requiem chant around;  
Throb all hearts with awful terror  
At the bell's appalling sound.

Twice the moon her course hath waunder'd—  
In that loophole all is dark—  
Yet o'er the channel, swiftly passing,  
Plies the swift advent'rons bark.—

Pretty bark so light and buoyant—  
Bark each billowy sea could brave—  
The beam, that erst was wont to guide thee,  
Ne'er again shall tinge the wave!

Lo, thy gentle Violante,  
Queen of every witching charm,  
For thee a dismal death hath suffered,  
Fall'n beneath the Headsmen's arm.

From tower of St. Gil resounding  
 Hear'st thou not the knelling boom  
 See'st thou not the torches glimmer  
 Slow they bear her to the Tomb.

Aud now the funeral rites are over  
 Flx'd the cold sepulchral stone —  
 In those aisles, so lately crowded,  
 A cavalier is seen alone !

All of black is mournful raiment —  
 Blacker still his bosom's wound —  
 As by the new made grave despairing,  
 Flat he cast him on the ground.

—'Open, holy Tomb, thy portals —  
 Ope a broken heart to hide —  
 Ope and fix in death that union,  
 Life to hapless love denied !

'Open, holy Tomb, thy portals!—  
 Hiding charms so passing bright—  
 My dark crime, with her ill-fortune,  
 Bury in eternal night.

'Open, holy Tomb, thy portals!—  
 Take a gift that I disown—  
 Let me yield for Violante  
 Life that lived on her alone !'

Fell his tears—fell fast and freely—  
 Groans of anguish heav'd his breast—  
 Firm he grasp'd his trusty faulchion.  
 So to give his sorrows rest.

But on the hilt his hand was frozen!  
 From the dark sepulchral mould  
 Arose a voice, still sweet and tender,  
 But so fearful and so cold...

Cold as the clay from which it sounded,  
 Terror through each nerve it spoke;  
 The pulse of life was all suspended,  
 Cramp'd as tho' by palsy stroke!

—'Live, Sir Knight, O live beloved!  
 Live tho' I no longer live—  
 Mine, alone, who have deserv'd it,  
 Be the death our crime should give.

'Alas, beneath this frozen marble  
 Where cold horror laps my corse,  
 All that seems to hint existence  
 Is my love and my remorse!

'Arms with which I once embrac'd thee,  
 Fix'd and rigid lie compos'd—  
 Eyes, which fondly gaz'd upon thee,  
 Clods of callous earth have clos'd:

'The mouth forsworn with which I kiss'd thee,  
 Boasts no more its honied dew—  
 The treach'rous hearth with which I lov'd thee!  
 Oh! would that that were senseless tool

Live, Sir Knight—O live beloved!  
 Live and may'st thou blessed be  
 And oh, thy life as husband—father  
 Cnide by warning thought of me.

'The happy maiden whom thou chousest  
 Give her Violant's name—  
 Be she in love a Violante—  
 In love—but nought besides the same.

'The treasur'd children she may bear thee,  
 Purer than mine their culiure be,  
 That ne'er, they lose themselves in passion,  
 As I have lost myself for thee 1.'

1 D'este e dos outros romances que formam o primeiro vol. do meu ROMANCEIRO, impresso em Lisboa, 1843, fez o Sr. Adamson o segundo vol. da sua 'LUSITANIA ILLUSTRADA' que me dedicou e foi publicada em Newcastle, 1846. Tambem deu depois outra edição das versões inglezas sem o texto portuguez com o titulo BALADS FROM THE PORTUGUEZE, TRANSLATED AND VERSIFIED BY J. A. and R. C. C.

## TRADUCCÃO CASTELHANA

A traducção castelhana do Sr. Isidoro Gil, ultimamente addido á legação d'Hespanha em Lisboa, pessoa de muita intelligencia e gôsto, foi publicada no jornal de Madrid, El Laberinto <sup>1</sup>.

BERNAL FRANCEZ

Al mar se fué don Ramiro,  
Rica gale:a llevaba ;  
Su pendon, terror del moro,  
En la alta popa ondeaba.

Tierna fué la despedida !  
Vá en sus recuerdos sumido ;  
Con tantos años de amores  
Ni uno cuenta de marido.

Que no hay dama en toda España  
Tan bella cual Violante ;  
Ni igual la hubiera en el munde  
Si ella fuese mas constante.

Bate el mar la barbacana  
Del alto muro almenado,  
Sofo en su torre el vijia  
No cede al sueño pesado.

Todo calla y duerme en toruo,  
Todo es silencio é pavor ;  
Redobla el celo en las puortas  
Coa la ausencia del señor.

Mas, allá entrada la noche,  
Luz se vé en una tronera,  
Y en la sombra deslizarse  
Leve barca aventurera.

Y vuélve á verse otras noches,  
Ya esté en calma ó recio el mar,  
La misma luz á igual hora,  
La misma barca pasar.

¿Ignora esto el buen Rodrigo,  
Que a su señor prometió  
Cumplir fiel el juramento  
Que entre sus manos prestó ?

Ignóralo, ó no lo ignora ;  
Mas la barquilla ligera  
Que al pié de la torre inmóvil  
Yacia allá en la ribera,

En noche triste y oscura  
Del mar desapareció ;  
Que fué de ella no se sabe,  
Mas si se fué, no volvió.

Y la luz del torreón  
Vióse á igual hora brillar . . .  
Mas la barca aventurera  
No llegó a verse pasar.

De la roca el pie escarpado  
Recela oculto postigo,  
Solo le sabe Violante,  
Su esposo, y el fiel Rodrigo.

Y un negro bulto en la noche  
El postigo traspasava,  
Y á la puerta de Violaute  
Blando llamar se escuchaba:

—'Quien asi llama a mi estancia?  
Quien llama? Oh! quièn es? decid.'  
—'Soy Bernal-francés, señora,  
Al amor la puerta abrid.'

Al bajar del lecho de oro  
La fina holanda rasgó,  
Al abrir quedo la puerta,  
La luz el viento apagó.

Con trémula mano asiendole  
Á su aposento lo guía:  
—'Cuál tiemblas, amor querido,  
Cuál siento tu mano fria!'

Y con ósenlos ardientes,  
En el seno palpitante  
Sus yertas manos calienta  
La enamorada Violaute.

—'De lejos vienes?—'De lejos.  
—'Bravo estava el mar!—'Tremendo.'  
—'Y estas armas!—'No responde.  
Ella las va desciiendo.

En pura esencia de rosas  
Al tierno amante bañó,  
Y en su lecho regalado  
A par de sí le acostó.

—'Medía noche es ya pasada  
Sin que hácia mi te tornáres,  
Que tienes, querido amante,  
Que me encubres tus pesares !

'Si temes de mis hermanos,  
No han de venir basta aqui ;  
Si de mi cuñado temes,  
El no es hombre para ti.

'Mis criados é vasallos  
A hora tal han de dormir,  
Ni de nuestro amor sospehan,  
Ni lo pueden descubrir.

'Si de mi marido temes,  
Á luengas terras marchó,  
Allá lo detengan moros,  
Ningun recnerdo dejó.'

—'Yo ne temo a tus criados,  
Jurárnme sumision ;  
Cuñado ni hermanos temo,  
Mi hermano y cuñados son.

'De tu marido no temo,  
Ni tengo porqué temer...  
Junto á ti en el lecho se halla  
Tu la que tiemble has de ser.'

Y alto el sol en el Oriente  
La torre á medias doraba ;  
Violante mas que él Leruo.a.  
A la muerte camiraba.

Alba tela, áspera y dura  
Cubre el cuerpo delicado,  
Recio espato ciñe el talle,  
En grosero lazo atado.

Lloran pajes y doncellas  
Que el crimen piedad merece;  
El mismo ofendido esposo  
Con tal vista se enternece.

Ya el tenir de la campana  
La seña al verdugo envía...  
—'Señor, merezco la muerte.'  
La sin ventura decía:

'De rodillas, don Ramiro,  
Humilde perdón os pido;  
No pido la vida, no,  
Que la muerte he merecido.

'La afrenta que deslumbrada,  
Por mi desdicha os hiciera,  
Pido, señor que olvidéis  
En mi hora postrimera.

'Mas solo yo soy culpable  
Del agravio que vos fiz,  
No tomeis, señor, venganza  
De ese misero infeliz!'

Talvez iba a perdonarla  
Compadecido el esposo;  
En nuevas iras le enciende  
Aquel recuerdo enojoso.

Rojo el semblante de cólera  
Para no verla apartó,  
Y su izquierda mano alzada  
La fatal seña trazó.

Sobre el desmayado cuello  
De transparente cristal,  
Con golpe tremendo y súbito  
Cayó el terrible puñal.

¡ Oh ! que procesion que sale  
Por las puertas de la torre !  
Que de gente acude á verla,  
Qué triste que el pueblo corre !

Teas de pálida cera,  
En medio la noche oscura,  
Despideu luz vaga y triste,  
Luz que va á la sepultura.

Cublertos con sus capuces,  
Rezan monges en redor ;  
El doblar de las campanas  
Hiela el alma de terror.

Dos noches son ya pasadas,  
Ya no hay luz en la tronera,  
Mas pasauo y repasando  
Va la barca aventurera.

Linda barca tau ligera  
Que en ningun mar zozobró,  
El faual que te guiaba  
No luce, ya se apagó.

¡Ay! tu querida Violante,  
Tu gloria, tu encanto bello.  
Por ti sufrió horrible muerte...  
¡Un sayon segó su cuello!

¿De la iglesia de San Gil  
La campana oyes doblar?  
Ves las hachas á los lejos?  
Alli la van a enterrar.—

Ya se concluyó el entierro,  
Ya cayó la losa fria;  
En la iglesia solitaria  
Un caballero se via.

Vestido de negro luto,  
Y mas negro el corazon,  
Sobre la tumba de linojos  
Asi esclama en su aficcion:

—‘Abrete, tumba sagrada,  
Abrete a este desdichado.  
Abi nos unirá la muerte,  
Si en vida nos fue vedado.

‘Abrete, tumba sagrada  
Que escondes tal bermosura.  
Esconde tambien mi crimen  
Al par de su desventura.

‘Vivir no quiero esta vida  
Que solo amaba por ella,  
Vida que sufrir no puedo  
Sin mi Violante bella.’

Y allí el llanto de correr,  
Los sollozos de estallar,  
Y ciego empuñar la espada  
Para allí se traspasar.

Heló la mano en el puño  
Voz que de tierra salía;  
Voz aun suave y dulce,  
Mas tan medrosa y tan fría.  
Del sepulcro tan ahogada  
Que su eco estremecía,  
Dejando la sangre helada.

—'Vive, vive, caballero,  
Vive, que yo ya viví;  
El castigo de mi crimen  
Yo sola le merecí

'En el fondo, ay! de esta tumba  
Oscura mansion de horror,  
Solo de vivir conservo  
Remordimientos y... amor!

'Brazos con que te abrazaba  
No tienen vigor ya en sí;  
Cúbre tierra húmeda y dura  
Los ojos con que te vi.

'Boca con que te besaba  
Perdió su perfume aquí;  
Corazon con que te amaba...  
Ese siempre; ay! vive en mí!

'Vive, vive, caballero,  
Vive, vive y sé dichoso:  
Y aprende en mi triste historia  
A ser padre y ser esposo.

'Si con doncolla casáres,  
Llámale tambien Violante:  
Nunca su amor será el mio...  
Mas—que sea mas constante.

'Hijas que en ella tuvierdes  
Criadas mejor que á mi,  
Que no se pierdan por hombres,  
Cual yo me perdi por ti 1.'

1 É interessante e digno de lêr-se o artigo que serviu de prefacio a ésta publicação em Madrid, escripto pelo sr. Cuoto, secretario que aqui foi e depois encarregado de negocios da sua côrte junto á nossa.



IX

REGINALD J



Será este Reginaldo, ou Eginaldo, o gallante Eginard francez que os nossos traduziram assim, bem como de Bernard fizeram Bernal e Bernaldo, de Gerard Giraldo? E é este o celebrado secretario do imperador Carlos-magno de cujos muito românticos, porém mui pouco plâtonicos, amores com a filha de seu augusto amo, estão cheias as historias da meia-edade? Thema constante de trovadores e poetas até quasi aos nossos dias em que a suave e melancholica musa de Millevoye ultimamente o remoçou no seu mais admirado poema.

Se d'este é que aqui se trata—e eu creio que sim — vemos que o romance popular conta o caso mui differente do que os poetas e escriptores do norte o referem. É bem sabi-

do que, segundo esses, a namorada princeza, quando o feliz Eginaldo sahia da sua camara, um dia de madrugada de hynverno e com a neve alta e recemgeada pelos atrios e jardins do palacio, o tomára ella aos hombros paraque não ficassem impressas na neve as delatorias pégadas do amante. O que descubriendo por acaso o imperador, que se levantára antes do sol, por tal modo se internecêra com aquella próva de generosa dedicação, que logo lhes perdoára a ambos, casando o ditoso secretario com a namorada princeza.

Talvez o que primeiro contou a historia ao nosso povo e lh'a rhymou para seus cantares, ommittiu a scena da neve por menos familiar e commum n'estes climas do sul; ou talvez a ignorasse, ou porventura não era ainda tam popular por lá como depois veio a ser. Fôsse como fôsse, este Reginaldo parece ser o Eginard de Carlos-magno, ésta infanta a princeza sua filha, este rei o imperador seu pae. A trôco da bella scena da neve que nos falta, temos a visita da mãe de Reginaldo à prisão, e o lindissimo solão que lhe elle canta. O que

tudo parece composto nos mais ternos e desgarrados modos de Bernardim Ribeiro, ou de Crysfal. E temos porfim o rei chamando a filha ao balcão para ouvir cantar o preso: scena verdadeiramente homérica e de uma graça tam simples e tocante como não ha outra que o seja mais.

Estou que nos veio de França este romance: não se encontra nas collecções castelhanas; e entre nós é dos que andam mais desfigurados e corruptos. Eu tive de reunir varios fragmentos para o restituir. No Alemtejo chamam-lhe Generaldo, no Minho Girinaldo; Eginaldo diz uma cópia da Beira; e outra que me veio do Porto trazia por titulo — *Girinaldo o atrevido*.

As variantes não são muitas, porque não pude considerar como taes as ligaturas absurdas com que partes do romance andavam cozidas a partes egualmente desconjunctadas de outros, dos quaes tive de o estreimar para reunir o que felizmente achei que acertava e quadrava n'um todo completo.

São infinitas e mui disparatadas as va-

riantes que desprezei na maior parte ao emendar conjecturalmente o romance. Também não valia a pena de as mencionar em nota. Fiz somente excepção a favor de algumas que junctei por mais consideráveis.

Na citada collecção do bispo Percy <sup>1</sup> vem uma ballada ingleza que tem por titulo 'Little Musgrave and Lady Barnard,' historia bastante differente d'esta; mas ha no principio uns dizeres tão semelhantes aos nossos, que mais me confirmam n'esta crença em que estou de que o verdadeiro romance antigo era de todos os paizes, como a todos pertencia o menestrel, o trovador, o cavalleiro andante, cuja patria era o mundo. Fòsse onde fòsse, era sua a terra ou o castello onde havia façanhas que fazer ou celebrar — aventuras para correr ou cantar. O romance inglez é dos que reconhecem por mais antigos os collectores d'aquella nação.

1 *Percy's reliques*, XI aec. III. boock the first.

[REGINALDO

—‘Reginaldo, Reginaldo,  
Pagem d’el rei tam querido,  
Não sei porquê, Reginaldo <sup>1</sup>  
Te chamam o atrevido.’

—‘Porque me atrevi, senhora,  
A querer o defendido.’

—‘Não fôras tu tam covarde  
Que ja dormíras commigo’

—‘Senhora zombais de mim  
Porque sou vosso captivo.’

1 A lição da Extremadura e muitas outras omittem estes seis versos, e completam a primeira copla com est’outros dois:

Bem podéras, Reginaldo,  
Dormir um dia commigo.

A adoptada no texto é do Alemtejo.

—‘Eu não n’o digo zombando,  
Que devéras te lo digo.’

—‘Pois quando quereis, infanta,  
Que va pelo promettido?’

—‘Entre las dez e las onze<sup>2</sup>  
Que elrei não seja sentido.’

Inda não era sol pôsto,  
Reginaldo adormecido;  
As dez não eram bem dadas,  
Reginaldo ja erguido.  
Calçou çapato de panno,  
Que d’el-rei não fôsse ouvido,  
Foi-se á camara da infanta,  
Deu lhe um ai, deu-lhe um gemido.

—‘Quem suspira a essa porta,  
Quem será o atrevido?’

—‘É Reginaldo, senhora,  
Que vem pelo promettido.’

—‘Levantae-vos minhas aias,  
Que assim Deus vos dê marido!  
E ide abrir mansinho a porta  
Que elrei não seja sentido.’

Vela o pagem toda a noite...  
Por manhan é adormecido;

1 Entre la uma e as duas

Quando elrei esteja dormindo. — *Alemtéio*.

Chamava o rei que chamava <sup>3</sup>  
 Que lhe desse o seu vestido:  
 —'Reginaldo não responde,  
 Alguma tem succedido!  
 Ou está morto o meu pagem  
 Ou grande traição ha sido <sup>4</sup>  
 Responderam os vassallos <sup>5</sup>  
 Que tudo tinham sentido:  
 —'Morto não é Reginaldo,  
 De somno estará perdido.'

Vestiu se elrei muito á pressa,  
 E leva um punhal comsigo <sup>6</sup>  
 Vai correndo sala e sala,  
 Abrindo porta e postigo,  
 Chega ao camarim da infanta,  
 Dormiam tam socegados  
 Como mulher e marido.

3 Lá por sobre a madrugada

Pede elrei o seu vestido.—*Alestejo.*

4 Ou traição tem commettido.—*Extremadura.*

Ou traição me ha commettido.—*Beiratta.*

5 Accode d'alli um pagem

Que é de Reginaldo amigo :

—'Não é morto Reginaldo

Nem traição tem commettido.

—'Então está Reginaldo

Com a princeza dormindo.'—*Beirabaixa.*

6 Leva um traçado comsigo.—*Extremaçura.*

De nada do que se passava  
 De nada davam sentido.  
 Accudiram os vassallos,  
 Que viram a elrei perdido:  
 — ‘Nunca vossa magestade  
 Matte um home’ adormecido <sup>7</sup>.’  
 Tira elrei seu punhal de oiro,  
 Deixa-o entre os dois mettido,  
 O cabo para a princeza,  
 Para Reginaldo o bico.  
 Ia-se a virar o pagem,  
 Sentiu cortar-se no fio:  
 — ‘Acorda ja, bella infanta,  
 Triste somno tens dormido!  
 Olha o punhal de teu pae  
 Que entre nós está mettido.’  
 — ‘Call’te d’ahi, Reginaldo <sup>8</sup>,  
 Não sejas tão dolorido;  
 Vai já deitar-te a seus pés,  
 Que elrei é bom e soffrido.  
 Para o mal que temos feito  
 Não ha senão um castigo;  
 Mas se elrei mandar mattar-te,  
 Eu heide morrer contigo.’

7 Dê n’um homo’ adormecido—*Minho*.

8 Vai-te deitar, Reginaldo.

A seus pés muito rendido;

Que elrei tem bom coração

E te’hade casar commigo. — *Beiruhaiza, Extremadura.*

—‘D’onde vens, ó Reginaldo <sup>9</sup>?’

—‘Senhor, de caçar sou vindo.

—‘Que é da caça que caçaste,  
Reginaldo o atrevido?’

—‘Senhor rei, da caça venho,  
Mas não a trago commigo;

Que o trazer caça real

A vassallo é defendido.

So vos trago uma cabeça,

A minha: dae-lhe o castigo.’

—‘Tua sentença está dada,

Morrerás por atrevido.’

Vêdes ora o bom do rei

Dando voltas ao sentido:

—‘Se matto a bella infanta,

Fica o meu reino perdido. . .

Para mattar Reginaldo.

Criei-o de pequenino. . .

Mettê-lo-hei n’uma tôrre <sup>10</sup>

Por princípio de castigo.

9 Estas tres coplas são ommissas em todas as lieções, salvo na do Alemtejo, e em uma das do Porto.

10 A lieção do Alemtejo termina o romance aqui com ésta copla :

—‘Levanta-te, ó Reginaldo,

Reginaldo atrevido,

O castigo que te dou

È que sejas seu marido.’

Quereria o perfido menestrel pôr um epigrama na bocca de sua real majestade ?

—‘Dizei-me vós, meus vassallos,  
 Pois tudo tendes ouvido,  
 Que mais justiça faremos  
 N’este pagem atrevido?’  
 Respondem os condes todos,  
 E muito bem respondido:  
 —‘Pagem de rei que tal faz,  
 Tem a cabeça perdido.’

Ja o mettem n’uma tôrre <sup>11</sup>,  
 Ja o vão encarcerar.  
 Mas anno e dia é passado,  
 E a sentença por dar.  
 Veio a mãe de Reginaldo  
 O seu filho a visitar:  
 —‘Filho, quando te pari  
 Com tanta dor e pezar,  
 Era um dia como este,  
 Teu pae estava a expirar.  
 Eu co’as lagrymas dos olhos,  
 Filho, te estava a lavar;

Outra lição da mesma provincia continúa ainda depois :

Responderam os vassallos,  
 Que tudo tinham sentido :  
 —‘Oh ! quem teria a fortuna  
 Que Reginaldo tem tido !  
 Atéqui pagem d’elrei,  
 Agora filho querido !’—*Alemtejo.*

11 Só as vereões do Ribatejo trazem este episódio da tôrre.

Cabellos d'esta cabeça  
 Com elles te fui limpar <sup>12</sup>.  
 E teu pae ja na agonia,  
 Que me estava a incommendar:  
 Emquanto fôsses piqueno  
 De bom insino te dar,  
 E depois que fôsses grande  
 A bom senhor te intregar.  
 Ai de mim, triste viuva,  
 Que te não soube criar <sup>13</sup>!  
 A elrei te dei por amo,  
 Que melhor não pude achar:  
 Tu vais dormir co'a infanta,  
 De teu senhor natural!  
 Perdeste a cabeça, filho,  
 Que elrei t'a manda cortar!...  
 Ai! meu filho, antes que morras,  
 Quero ouvir o teu cantar.'  
 —'Como heide eu cantar, mi madre  
 Se me sinto já finir?'  
 —'Canta, meu filhinho, canta,  
 Para haver minha benção,  
 Que me estou lembrando agora  
 De teu pae n'esta prisão.

<sup>12</sup> Pensamento favorito dos meustreiros populares, que se encontra repetido em muitos dos nossos romances e xácaras.

<sup>13</sup> Insinar—*Ribatjo*.

<sup>14</sup> Mãe minha—*Ribatejo*.

Canta-me o que elle cantava  
 Na noite de San'João;  
 Que tantas vezes m'ouvieste  
 Cantar c'o meu coração.'

—'Um dia antes do dia  
 Que é dia de San' João,  
 Me incerraram n'estas grades  
 Para fazer penação.  
 E aqui estou, pobre coitado,  
 Mettido n'esta prisão,  
 Que não sei quando o sol nasce,  
 Quando a lua faz serão .5.'

De suas varandas altas  
 Elrei estava a escutar;  
 Ja se vai onde a princeza,  
 Pela mão a foi buscar:

15 Em uma lição ultimamente vinda da Beiralta vem o episódio da prisão com mais uma copla n'este cantar do preso. Aqui ponho a dita copla por sua singularidade, apesar de se conhecer n'ella visivel interpolação, e desharmonia de stylo e sentido. Imagino que será fragmento de outra xacara ou cantiga segundo tantos se encontram em muitas d'ellas :

Tenho aqui dous passarinhos  
 Que me trazem alcanfôres;  
 Elles vão e elles vêem  
 Com novas dos meus amores.

Alcanfôres ? e trazer alcanfôres ? quid ?

—‘Anda ouvir, ó minha filha,  
Este tão lindo cantar,  
Que ou são os anjos no ceo,  
Ou as sereias no mar.’

—‘Não são os anjos no ceo,  
Nem as sereias no mar,  
Mas o triste sem ventura  
A quem mandais degollar.

—‘Pois ja revogo a sentença  
E ja o mando soltar;  
Prende-o tu, infanta, agora,  
Pois comtigo hade casar.’



X

DONA AUSENDA



A tradição visivelmente corrupta dá por título a este bello romance 'Dona Ausencia.' Extremenhos e Alemtejanos estão concordes; mas nem assim me conformo com seu dizer, porque 'Ausencia' não é nome proprio que jamais se usasse em nenhuma parte de Hespanha. 'Ausenda' hade ser que por seculos se encontra em todos os documentos nossos da meia-edade, e era dos mais geralmente usados e conhecidos.

Com ser tão graciosa ésta xácara, é das que menos se vulgarizaram: duas provincias apenas a conservam em Portugal; e no resto da peninsula não consta que haja vestigiôs d'ella. Antiga é, e das mais antigas, porque ésta Dona Ausenda e este Con-

de Dom Ramiro teem um sabor musarabe que não ingana. Mas a ponte da Alliviada de que aqui se falla é no Minho. Como é que a historia de seu ermitão se não conhece alli, e veio ter e ficar-se nas duas provincias circa-tejanas? Caprichos e mysterios da migração das tradições humanas, mais difficeis de explicar que os de suas raças.

Incontram-se aqui várias reminiscencias — por me expressar na lingua musical da moda — de outros romances mais sabidos e populares. Indicará isto analogia na data?

## DONA AUSENDA

À porta de Dona Ausenda  
Está uma herva fadada <sup>1</sup>;  
Mulher que ponha a mão n'ella  
Logo se sente pejada.  
Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda  
Em má hora desgraçada;  
Assim que pôs a mão n'ella.  
Logo se sentiu pejada <sup>2</sup>.  
Vinha seu pae para a mesa,  
Veio ella muito apressada  
Para lhe dar agua ás mãos,  
Como filha bem criada.  
Pôs-lhe elle os olhos direitos,  
Ella fez-se mui corada.  
—‘Que é isso, Dona Ausenda?  
Voto a Deus que estás pejada.’

1 Cresce uma herva fadada—*Alemtejo*.

2 Sentiu-se logo prenhada—*Alemtejo*.

—‘Não diga tal, senhor pae,  
É da saia mal talhada <sup>3</sup>;  
Que eu nunca tive amores  
Nem homem me deve nada.’

Mandou chamar os dois xastres <sup>4</sup>  
Que tinham mais nomeada:  
—‘Vejam-me ésta saia, mestres;  
Adonde está ella errada?’  
Olharam um para o outro <sup>5</sup>:  
—‘Ésta saia não tem nada;  
O êrro que ella tem  
É a menina estar pejada.’  
—‘Confessa-te, Dona Ausenda,  
Que ámanhan serás queimada.’  
—‘Ai triste da minha vida,  
Ai triste de mim coitada!  
Sem nunca ter tido amores <sup>6</sup>,  
Vou a morrer deshonorada!’

Foram chamar o ermitão <sup>7</sup>  
Da ponte da Alliviada ;

<sup>3</sup> Reminiscencia do romance de Dom Claros d'Alem-mar, ou vice-versa. Veja adiante n'este volume, pag. 207.

<sup>4</sup> Alfaiates.

<sup>5</sup> Veja nota 3.

<sup>6</sup> Sem nunca saber de amores—*Extremadura*.

<sup>7</sup> Foram buscar confessor

À ermida da Alliviada—*Extremadura*.

Era um fradinho velho  
Que o encontraram na estrada.  
Mal o frade chega á porta,  
Deitou-se á herva fadada,  
Cortou-a pela raiz <sup>8</sup>,  
Na manga a leva guardada.  
—‘Ajoelhae, Dona Ausenda,  
Que a vossa hora é chegada:  
Confessae vosso peccado  
A Deus e á Virgem sagrada.’  
—‘Padre, eu nunca tive amores,  
Nem homem me deve nada;  
Mús artes são do demonio  
Ver-me eu donzella — e pejada <sup>9</sup>!  
—‘Ha quanto tempo, senhora,  
Vos sentis imbarçada?’  
—‘Os nove mezes faz hoje  
Que alli n’aquella ramada  
Na noite de San’ João  
Adormeci descuidada;  
Sentia o cheiro das flores  
E da herva rociada,  
Sentia-me eu tam ditosa,  
Tam feliz e regalada,  
Que o despertar me deu pena  
Quando veio a madrugada.’

8 Arranca raiz e tudo—*Alemteio*.

9 E prenhada—*Alemtejo*.

—‘Tomae agora ésta herva,  
Que é uma herva fadada:  
Com a benção que lhe eu deito <sup>10</sup>  
Ficará herva sagrada.’

—‘Ai! este cheiro, meu padre,  
É o que eu senti na ramada.’  
Não disse mais Dona Ausenda,  
Do somno ficou tomada.

Virtude tinha aquella herva,  
Outra virtude fadada:  
Mulher pejada que a toque <sup>11</sup>  
Logo fica despejada.

Alli, sem mais dor nem pena,  
Em boa hora abençoada,  
Pare uma linda criança  
Bem nascida e bem medrada.

Metteu-a o frade na manga,  
Foi-se sem dizer mais nada.

Ja desperta Dona Ausenda,  
Ja se sente alliviada;

De tudo quanto passou

Apenas está lembrada:

Um mau sonho lhe parece

Que a deixou perturbada.

Chamou por suas donzellas,

10 Com as rezas que lhe eu rezo—*Extremadura*.

11 Mulher que ponha a mão n’ella.

Se está prenhe, é desprenhada—*Alentejo*.

Chamou por sua criada,  
Vestiu suas galas mais ricas,  
Sua saia mais bem talhada,  
Foi-se encontrar com seu pae  
Que estava na alpendorada <sup>12</sup>,  
Vendo armar a fogueira  
Em que a queria queimada:  
— ‘Senhor pae, aqui me tendes  
Ja disposta e confessada;  
Agora a vossa vontade  
Seja em mim executada.’

O pae que a mira e remira  
Tam esbelta e bem pregada,  
O seu corpo tam gentil,  
Sua saia tam bem talhada:  
— ‘Que feitiço era este, filha,  
Com que estavas in:bruxada?  
Como se desfez o incanto,  
Que te vejo tão mudada?’  
— ‘Fosse elle podêr de incanto,  
Ou condão de herva fadada,  
Quebrou-o aquelle fradinho  
Da ponte da Alliviada.’  
— ‘Metade de quanto eu tenho,  
Ametade bem contada,

12 Alpendre cuberto. á entrada da casa.

A esse bom ermitão  
D'esta hora lhe fica dada.  
Palavras não eram dittas  
O ermitão que chegava <sup>13</sup>:  
--'Acceito a offerta, bom conde,  
Se a metade é bem contada,  
Se entra n'ella Dona Ausenda,  
E m'a dais por desposada.'  
Riram-se todos do frade;  
Elle sem dizer mais nada,  
Despe o hábito e o capuz,  
Ergue a cabeça curvada;  
Ficou um gentil mancebo,  
Senhor de capa e de espada <sup>14</sup>  
Era o conde Dom Ramiro,  
Que d'alli perto morava.  
Em boa hora Dona Ausenda  
Pôs a mão na herva fadada!

13 Assomava—*Alentejo*.

14 Vestido de capa e espada—*Extremadura*.

XI

A RAINHA E CAPTIVA



Nem os romanceiros castelhanos nem escriptor algum faz menção do bello romance da 'Rainha e captiva'. Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações teem padecido, quer na fórma, quer no estylo, apezar da renovação de palavaas por que deve de ter passado na insensivel mudança de lingua, para se encontrar, hoje em phrase tam corrente.

É geralmente sabido, e com poucas variantes se reppette desde a Extremadura a Tras-os-Montes; sê-lo-ha tambem nas provincias transtaganas, mas não me veio de lá cópia d'elle.

Pelas referencias a Galliza, a senhorio de' moiros ainda perto e á 'Terra de Sancta Maria,

que, como todos sabem, é o districto d'entre Douro e Vouga que hoje se chama 'Terra da Feira,' ve-se que a historia e epopeia, ambas são dos primeiros tempos da monarchia. E a circumstancia de 'salto' por mar e 'correria' por terra lhe dá uma forte côr do seculo XII.

Os poetas populares não compunham em geral as suas rhapsodias senão sôbre factos recentes. O que passou da historia escripta para os versos é já feito pelos poetas letrados de uma civilização—superior não sei, porém mais adeantada.

O conto conta-se bem no romance, e excusa explicado por argumento do compilador. É dos mais romanescos, cheio de situações interessantes, de lances e de aventuras. Ésta volta de captivos e renegados christãos para as suas terras, fugidos com as joias de seus senhores infieis, é uma feição muito sabida, e commum nas lendas populares.

N'esta ha toda a singeleza homericã, todo aquelle tom; até a repetição das mesmas palavras e dos mesmos versos quando occorrem as mesmas ideas: é a Aurora da Iliada que

sempre abre o ceo com os mesmos 'dedos de rosa', os reis que são sempre 'pastores de povos'; é Menelau com a mesma 'cabelleira loira,' Juno com as mesmas 'côxas pulchras,' os mesmos 'olhos de touro' sempre. A poesia primitiva é uma sempre, às ribeiras do Pamyso ou às do Douro.

A pintura da mãe baptizando a filha com as lagrymas de seus olhos, tem já por si só mais poesia grande e sublime do que poemas inteiros de grandes poetas.



## RAINHA E CAPTIVA

--'Á guerra, a guerra moirinhos,  
Quero uma christan captiva!  
Uns vão pelo mar abaixo,  
Outros pela terra acima:  
Tragam-m'a christan captiva,  
Que é para a nossa rainha.  
Uns vão pelo mar abaixo,  
Outros pela terra acima:  
Os que foram mar abaixo  
Não encontraram captiva;  
Os que foram terra acima:  
Tiveram melhor atina <sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Melhor fortuna, atinaram melhor. Algumas lições dizem *atima*; palavra que não sei interpretar. É opinião do meu amigo o Sr. Herculano que poderá ser *acima*, isto é, a velha palavra *cima* — complemento, conclusão, acabamento, resultado — com a expletiva *a* por causa do metro.

Deram com o conde Flores  
 Que vinha de romaria :  
 Vinha lá de Sanctiago,  
 Sanctiago de Galliza ;  
 Mattaram o conde Flores,  
 A condessa vai captiva.  
 Mal que o soube a rainha,  
 Ao caminho lhe sahia :  
 --'Venha embora a minha escrava,  
 Boa seja a sua vinda !  
 Aqui lhe entrego éstas chaves  
 Da dispensa e da cozinha ;  
 Que me não fio de moiras  
 Não me dem feitiçaria <sup>2</sup>.  
 --'Acceito as chaves, senhora,  
 Por grande desdita minha . . .  
 Hontem condessa jurada <sup>3</sup>,  
 Hoje môça da cozinha !'  
 A rainha está pejada,  
 A escrava tambem o vinha:  
 Quiz a boa ou má fortuna  
 Que ambas parissem n'um dia.  
 Filho varão teve a escrava,  
 E uma filha a rainha;  
 Mas as perras das commadres,  
 Para ganharem alviçaras <sup>4</sup>

<sup>2</sup> Que me não dem bruxaria—*Extremadura*,

<sup>3</sup> Hontem condessa de Flores—*Ribatejo*.

<sup>4</sup> Trocaram-n'as á nascida—*Beirabaixa*

Deram á rainha o filho,  
À escrava deram a filha.

--'Filha minha da minha alma,  
Com que te baptizaria?  
As lagrymas de meus olhos  
Te sirvam de agua hemditta.  
Chamar-te hei Branca Rosa,  
Branca flor d'Alexandria <sup>5</sup>,  
Que assim se chamava d'antes  
Uma irman que eu tinha:  
Captivaram-n'a os moiros  
Dia de Paschoa florida,  
Andando apanhando rosas <sup>6</sup>  
N'um rosal que meu pae tinha.'  
Éstas lástimas choradas  
Veis-la rainha que ouvia,  
E co'as lagrymas nos olhos  
Muito depressa acudia:  
--'Criadas, minhas criadas,  
Regalem-me ésta captva;  
Que se eu não fôra de cama,  
Eu é que a serviria <sup>7</sup>.'  
Mal se levanta a rainha  
Vai-se ter com a captiva:

5 Rosa flor d'Alexandria—*Minho*.

6 Quando andava a apanhar rosas—*Extremadura*.

7 Eu é que a regalaria—*Extremadura*.

--'Como estás, ó minha escrava,  
 Como está a tua filha?'

--'A filha boa, senhora,  
 Eu como mulher parida.'

--'Se estiveras em tua terra,  
 Que nome lhe chamarias?'

--'Chamára-lhe Branca Rosa,  
 Branca flor da Alexandria <sup>8</sup>;  
 Que assim se chamava d'antes  
 Uma irman que eu tinha:  
 Captivaram-n'a os moiros  
 Dia de Paschoa florida,  
 Andando apanhando rosas <sup>9</sup>  
 N'um rosal que meu pae tinha.'

--'Se vira'la tua irman,  
 Se tu a conhecerias?'

--'Assim eu a víra nua  
 Da cintura para cima;  
 Debaixo do peito esquerdo  
 Um signal preto ella tinha <sup>10</sup>.'

--'Ai triste de mim coitada,  
 Ai triste de mim mofina <sup>11</sup>!  
 Mandeí buscar uma escrava,  
 Trazem uma irmã minha!'

8 Rosa flor d'Alexandria—*Minho*.

9 Quando an-lava a apanhar rosas—*Extremadura*

10 Um lunar preto ella tinha—*Extremadura*.

11 Triste de minha mofina—*Beiralta*.

Não são passados tres dias,  
Morre a filha da rainha:  
Chorava a condessa Flores  
Como quem por sua a tinha;  
Porêm mais chorava a mãe,  
Que o coração lh'o dizia <sup>12</sup>.  
Deram á lingua as criadas,  
Soube-se o que succedia:  
A mãe, c'o filho nos braços,  
Cuidou morrer de alegria.  
Não são passadas tres horas,  
Uma á outra se dizia:  
--'Quem se víra em Portugal,  
Terra que Deus bemdizia!'  
Junctaram muita riqueza  
De oiro e de pedraria;  
Uma noite abençoada  
Fugiram da moiraria.  
Foram ter á sua terra,  
Terra de Sancta-Maria;  
Metteram-se n'um mosteiro  
Ambas professam n'um dia.

12 Que o coração l'ho pedia—*Kilbat jo.*



XII

DOM CLAROS D'ALEM-MAR



‘Dom Claros d’Alem-mar’, que em muitas partes o povo corruptamente diz ‘Don Carlos’, não sei se nasceu portuguez ou castelhano! propenda para a última origem, apesar de que, impresso nas antigas collecções dos nossos vizinhos, o povo de Portugal toda-via o canta bastante diverso, mas não peiorado decerto.

Do modo por que assim anda na tradição oral portugueza, faz lembrar no seu principio o romance francez do ‘Conde Ory.’

Creio que é das mais antigas composições d’este genero que temos em Hespanha: nas provincias portuguezas é muito vulgar e sabido, e portanto abunda em variantes.

Observa-se aqui ser indubitavel que certos

versos e coplas de alguns primeiros romances, certos dizeres d'elles cahiram em graça geral, e ficaram sendo como *bordões* poeticos em todas as linguas.

D'isto apparecem continuas próvas e exemplos, não só entre provençaes, portuguezes, catalães e castelhanos, não só entre dinamarquezes, normandos, escocezes, allemães e inglezes, mas ainda de uma d'estas grandes familias para a outra,

Compare, no presente romance, os versos onde diz :

Haverá por lí um pagem  
Que o meu pão queira comer ?...

com estoutros do *escessez PRINCE ROBERT*, na collecção de 'Sir W. Scott ja citada :

'O where will I get a little boy,  
That will win hose and shoon,  
To rin sae fast to Darlington  
And bid fair Eleanor came ?'  
Then up and spake a little boy,  
That wad win hose and shoon :  
'O I'll away to Darlington,  
And bid fair Eleanor came I.'

1 *Ministrelsy of the Scottish Borders*, etc. tom. II, pag. 124, ed. Paris 1838.

## DOM CLAROS D'ALEM-MAR

--'Quero fazer uma aposta,  
Ou eu não sei apostar:  
Claralinda hade ser minha <sup>1</sup>  
Antes d'o gallo cantar.'

--'Appostar, appostareis <sup>2</sup>,  
Mas não haveis de ganhar;  
Que é discreta a Claralinda,  
Ninguem n'a póde inganar.'

1 De dormir com Marianna.—*Beiralta*.

2 —'Tal coisa não faças, filho,  
Que a não hasde ganhar:  
Marianna é mui sisuda,  
E não se deixa inganar.'—*Beiralta*.  
—'Não appostes, ó meu filho,  
Não te mettas a apostar;  
Que Marianna é discreta,  
Não a pódes inganar.'—*Beirabaixa*.

Não quiz alli dizer nada,  
 Não quiz alli mais fallar;  
 Vestiu trajos de donzella  
 E se pôs a caminhar <sup>3</sup>.  
 La estava a Claralinda  
 De seu balcão a mirar:  
 --'Que donzella tam bonita <sup>4</sup>!  
 Quem é, e o que vem buscar?'  
 --'É a tecedeira, senhora <sup>5</sup>,  
 Que vem das praias do mar;  
 J em a sua teia urdida,  
 E a falta <sup>6</sup> vem n'a buscar.'  
 --'Ahi tenho a falta, donzella,  
 Mas inda está por dobar <sup>7</sup>.'

- 3 Vestiu trajos de donzella,  
 Ao jardim foi passear.—*Beiralta*.
- 4 —'Quem é aquella donzella  
 Que além anda a passeiar?'—*Beiralta*.  
 —'Quem bate á miuba porta,  
 Quem me vêm Importunar?'—*Minho*.  
 —'Tecedeira, sou, senhora,  
 De las areias do mar;  
 A teia tenho-a urdida,  
 A seda venho-a buscar!'—*Tras-os-montes*.
- 5 Falta de teia é o que apparece de menos na tecedura em  
 desproporção com a urdidura.
- 7 'Essa falta eu a tenho,  
 Mas não a posso dobar.'  
 —'Dobe-a ja, minha senhora,  
 Trate de a mandar dobar.'—*Beiralta*.

—'Senhora, que se faz tarde  
 E eu não posso esperar:  
 De noite pelos caminhos <sup>8</sup>  
 Donzellas não hãode andar.'  
 —Para honra da donzella,  
 Aqui hoje hade poisar.'  
 —'Tendes criados tam moços,  
 Tam atrevidos do olhar...'  
 —'Para honra da donzella  
 No meu quarto hade ficar.'

A donzella, de contente,  
 A' noite não quiz ceiar;  
 Tinha somno, tanto somno,  
 Que se quiz logo deitar.  
 Lá por essa noite adiante <sup>9</sup>  
 Clarinha de gritar...  
 —'Calla-te, ó Claralinda,  
 Não te queiras diffamar,  
 Que eu sou de nobre gente  
 E comtigo hei de casar :

8 —'Dilate se, ó menina,  
 Que ainda está por debar :  
 Donzellas pelo caminho  
 De noite parecem mal'—*Beirabaixa.*

9 Lá por essa noite <sup>1</sup>velha  
 Marianna de queixar.—*Minho.*

Fia-te n'esta palavra  
De Dom Claros d'Alem-mar <sup>10</sup>.'

Passados são tantos dias,  
Tam compridos de esperar :  
Não voltou a tecedeira,  
Mas a teia ia a dobrar  
Aos sette para oito mezes  
O pae á mesa a jantar <sup>11</sup> :  
—'Claralinda, Claralinda,  
Que feio é o teu trajar !'  
—'Não diga tal, senhor pae ;  
Ninguem lhe oiça tal fallar :  
Não sou eu, é da vasquinha  
Que é mal feita e dá mau ar.'

10 —'Aos sete para oito mezes  
Se teu pae ja reparar,  
Mandarás uma cartinha  
A Dom Carlos d'Alem-mar.'—*Beiralta*

11 Seu pae que a estava a mirar.  
—'O que mira, senhor pae,  
O que é que está a olhar ?'  
—'Eu miro-te, minha filha,  
E olho no teu dezar.'  
—'Este euchume, senhor pae,  
É da saia mal trajar.'—*Coimbra*  
—'Que é isso, Marianna,  
Que te faz assim estar ?'  
—'Não é nada, senhor pae.  
É a vasquinha mal tallada'—*Porto*.

Mandou chamar alfaiates <sup>12</sup>  
 Para se desinganar:  
 Disseram uns para os outros:  
 —'Não tem falta a saia tal.'

Não ha alli mais que dizer <sup>13</sup>,  
 Não ha mais que perguntar:  
 —'Prepára-te ó Claralinda,  
 Que ámanhan vais a queimar.'  
 --'Não se me dá que me mattem <sup>14</sup>,  
 Que me levem a queimar,  
 Dá-se-me d'este meu ventre  
 Que é de sangue real!...

**12** Mandou logo vir dois xastres

Cada um de sua casa :

Disseram um para o outro :

—'A vasquinha não tem nada,  
 E a menina está pejada.'—*Porto.*

—'Esta saia, não tem nada ;

Ao fim de nove mezes

Ella será abaixada.'—*Coimbra.*

**13** —'Oh lá, oh lá, meus criados,

A lenha ao monte apanhar,

Que ámanhan por estas horas

Vai Claralinda a queimar.'—*Beirabaixa.*

'Confessa-te, ó Marianna,

Tratta de te confessar,

Que hoje te ajuntam a lenha,

Amanhan te hãode queimar.'—*Beiralta.*

**14** —'Não se me dá que me queimem,

Que me tornem a queimar.'—*Coimbra.*

Haverá por ahí um pagem <sup>15</sup>  
 Que o meu pão queira ganhar,  
 E que me leve ésta carta  
 A Dom Claros d'Alem-mar ?'  
 Aparece um pagemsito  
 Discreto no seu fallar:  
 —'Aqui está um mensageiro  
 Que o recade quer levar.'  
 —'Se o meu pão queres comer,  
 A toda a pressa hasde andar,  
 E intregarás ésta carta  
 A Dom Claros d'Alem-mar <sup>16</sup>.

- 15 — 'Não ha por ahí um pagem  
 Que se doia do meu mal. — *Ponte-de-Lima*.  
 Quem me dera aqui um pagem.  
 Que me fôra ao meu mandar,  
 Quem me levára ésta carta,  
 A Dom Claros, de pezar.' — *Minho*.
- 16 — 'Se elle estiver a dormir,  
 Façam-n'o logo acordar,  
 Se elle estiver a comer,  
 Não o deixem acabar.' — *Beirabaixa*.  
 — 'Se o achares a passear,  
 Deixá-lo-has assentar ;  
 Se o achares a dormir,  
 Deixá-lo-has acordar ;  
 Se o achares a jantar,  
 Deixá-lo-has alevantar.' — *Açóres*.  
 — 'Se o achares a dormir,  
 Deixá-lo-has aco dar,  
 Se o achares acordado,  
 A carta lhe hasde intregar.' — *Beiralta*.

—'Que quereis, ó pagemsito.

Que vindes aqui buscar ?'

—'Trago uma carta, senhor,

Novas de muito pezar;

Novas lhe trago, más novas <sup>17</sup>

Da sua amiga<sup>l</sup>leal:

Hoje se lhe ajunta a lenha,

A'manhan vai a queimar.'

Elle pôs-se a ler a carta,

Não a podia acabar;

As lagrymas eram tantas

Que o faziam cegar <sup>18</sup>:

—'Oh lá, oh lá, escudeiros,

Os cavallos a ferrar;

17 —'Novas lhe trago, senhor,

Da sua amiga leal :

Dos sette para oito mezas

Seu pae a manda queimar.'—*Beiralta*.

—'A sua amada menina

Ámanhau vai a queimar.'—*Açôres*.

—'Menina, com quem dormiu

Vai ámanhan a queimar.'—*Beirabaira*.

18 Desgraçada Marianna

Que te levam a<sup>q</sup>queimar !

Malstreado do teu ventre

Que leva sangue real!—*Beiralta*.

Pouco me dá que a queimem

Que a tornem a queimar ;

Dá-se-me, é do seu ventre

Que é de sangue real.—*Alemejo*.

Jornada de quatro dias  
 Ésta noite se hade andar.'

Chega a um convento de frades,  
 Estava o sino a dobrar:  
 —'Por quem dobra o sino, padre,  
 Por quem está a tocar?'  
 —'E' a infanta Claralinda  
 Que se está a agonizar:  
 Hontem juntaram-lhe a lenha,  
 Hoje a levam a queimar.'  
 Era quasi manhan clara,  
 Mandou seus pagens deitar,  
 Vestiu-se em trajos de frade <sup>19</sup>,  
 Foi ao caminho esperar:  
 —'Parem lá os da justiça <sup>20</sup>,  
 Justiça de mau pezar,

19 Vestiu-se em trajos de frade,  
 Ao caminho a foi esperar:  
 Em chegando ao pé d'ella  
 Aos criados foi fallar.'—*Beiralta*.

20 Parem lá com a liteira,  
 E façam-n'a já parar,  
 Que a menina que ahi levam  
 Ainda vai por confessar.'—*Beirabaira*.  
 —'Oh da justiça d'elrei,  
 Alto lá, façam parar.'—*Coimbra*.  
 A menina que ahi levais  
 Ainda vai por confessar.—*Beiralta*.  
 —'Diga-me, minha menina,  
 O porque vai a queimar?'

Que a menina que ahí levam  
Inda vai por confessar.'

Deixaram-n'ò ao bom do frade  
Para a infanta confessar.  
Mal se elle viu só com ella,  
De amores lhe foi fallar:  
—'Venha cá, minha menina <sup>21</sup>,  
Que a quero confessar;  
No primeiro mandamento  
Um beijinho me hade dar.'  
—'Não permitta Deus do ceo  
Nem os sanctos do altar!  
Onde Claros pôs a bôcca <sup>22</sup>  
Não me hade um frade beijar.'

—'Porque dormi uma noite  
Com Dom Carlos d'Alem-mar.'—*Beiralta*

<sup>21</sup> Diga-me, minha menina,  
Verdade me hade fallar;  
Se teve amores com clérigos  
Ou com frades, mal pezar.'

—'Não tive amores com clérigos  
Nem frades de mal pezar :  
'Tive amores com Dom Carlos,  
Por isso vou a queimar.'

—'Pois Dom Carlos sou eu mesmo,  
E contigo heide casar.'—*Coimbra*.

Segundo ésta lição de Coimbra acaba o romance aqui.

<sup>22</sup> Que onde Claros pôs a bôcca

Não hade pôr nenhum frade—*Beiralta*.

—‘Venha cá, minha menina,  
 Que a quero confessar;  
 No segundo mandamento.  
 Um abraço me hade dar.’  
 —‘Vai-te na má hora, frade,  
 Que a mim não hasde chegar;  
 Que a mim nunca chegou homem,  
 Se não — inda mal pezar!  
 Senão só esse Dom Claros,  
 Dom Claros o d’Alem-mar,  
 Que, por meus grandes peccados,  
 Por elle vou a queimar!’

Dom Claros que tal ouviu,  
 Não pôde o riso occultar.  
 —‘Por esse riso que dais <sup>23</sup>,  
 Sois Dom Claros d’Alem-mar...’  
 —‘Calla-te, ó Claralinda <sup>24</sup>,  
 Que te venho libertar;

Que onde o meu bem pôs a bôcca—*Evora*  
 Não me hade um frade beijar—*Ponte-de-Lima*.  
 Venha um frade bafejar—*Porto*.

24 Pelo sorriso que dais—*Beirabaixa*.

23 —‘Sim, senhora, sou Dom Carlos  
 Que vos vem libertar.’  
 Tomou-a logo nos braços  
 Poseram-se a caminhar.  
 Correm d’alem os criados  
 E poseram-se a gritar :

Já está tecida a teia,  
Vamo-l'a agora a curar.'

Tomou a logo nos braços  
Poseram-se a caminhar :  
Estava perto o convento,  
Viram-n'ó os pagens chegar.  
Chegavam, não chegariam...  
A justiça de bradar.  
—'Nas ancas de meu cavallo,  
Menina, haveis de montar.'  
Assim foi livre a infanta  
Por Dom Claros d'Alem-mar.

—'Senhor padre, deixe a môça,  
Que a manda seu pae queimar.'  
—'Pois vão dizer a seu pae  
Que a venha cá buscar.'  
Que eu co'este faim de prata  
A alma lhe heide atravessar.'—*Beiralta*  
—'Eu Dom Claros, sou menina,  
Sou Dom Claros d'Alem-mar :  
Nas ancas do meu cavallo,  
Menina haveis de montar.  
Senhora das minhas quintas,  
Rainha do meu caudal...  
Agora dize a teu pae  
Que te venha cá buscar.'—*Traz-os-montes*.

N'estas duas lições da *Beiralta* e de *Traz-os-montes*, acaba respectivamente assim o romance.

## LICÇÃO CASTELHANA

A caza va el emperud·r,  
 A san Juan de la montiña,  
 Con el iba el conde Claros  
 Por le tener compañía.  
 Contandole iba contando  
 El menester que tenia.  
 —‘No me lo digais, el conde,  
 Hasta despues la veuida.’  
 —‘Mis armas tengo empeñadas  
 Por mil marcos de oro y mas,  
 Y otros tautos debo en Francia  
 Sobre mi buena verdad.’  
 —‘Llámedme un camarero  
 De mi camara real;  
 Dad mil marcos de oro al conde  
 Para sus armas quitar;  
 Dad mil marcos de oro al conde  
 Para mantener verdad;  
 Dadle otros tantos al conde  
 Para vestir e calzar;  
 Dadle otros tantos al conde  
 Para las tablas jugar;  
 Dadle otros tantos al conde  
 Para torneos armar;  
 Dadle otros tantos al conde  
 Para con damas holgar.’  
 —‘Muchas mercedes, señor,  
 Por esto y por mucho mas.  
 A la infanta Claraniña  
 Vós por muger me la dad.

1 Esta variante tem entre os castelhanos o título de ‘Don Claros de Montalvan.’

—'Tarde acordaste, el conde,  
Mandada la tengo ya.'  
—'Vós me la dareis señor,  
A cabo que no querais,  
Porque preñada la tengo  
De los seis meses ó mas.'  
El emperador que esto oyera  
Tomó de ello gran pesar,  
Vuelve riendas al caballo  
Y toruose á la ciudad:  
Mando llamar las parteras  
Para la infanta mirar.  
Alli habló la partera,  
Bien oireis lo que dirá:  
—'Preñada está la infanta  
De los seis meses ó mas.'  
Mandola prender su padre  
Y meter en escuridad,  
El agua hasta la cintura  
Porque pudriese la carne.  
Caballeros de su casa  
Se la iban á mirar:  
—'Pésanos de vós, señora,  
Quanto nos puede pesar,  
Que de hoy en quinze dias  
El rey os manda quemar.'  
—'No me pesa de mi muerte  
Porque es cosa natural,  
Pésame de la criatura,  
Porque es hijo de buen padre ;  
Mas se hay aqui alguno  
Que haya comido mi pan,  
Que me llevase una carta  
A don Claros de Montalvan ?  
Alli habló un page muyo,  
Tal respuesta le fue a dar:

—‘Escribidlas, vós, señora  
 Que yo se la iré á llevar.’  
 Ya las cartas son escritas,  
 El page las va a llevar;  
 Jornada de quince días,  
 En ocho la fuera a andar.  
 Llegado habia a los palacios  
 A donde el buen conde está.  
 —‘Bien vengaie, el pagecero,  
 De Francia la natural  
 ¿Pues que nuevas me traeis  
 De la infanta? como está?’  
 —‘Leed las cartas, señor,  
 Que en ellas os lo dirá’  
 De que lts hube leido  
 Tal respuesta le fue a dar:  
 —‘Uno me da que la quemem,  
 Otro me da que la maten.’  
 Ya se partía el buen conde,  
 Ya se parte, ya se va,  
 Jornada de quince días  
 En ocho la fuera a andar,  
 Fuérase a un monasterio  
 Donde los frailes estan;  
 Quitóse paños de seda,  
 Vistió hábitos de fraile,  
 Fuérase a los palacios  
 De Carlos el emperante. ¶¶¶  
 —‘Mercedes, señor, Mercedes,  
 Queráismelas otorgar,  
 Que a mi señora la infanta  
 Vos me dejéis confesar.’  
 Ya lo llevaban al fraile  
 A la infanta a confesar.  
 El cuando se vió con ella  
 De amores le fue a hablar.

—‘Tate, tate,’ dijo, ‘fraile,  
 Que á mi tu no hasde llegar;  
 Que nunca llegó a mi hombre  
 Que fuese vivo en carne,  
 Sino solo aquel don Claros  
 Don Claros de Montalvan,  
 Que por mis grandes pecados  
 Por él me quieren quemar.  
 No doy nada por mi muerte,  
 Porque es cosa natural,  
 Pésame de la criatura  
 Porque es hijo de buen padre.’  
 Ya se iba el confesor  
 Al emperador a hablar:  
 —‘Mercedes, señor, mercedes,  
 Quierásmelas otorgar,  
 Qui mi señora la infanta  
 Sin uingun pecado está.’  
 Allí habló el caballero  
 Que con ella quería casar:  
 —‘Mentides, fraile, mentides,  
 Que nó decís la verdad.’  
 Desafiarse los dos,  
 Al campo van a lidiar.  
 Al apretar de las cinchas  
 Conociólo el emperante;  
 Dijo que el fraile es don Claros,  
 Don Claros de Montalvan.  
 Mató el fraile al caballero,  
 La infanta librado ha,  
 En ancas de su caballo  
 Consigo la fue á llevar 1.

1 Duran, ROMANCEIRO. Não vem no TESORO DE ROMANCES de Ochoa.



XIII

CLARALINDA



Ao revez do romance precedente, nós chamâmos 'Clarinda' a este, que os castelhanos teem muito mais extenso em suas collecções com o titulo de 'Conde Claros.'

O tal Dom Claros, ou Conde Claros, devia de ser o Don Juan d'aquelles tempos, á immensidade de aventuras e conquistas amorosas que os romanceiros lhe attribuem. E talvez é um myto em que os trovadores moralistas resumiram todos os Lovelaces da meia-edade.

O presente romance mui similhante, na licção portugueza, ao que leva por titulo 'Rosalinda' na primeira parte d'esta collecção<sup>1</sup>, differe todavia essencialmente d'elle na côr

1 *Romanceiro*, tom 1. Lisboa 1849, pag. 177.

local, e, para assim dizer, nas decorações da scena. O desfecho da aventura é inteiramente outro. E alem d'isso, aquelle foi construido de tres fragmentos diversos: era este um d'elles.

Depois de publicado este primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; ja lhe não cabe o nome de fragmento: é a que aqui dou com suas variantes, e com a mais ampla licção castelhana.

Seriam os menestreis os que, segundo a theoria de Sir Walter Scott, que ja n'outra parte mencionei<sup>1</sup>, contrahiram o romance escripto na xácara para contar? Ou seriam os poetas ou os collectores letrados que da xácara popular fizeram o romance mais longo?

N'este caso especial não sei decidir; mas estou fortemente capacitado de que ora uma ora outra coisa succedia, e que é difficil dizer quando ésta ou quando aquella se fez.

O saio de seda, a cintura de oiro e fimal,

<sup>1</sup> Romance do *Conde Yano*, pag. 43 d'este volume.

indicam antiguidade na licção portugueza que não desce do décimo-quinto seculo.

Em appendice ponho a licção castelhana. Que estudo na comparação dos dois textos! Como resalta o character das duas familias e das duas linguas, tam parentes e tam distinctas uma da outra! Como é reservado, como é natural o *finchado* portuguez! Como se exaggera e intumesce o castelhano! Mas é innegavel todavia que ha mais pompa e luxo de poesia n'este; assim como ha mais verdade e mais sentimento n'aquelle.



## CLARALINDA

Meia-noite ja é dada,  
Os gallos querem cantar,  
O conde Claros na cama<sup>1</sup>  
Não podia repousar.  
Chamou pagens e escudeiros,  
Que se quer ja levantar;  
Que lhe tragam de vestir,  
Que lhe tragam de calçar.  
Deram-lhe uma alva camiza.  
Que elrei a não tinha tal<sup>2</sup>;  
Deram-lhe saio de seda,  
Cintura de oiro e firmal.

1 Conde Claros em seu leito—*Alemtejo*.

2 Que elrei a não tinha egual—*Minho*.

Trazem-lhe esporas douradas  
 Para com ellas montar;  
 Cavalgou no seu cavallo,  
 Pôs-se logo a caminhar.

—‘Deus te salve, Claralinda,  
 Tam cedo estás a bordar?’  
 —‘Salve-te Deus, conde Claros!  
 Donde vais a caminhar<sup>3</sup>?’  
 —‘Aos moiros me vou, senhora,  
 Grandes guerras guerrear.’  
 —‘Que bello corpo que tendes  
 Para com elles brigar!’  
 —‘Melhor o tenho, senhora,  
 Para comvosco folgar...<sup>4</sup>  
 Palavras não eram dittas  
 Um pagem que ia a passar;  
 —‘As palavras que são dittas,  
 A elrei vou já contar.’  
 —‘Palavras que dittas são,  
 A elrei não vás levar:  
 Dar-te-hei de oiro e de prata  
 Quanto possas carregar.’  
 —‘Não quero oiro nem prata,  
 Se oiro e prata me heisde dar;

3 Tam cedo a caminhar—*Lisboa.*

3 Para com damas folgar—*Beirabaixa.*

Quero guardar lealmente  
A quem n'a devo guardar:  
As palavras que são dittas,  
A elrei as vou contar.'

Foi d'alli o bom do pagem<sup>5</sup>  
Andando de bom andar  
Á casa da estudaria,  
Onde elrei estava a estudar:  
—'Deus vos salve, senhor rei,  
E a vossa c'roa real!  
Lá Deixei o conde Claros  
Com a princeza a folgar.'  
—'Se á puridade o dissesses,  
Tença te havia de dar;  
Mas pois tam alto fallaste,  
Alto hasde ir a inforçar.'

Castigar os chocalheiros  
Boa justiça real:  
Mas o pobre conde Claros  
Tambem vai a degollar!  
--'Vinde, vinde, Claralinda...  
Como estais a descançar!  
Vinde ver o conde Claros  
Que elrei o manda mattar.'

5 Foi d'alli o pagemzito--*Alentejo*.

—‘Accudi, minhas donzellas  
 Vinde-me acompanhar:  
 Que se elrei lhe não perdoa,  
 Com elle quero acabar <sup>6</sup>.’

—‘Deus vos salve, senhor rei,  
 E a vossa c’roa real!  
 Que vos fez o conde Claros  
 Para o mandardes mattar?’  
 —‘Se eu tivera outra filha  
 Para em meu reino reinar,  
 Juro-te, ó Claralinda,  
 Que o ias acompanhar.  
 Mas toma-o tu por marido,  
 Por genro o quero eu tomar;  
 E ninguem mais n’esta cõrte  
 Se atreva a mexericar <sup>7</sup>.’

6 Com elle me hãode mattar.—*Minho*.

7 A lição da Extremadure accrescenta aqui

—‘Ganhaste, mexeriqueiro,  
 Com o teu mexericar!’

—‘Ganhei a morte, senhora;  
 E a vida me podeis dr.r.’

—‘Se ella está na minha mão.

A vida não te heide dar.

Para outra não fazeres

Ja irás a degollar,

E ao rabo do meu cavallo

Te mandarei arrastar.’

## FICÇÃO CASTELHANA

Media noche era por hlo,  
Los gallos querian cantar,  
Conde Claros por amores  
No podia reposar:  
Dando muy grandes sospiros  
Que el amor le hacia dar,  
Porque amor de Claraniña  
No le deja sosegar,  
Quando vino la mañana  
Que queria alborear,  
Salto diera de la cama  
Que parece un gavilan.  
Voces dá por el palacio  
Y empezára de llamar:  
'Levantaos, mi camarero,  
Dadme vestir y calzar.'  
Presto estaba el camarero  
Para habérselo de dar.  
Diérale calzas de grana,  
Borceguis de cordeban,  
Diérale jubon de seda  
Afforrado en zarzanar.  
Diérale un manto muy rico  
Que no se puede apreciar,  
Trescientas piedras preciosas  
Al rededor del collar,  
Tráele un rico caballo  
Que en la corte no hay su par.  
Que la silla con el freno  
Bien valia una cludad,  
Con trecientos cascabeles  
Al rededor del petral;

Los ciento eran de oro,  
 Y los ciento de metal,  
 Y los ciento son de plata  
 Por 'os sones concordar.  
 Ibase para el palacio,  
 Para el palacio real,  
 Y á la infanta Claraniña  
 Allí la fuera a hablar:  
 Trecientas damas con ella  
 La iban a acompañar;  
 Tan linda va Claraniña,  
 Que a todos hace penar.  
 Conde Claros que la vido  
 Luego va á descabargar,  
 De rodillas en el suelo  
 Le comenzó de hablar:  
 —'Mantenga Dios á tua alt. za.'  
 —'Conde Claros bien vengais.'  
 Las palabras que prosigue  
 Eran para enamorar:  
 —'Conde Claros, conde Claros,  
 El señor de Montalvan:  
 ;Como habeis hermoso cuerpo.  
 Para con moros lidiar!  
 Respondiera el conde Claros,  
 Tal respuesta le fue á dar:  
 —'Mejor le tengo, señora,  
 Para con damas holgar.  
 Si yo os tuviera esta noche,  
 Mi señora, á mi mandar,  
 Quereria la otra mañana  
 Con cient moros pelear,  
 Y si á todos no venciese  
 Que me mandasen matar.'  
 —'Callede, conde, callede,  
 Y no os querais alabar.

El que quiere servir damas  
 Así lo suele hablar,  
 Y al entrar en las batallas  
 Bien se saben escusar.<sup>7</sup>  
 —‘Si no lo creéis, señora,  
 Por las obras se verá:  
 Siete años son pasados  
 Que os empecé de amar,  
 Que de noche yo no duermo,  
 Ní de dia puedo holgar.’  
 —‘Siempre os preciastes, conde,  
 De las damas os burlar:  
 Mas déjadme ir a los baños,  
 A los baños a bañar;  
 Cuando yo sea bañada  
 Estoy á vuestro mandar.’  
 Respondiérale el buen conde,  
 Tal respuesta le fue á dar:  
 —‘Bien sabedes vós, señora,  
 Que soy cazador real;  
 Caza que tengo en la mano,  
 Nunca la puedo dejar.’  
 Tomárala por la mano,  
 Y para un vergel se van,  
 A la sombra de un ciprés  
 Y debajo de un rosal  
 .....  
 Mas fortuna que es adversa  
 A placeres y a pesar  
 Trujo allí un cazador,  
 Que no debía pasar,  
 Detraz de una pudencia  
 Que rabia debió matar;  
 Vido estar al conde Claros  
 Con la infanta á lindo holgar:  
 El conde cuando lo vido,

Empezóle de llamar:  
 —'Ven acá tú, el cazador,  
 Y Dios te guarde de mal:  
 De todo lo que aa viato  
 Que noa guardes puridad;  
 Daréte mil marcos de oro,  
 Y si mas quiaieres, mas;  
 Casa:te he con una doncella  
 Que era mi prima carnal;  
 Dartc he en arras y en dote  
 La villa de Montalvan.  
 De otra parte la infanta  
 Mucho mas te puede dar.  
 El cazador sin ventura  
 No les quiso escuchar,  
 Vase para los palacios  
 Adonde el buen rey está:  
 —'Mantégate Dios, el rey,  
 Y á tu corona real:  
 Una nueva yo te traigo  
 Dolorosa e de pesar:  
 No te cumple traer corona  
 Ni el caballo cahalgár;  
 La corona de la cabeza  
 Bien te la puedes quitar,  
 Si tal deshonna como ésta  
 La hubiesca de comportar,  
 Que he hallado la infanta  
 Con Claros de Montalvan,  
 Besándola y abrazándola  
 En vuestro huer:io real.'  
 .....  
 El rey con muy grande enojo  
 Mandó al cazador matar,  
 Porque habia aido osado  
 De tales nuevas llevar.

Mandó llevar aguaciles  
A priesa, no de vagar;  
Mandó armar quinientos hombres  
Que lo hayan de acompañar  
Para que prendan al conde,  
Y lo hayan de tomar:  
Y mandó cerrar las puertas,  
Las puertas de la ciudad.  
A las puertas de palacio  
Allí le fueran à hallar:  
Preso llevan al buen conde  
Com mucha riguridad,  
Unos grillos à los pies  
Que bien pesan un quintal,  
Las esposas à las manos,  
Que era dolor de mirar,  
Una cadena à su cuello,  
Que de hierro era el collar;  
Cabalgante en una mula  
Por mas deshonra le dar:  
Metieronle en una torre  
De muy gran escuridad:  
Las llaves de la prision  
El rey las quiso llevar,  
Porque sin licencia suya  
Nadie le pudiese hablar.  
Por él rogaban los grandes  
Cuantos en la corte estan  
Por el rogaba Oliveros,  
Por él rogaba Roldan,  
Y ruegan los doce pares  
De Francia la natural.  
Y las monjas de Sant'Ana  
Con las de la Trinidad  
Llevaban un crucifijo  
Para el rey poder rogar:

Con ellas va el arzobispo  
 Y un prelado y cardenal,  
 Mas el rey con grande enojo  
 A nadie quiso escuchar;  
 Antes de muy enojado,  
 Sus grandes mandó llamar:  
 Cuando ya los tubo juntos  
 Empezóles de hablar:  
 —'Amigós é hijos mios,  
 A lo que os hice llamar,  
 Ya sabeis que el conde-Claros,  
 El señor de Montalvan,  
 Do niño yo le he criado  
 Hasta ponello en edad,  
 Y le he guardado su tierra,  
 Que su padre le fuera dar,  
 El que morir no debiera.  
 Reynaldos de Montalvan;  
 Y por hacello mas grande,  
 De lo mio le quiso dar.  
 Hiciele gobernador  
 De mi reino natural:  
 El por darne galardón  
 Mirad en que fué a tocar,  
 Que quiso forzar la infanta,  
 Hija mia natural.  
 Hombre que lo tal comete  
 ¿ Qué sentencia le han de dar ?  
 Todos dicen á una voz  
 Que lo hayan de degollar;  
 Y así la sentencia dada,  
 El buen rey la fue á firmar.  
 L'arzobispo qu'esto viera  
 Al buen rey fue á hablar,  
 Pidiéndole por merced  
 Licencia le quiera dar

Para ir á ver al conde  
Y su muerte denunciar :  
—'Pláceme, dijo el buen rey,  
'Pláceme de voluntad ;  
Mas con ésta condicion,  
Que solo habeis de andar  
Con aqueste pagecico  
Que le va á acompañar.'  
Cuando vido estar al conde  
En su prision y pesar,  
Las palabras que le dice  
Dolor eran de escuchar :  
—'Pésame de vós, el conde,  
Cuanto me puede pesar,  
Que los yerros por amores  
Dignos son de perdonar.  
La desastrada caida  
De vuestra suerte y ventura,  
Y la nueva á mi venida,  
Sabed que hace mi vida  
Mas triste que la tristura :  
De forma que no sé donde  
Pueda yo placer cobrar.  
Y como á vos no se esconde,  
De vos me pesa, buen conde,  
Porque asi os quieren matar.  
Los como vós esforzados,  
Para las adversidades  
Han de estar aparejados,  
Tanto á sufrir los cuidados,  
Como las prosperidades :  
Pues el primero no fuistes  
Vencido por buen amar  
No temais angustias tristes,  
Que los yerros que hecistes  
Dignos son de perdonar.

Por vós he rogado al rey,  
 Nunca me quiso escuchar,  
 Antes ha dado sentencia  
 Que os hayan de degollar;  
 Y os lo dije bien, sobrino,  
 Que os dejásedes de amar,  
 Que el que las mugeres ama  
 A tal galardón le dan,  
 Que haya de morir por ellas  
 Y en los cárceles penar.<sup>7</sup>  
 Respondió presto el buen conde  
 Con esfuerzo singular:  
 —'Callede por Dios, mi tío,  
 No me querais enojar,  
 Quien no ama las mugeres  
 No se puede hombre llamar;  
 Mas la vida que yo tengo  
 Por ellas quiero gastar.'<sup>7</sup>  
 Respondióle el pagecico,  
 'Tal respuesta le fue á dar:  
 —'Conde, bien aventurado  
 Siempre os deben de llamar,  
 Porque muerte tan honrada  
 Por vós había de pasar:  
 Mas envidia é de vos, conde,  
 Que mancilla ni pesar:  
 Nas quisiera ser vós, conde,  
 Que el rey os manda matar,  
 Porque muerte tan honrada  
 Por mí hubiesse de pasar.  
 Llamar yo la fortuna  
 Quien no la sabe gozar,  
 Que la priesa del cadabalso  
 Vós, conde, la debeis dar;  
 Si no es dada la sentencia  
 Vós la debeis de firmar.

El conde cuando esto oyera  
Tal respuesta le fue á dar:  
—‘Por Dios te ruego, page,  
En amor de caridad,  
Que vaias á la princesa  
De mi parte á le rogar  
Que suplico á su alteza  
Que ella me salga á mirar,  
Que en la hora de mi muerte  
Yo la pueda contemplar:  
Que si mis ojos la ven  
Mi alma no ha de penar.’  
Ya se parte el pagecico,  
Ya se parte, ya se va,  
Llorando de los sus ojos  
Que queria reventar.  
Topára con la princesa,  
Bien oireis lo que dirá:  
—‘Agora es tiempo, señora,  
Que hayais de remediar,  
Que á vuestro querido el conde  
Lo llevan á degollar.’  
La infanta que esto oyera  
En tierra muerta se cae;  
Damas, dueñas y doncellas  
No la pueden retornar,  
Hasta que llegó su aya  
La que la fue á criar:  
—‘¿Que es aquesto, la infanta?  
Aquesto ¿qué puede estar?’  
—‘¡Ay de mi triste mezquina,  
Que no sé qué puede estar,  
Que se al conde me matan  
Yo habré de desesperar.’  
—‘Saliédeses vós, mi hija,  
Saliédeseslo á quitar.’

Ya se parte la infanta,  
 Ya se parte, ya se va:  
 Fuese para el mercado  
 Donde lo han de sacar:  
 Vido estar el cadaha<sup>l</sup>so  
 En que lo han de degollar;  
 Damas, dueñas y doncellas  
 Que lo salen á mirar.  
 Vió venir la gente d'armas  
 Que lo traen á matar,  
 Los pregoueros delante  
 Por su yerro publicar.  
 Con el poder de la gente  
 Ella no podia pasar.  
 —'Apartaos, gente d'armas,  
 Todos me haced lugar,  
 Si no... por vida del rey  
 A todos mando matar.'  
 La gente que la conoce  
 Luego le hacen lugar,  
 Hasta que llegó al conde  
 Y le empezára de hablar:  
 —'Esforzá, esforzá, el buen coude  
 Y no queráis desmayar,  
 Que aunque yo pierda la vida,  
 La vuestra se ha de salvar.  
 El alguacil que esto oyera  
 Comenzó de caminar;  
 Váse para los palacios  
 Adonde el buen rey está:  
 —'Cabalgue la vnestra alteza  
 A priesa, no de vagar,  
 Que salida es la infanta  
 Para el conde nos quitar:  
 Los unos manda que maten,  
 Y los otros ahorcar;

Si vuestra alteza no acorre'  
Yo no puedo remediar.'  
El buen rey, de que esto oyera,  
Comenzó de caminar,  
Y fuese para el mercado  
Adonde el conde fue á hallar:  
—'¿Qué es aquesto la infanta?  
Aquesto ¿qué puede estar?  
¿La sentencia que yo he dado  
Vós la quereis revocar?  
Yo juro por mi corona,  
Por mi corona real,  
Que si heredero tuviese  
Que me hubiese de heredar,  
Que á vós y al conde Claros  
Vivos os haria quemar.'  
—'Que vós me mateis, mi padre,  
Muy bien me podeis matar;  
Mas suplico á vuestra alteza  
Que se quiera él acordar  
De los servicios pasados  
De Reynaldos de Montalvan,  
Que morió en las batallas  
Por tu corona eusalzar:  
Por los servicios del padre  
Lo debes galardonar;  
Por mal querer de traidorea  
Vós no lo debeis matar,  
Que su muerte será causa  
Que me hayais de difamar.  
Mas suplico á vuestra alteza  
Que se quiera aconsejar,  
Que los reys con furor  
No deben de sentenciar;  
Porque el conde es de linage  
Del reino mas principal,

Porque él era de los doce  
 Que á tu mesa comen pan;  
 Sus amigos y parientes,  
 Todos te querian mal:  
 Revolveros han en guerra,  
 Los reynos se perderán.<sup>1</sup>  
 El buen rey, cuando esto oyera,  
 Comenzara á demandar:  
 —‘Consejo es pido, los míos,  
 Que me querais aconsejar.’  
 Luego todos se apartaron  
 Por su consejo tomar:  
 El consejo que le dieron  
 Que lo haya de perdonar,  
 Por quitar males y bregas,  
 Y la princesa afamar.  
 Todos firman el perdon,  
 El buen rey lo fue á firmar;  
 Tambien lo aconsejaron,  
 Fueronle consejo á dar,  
 Pues la infanta queria al conde,  
 Con él haya de casar.  
 Ya desfierran al buen conde,  
 Ya le mandan desferrar.  
 Descabalga de la mula  
 El arzobispo á desposar:  
 El tomólos de las manos,  
 Asi los hubo de juntar.  
 Los enojos y pesares  
 Placeres se han de tornar 1.

1 Ochoa, *Tesoro de Romances*, pag 24: Duran, *Romancero General*. 1849-1851, tom 1, pag 218. Nesta ultima explendida collecção, que só agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as próvas da presente obra, vem mais correcto o texto por um fragmento tirado do *Cancionero General* de 1511. Este é um dos romances que ficaram immortalizados pelas citações e allusões de Cervantes, *D. Quijote*, cap. 9, part. 2.

XIV

DOM BELTRÃO



Não é das menos interessantes para a historia da poesia popular na Perinsula, ésta lição portugueza do romance de 'Dom Beltrão', que na castelhana se diz 'De la Batalla de Roncesvalles.'

A sua origem parece ter sido provençal ou navarra; nós decerto o houemos pelos nossos mais proximos vizinhos, os castelhanos. Em Portugal é elle arraiano, e não anda senão pelos extremos da Beira e Tras os-montes.

Com ser este um dos mais bellos que tem o romanceiro de Castella, eu acho-o mais bonito em portuguez, mais repassado d'aquella melancholia e sensibilidade que faz o character da poesia do nosso dialecto, e que prin-

principalmente o distingue dos outros todos de Hespanha.

O cavallo moribundo que se levanta deante do pae do seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar — é digno da Iliada e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.

Para que melhor se julgue, ponho em appendice a licção castelhana.

Variantes portuguezas não chegaram á minha mão, e este unico texto me veio de Tras os-montes.

A novissima edição do 'ROMANCEIRO GENERAL' do Sr. Duran <sup>1</sup>, obra de summo gòsto e trabalho, julga pertencer este romance ao último terço do seculo xv.

<sup>1</sup> Em dois 2. ol. grandes, Madrid, 1849-1851.

## DOM BELTRÃO

—'Quedos. quedos, cavalleiros,  
Que elrei os manda contar!  
Contaram e recontaram,  
Só um lhe vinha a faltar:  
Era esse Dom Beltrão,  
Tam forte no batalhar;  
Nunca o acharam de menos  
Senão n'aquelle contar,  
Senão ao passar do rio  
Nos portos <sup>1</sup> do mal passar.  
Deitam sortes á ventura  
A qual o havia de ir buscar:

<sup>1</sup> Portos ou passagens dos Pyreneus, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras.

Que ao partir fizeram todos  
Preito homenagem no altar,  
O que na guerra morresse  
Dentro em França se interrar.  
Sette vezes deitam sortes  
A quem n'ò hade ir buscar;  
Todas sette lhe cahiram  
Ao bom velho de seu pae.  
Volta redeas ao cavallo,  
Sem mais dizer nem fallar...  
Que lh'a sorte não cahira,  
Nunca elle havia ficar.  
Triste e só se foi andando,  
Não cessava de chorar;  
De dia vae pelos montes,  
De noite vai pelo val;  
Aos pastores perguntando  
Se viram alli passar  
Cavalleiro de armas brancas.  
Seu cavallo tremedal'.  
—'Cavalleiro de armas brancas,  
Seu cavallo tremedal,  
Por ésta ribeira fóra  
Ninguem não n'ò viu passar.'  
Vai andando, vai andando,  
Sem nunca desanimar,  
Chega áquella mortandade

2 Cavallo tremedal, o que?

Donde fôra Roncesval:  
Os braços ja tem cançados  
De tanto morto virar;  
Viu a todos os francezes,  
Dom Beltrão não pôde achar.  
Volta atraz o velho triste,  
Voltou por um areal,  
Viu estar um perro moiro  
Em um adarve a velar:  
—‘Por Deus te rogo, bom moiro,  
Me digas sem me enganar,  
Cavalleiro de armas brancas  
Se o viste porqui pessar.  
Hontem á noite sería,  
Horas de o gallo cantar.  
Se entre vós está captivo,  
A oiro o hei de pesar.’  
--‘Esse cavalleiro, amigo,  
Diz-me tu que signaes traz.’  
—‘Brancas são as suas armas,  
O cavallo tremedal.  
Na ponta de sua lança  
Levava um branco sendal,  
Que lh’o bordou sua dama  
Bordado a ponto real.’  
--‘Esse cavalleiro, amigo,  
Morto está n’esse pragal,  
Com as pernas dentro d’agua,  
O corpo no areal.

Sette feridas no peito  
A qual será mais mortal:  
Por uma lhe entra o sol,  
Por outra lhe entra o luar,  
Pela mais pequena d'ellas  
Um gavião a voar.  
--'Não tórno culpa a meu filho,  
Nem aos moiros de o mattar;  
'Tórno a culpa ao seu cavallo  
De o não saber retirar.'  
Milagre! quem tal diria,  
Quem tal poderá contar!  
O cavallo meio morto  
Alli se pôs a fallar:  
—'Não me tornes essa culpa,  
Que m'a não pódes tornar:  
Tres vezes o retirei,  
Tres vezes para o salvar;  
Tres me deu de espora e redea  
Co'a sanha da pelejar.  
'Tres vezes me apertou cilhas,  
Me alargou o peitoral...  
A' terceira fui a terra  
D'esta ferida mortal.'

## LICÇÃO CASTELHANA

En los campos de Alventosa  
Mataran á Don Beltran,  
Nunca lo echaron menos  
Hasta los puertos pasar.  
Siete veces echan suertes  
Quien lo volverá á buscar,  
Todas siete le cupieron  
Al buen viejo de su padre,  
Las tres fueron por malicia,  
Y las cuatro con maldad.  
Vuélve riendas al caballo,  
Y vuéveselo á buscar,  
De noche por el camino,  
De dia por el jaral:  
Por la matanza va el viejo.  
Por la matanza adelante,  
Los brazos lleva cansados  
De los muertos rodear:  
No hallaba al que buscaba,  
Ni menos la su señal.  
Vido todos los franceses  
Y no vido á Don Beltran:  
Maldiciendo iba el vino,  
Maldiciendo iba el pan  
(El que comian los moros,  
Que no el de la cristiandad):  
Maldiciendo iba el árbol  
Que solo en el campo nasce,  
Que todas las aves del cielo  
Allí se vienen á asestar;  
Que de rama ni de hoja  
No lo dejaban gozar:  
Maldiciendo iba el caballero

Que cabalgaba sin page,  
Si se le cae la 'anza  
No tiene quien se la alce,  
Y si se le cae la espuela  
No tiene quien se la calce:  
Maldiciendo iba la muger  
Que tan solo un hijo pare,  
Si enemigos se lo matan  
No tiene quien lo vengar.  
A la entrada de un puerto  
Saliendo de un arenal,  
Vido en esto estar un moro  
Que velaba en un adarve;  
Hablóle en algarabía,  
Como aquel que bien la sabe:  
—'Por Dios te ruego, el moro,  
Me digas una verdad,  
Caballero de armas blancas  
Si lo viste acá pasar,  
Y si tu lo tienes preso  
A oro lo pesarán;  
Y si tu lo tienes muerto,  
Désmelo para enterrar,  
Pues que el cuerpo sin el alma  
Solo un dinero no vale.'  
—'Esse caballero, amigo,  
Dime tú qué señas trae.'  
—'Blancas armas son las tuyas  
Y el caballo es alazan.  
En el carrillo derecho  
El tenía una señal,  
Que siendo niño pequeño  
Se la hizo un gavilan.'  
—'Este caballero, amigo,  
Muerto está en aquel pradal,  
Las piernas tiene en el agua

Y el cuerpo en el arenal,  
Siete lanzadas tenia  
Desde el hombro al calcañal,  
Y otras tantas su caballo  
Desde la cincha al pretal.  
No le desculpa al caballo  
Que no se la puedes dar;  
Siete veces lo sacó  
Sin herida y sin señal,  
Y otras tantas lo volvió  
Com gana de pelear 1.º

1 Duran, ROMANCEIRO GENERAL, 1849-51, tom. 1, pag. 263.— Não citarei mais outra collecção castelhana desde que possuo ésta, a mais completa e ordenada de todas.



XV

DOM GAIFEIROS



Eisaquí uma verdadeira preciosidade litteraria, a edição ou lieção portugueza de um dos mais celebrados romances da nossa península, 'Dom Gaifeiros.'

Tinha-o encontrado na collecção manuscrita do cavalheiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria á sua memoria, suppondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom do cavalheiro, e que elle não tinha feito mais do que traduzir dos romances castelhanos o que la tinha achado em muito boa lettra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso; o romance é corrente na tradição de Traz-os-montes. Tenho em minha mão cópias authenticas do cantar do povo feitas por pes-

soas fidedignas e intelligentes d'aquella provincia. As cópias não differem no essencial; todas são mais curtas do que as licções castelhanas dos romanceiros, mas nenhuma as segue litteralmente; e o mesmo faz a do cavalleiro de Oliveira, que é todavia a mais completa das portuguezas.

Appurei por todas ellas o texto como aqui o dou, recorrendo, nas frequentes difficuldades e dúvidas em que me achei, á licção castelhana tal como a dá Duran, que assevera tê-la copiado, não do 'Cancioneiro de Ambers', nem da 'Floresta de varios', senão de um codice muito antigo que tinha á vista. Ésta cópia<sup>1</sup>, diz elle e é certo, é a que mais quadra com a descripção de mestre Pedro no 'Dom Quixote', n'aquelle celebrado capitulo<sup>2</sup> da segunda parte que para sempre deixou immortal este romance.

Thomaz Rodd, o traductor inglez dos romances hespanhoes sôbre Carlos-Magno<sup>3</sup>,

<sup>1</sup> Duran, *Romancero General*, 1849-51, tom. 1, pag 218.

<sup>2</sup> *Don Quijote*, parte 2, cap. 26.

<sup>3</sup> *History of Charles the Great and Orlando etc. . . With the most celebrated spanish ballands, etc. . .*, London 1812, 2 vol,

diz a este respeito que não é capitulo aquelle que se cite, senão que se deve ler e estudar na sua integra. E com effeito elle é o melhor argumento e o melhor commentario do romance que pôde fazer-se. Transcrevê-lo-hei todo n'esta parte.

Miren vuestas mercedes tambien como el emperador vuelve las espaldas, y deja despechado á Don Gaifeiros, el qual ya ven como arroja impaciente de la cólera lejos de sí el tablero y las tablas, y pide apriesa las armas, y á Don Roldan su primo pide prestada su espada durindana; y como Don Roldan no se la quiere prestar, ofreciéndole su compañía en la difícil empresa en que se pone; pero el valeroso enojado no la quiere aceptar; antes dice que él solo es bastante para sacar á su esposa, si bien estuviese metida en el mas hondo centro de la tierra, y con esto se entra á armar para ponerse luego en camino. Vuelvan vuestas mercedes los ojos á aquella torre que allí parece, que se presupone que es una de las torres del alcázar de Zaragoza, que ahora llaman la Aljaferia, y aquella dama que en aquel balcon parece vestida á lo moro es la sin par Melisendra, que desde allí muchas vezes se ponía á mirar el camino de Francia, y puesta la imaginacion en Paris y en su esposo, se consolaba en su cautiverio. Miren tambien un nuevo caso que ahora sucede, quizá no visto jamás ¿No ven aquelle moro, que callandico y parito á paso, puesto el dedo en la boca se llega por las espaldas de Melisendra? Pues miren como la dá un beso en mitad de los labios, y la priesa que ella se da á escupir y á limpiárselos con la blanca manga de su camisa, y como se lamenta, y se atrauca de pensar sus hermosos cabellos, como si ellos tuvieran la culpa de maleficio. Miren tambien como aquel grave moro que está en aquellos corredores, es él rey Marsilio de Sansueña, el qual por haber visto la inslercia del moro, puesto que era un pariente

y gran privado suyo, le mandó luego prender, y que le den doscientos azotes, llevándole por las calles acostumbradas de la ciudad con chilladores delante y envaramiento detrás: y ves aquí donde salen á ejecutar la sentencia, aun bien apenas no habiendo sido puesta en ejecución la culpa, porque entre moros no hay traslado á la parte, ni á prueba y estése, como entre nosotros.

Niño, niño, dijo con voz alta á esta sazón Don Quijote, seguid vuestra historia línea recta, y no os metáis en las curvas ó transversales, que para sacar una verdad en limpio, menester son muchas pruebas y repruebas. También dijo macese Pedro desde dentro: muchacho, no te metas en dibujos, sino has lo que ese señor te manda, que será lo mas acertado: sigue tu canto llano, y no te metas en contrapuntos, que se suelen quebrar de sotiles.

Yo lo baré así, respondió el muchacho, y prosiguió diciendo:

Ésta figura que aquí parece á caballo, cubierta con una capa gascona, es la misma de Don Gaiferos, á quien su esposa esperaba, y ya vengada del atrevimiento del enamorado moro, con mejor y mas socogado semblante se ha puesto á los miradores de la torre, y habla con su esposo, creyendo que es algun pasajero, con quien pasó todas aquellas razones y coloquios de aquel romance, que dice:

Caballero, si á Francia ides,  
Per Gaiferos preguntad.

Las cuales no digo yo ahora, porque de la prolijidad se suele cunjendrar el fastidio: basta ver como Don Gaiferos se discubre, y que por los ademanes alegres que Melisendra hace, se nos da á entender que ella le ha conocido, y mas ahora que vemos se descuelga del balcón para ponerse en las ancas del caballo de su buen esposo. Mas ¡ay sin ventura! que se le ha asido una punta del faldellin, de uno de los hierros del balcón, y está pendiente en el aire sin poder llegar al suelo. Pero veis como el Piadoso cielo socorre en las mayores necesidades, pues llega Don Gaiferos, y sin mirar si se rasgará ó no el rico faldellin

ase de ella, y mal su grado la hace bajar al suelo, y luego de un brinco la pone sobre las ancas de su caballo á horcajadas como hombre y la manda que se tenga fuertemente y le eche los brazos por las espaldas, de modo que los cruce en el pecho, por que no se caiga, á causa que no estaba la señora Melisendra acostumbrada á semejantes caballerías. Veis tambien como los relinches del caballo dan señales que va contento con la valiente y hermosa carga que lleva en su señor y en su señora. Veis como vuelven las espaldas y salen de la ciudad, y alegres y regocijados toman de Paris la via. Vais en paz, ó par sin par de verdaderos amantes; llegueis á salvamiento á vuesa deseada patria sin que la fortuna ponga estorbo en vuestro feliz viage: los ojos de vuestros amigos y parientes os vean gozar en paz tranquila los dias (que los de Nestor sean) que os quedan de la vida.

Aquí alzó otra vez la voz maese Pedro, y dijo: llaneza, muchacho, no te encumbres, que toda afectacion es mala. No respondió nada el intérprete, antes prosiguió diciendo: no faltaron algunos oiosos ojos, que le suelen ver todo, que no viesen la bajada y la subida de Melisendra, de quien dieron noticia á el rey Marsilio, el cual mandó luego tocar al arma; y miren con que prisa, que ya la ciudad se hunde con el son de las campanas, que en todas las torres de las mezquitas suenan.

Eso nó, dijo á esta sazón Don Quijote; en esto de las campanas anda muy improprio maese Pedro, porque entre moros no se usan campanas, sino atabales, y un jénero de dulzainas que parecen nuestras chirimías; y esto de sonar campanas en Sansaeña, sin duda que es un gran disparate. Lo cual cido por maese Pedro, cesó el tocar, y dijo; no mire vuesa merced en niñarias, señor Don Quijote, ni quiera llevar las cosas tan por el cabo, que no se le halle? No se representan por ahí casi de ordinario mil comedias llenas de mil impropriedades y disparates y con todo eso, corren felizissimamente en carrera, y se escuchan no solo con aplauso, sino con admiracion y todo? Prosigue, muchacho, y deja decir, que como yo llene mi talego, si, quiera represente mas impropriedades que tiene átomos el sol.

Así es la verdad, replicó Don Quijote; y el muchacho dijo:—

Mirea cuanta y cuán lazida caballería sale de la ciudad en seguimiento de los dos católicos amantes, cuantas trompetas que suenan, cuantas dulzainas que tocan y cuantos atabales y tambores que retumban: témome que los han alcanzar, y los han de volver atados a la cola de su mismo caballo, que sería un horriendo espectáculo. Viendo y oyendo pues tanta morisma y tanto estruendo Don Quijote, parecióle ser bien dar ayuda á los que huían, y levantándose en pie, en voz alta dijo: no consentiré yo que en mis días y en mi presenela se le haga superchería á tan famoso caballero y á tan atrevido enamorado como Don Gaíferos; deteneos, mal nacida canalla, no le sigáis ni perigáis: si no, conmigo sois en la batalla; y diciendo y haciendo, desenvainó la espada, y de un briuco se puso junto al retablo y con acelerada y nunca vista furia comenzó á llover cuchilladas sobre la titerera morisma, derribando á unos, descabezando á otros, estropeando á este, destrozando á quel, y entre otros muchos tiró un altibajo tal, que si maese Pedro no se abaja, se encoje y agazapa, le cercenara la cabeza con mas facilidad que si fuera hecha de masa de mazapan.

A nossa lição portugueza tem todos os caracteres de ser do século XVI.

## DOM GAIFEIROS

Sentado está Dom Gaifeiros  
Lá em palácio real,  
Assentado ao taboleiro  
Para as tabolas jogar.  
Os dados tinha na mão,  
Que já os ia deitar,  
Senão quando vem seu tio  
Que lhe entra a pelejar:  
—‘Para isso es, Gaifeiros,  
Para os dados arrojari;  
Não para ir tomar damas,  
Com a moirisma jogar.  
Tua espôsa lá tem moiros,  
Não sabes ir buscar<sup>1</sup>:  
Outrem fôra seu marido,  
Já lá não havia estar.’

1 Não es para a ir buscar—*Tvas os montes*

Palavras não eram ditas,  
 Os dados vão pelo ar...  
 A que não fôra o respeito <sup>2</sup>  
 Da pessoa e do logar,  
 Tavolas e tavoleiro  
 Tudo fôra espedaçar.  
 A seu tio, Dom Roldão,  
 Tal resposta lhe foi dar:  
 —‘Sette annos a busquei, sette,  
 Sem a poder encontrar;  
 Os quatro por terra firme,  
 Ós tres sôbre aguas do mar <sup>3</sup>.  
 Andei por montes e valles,  
 Sem dormir, nem descansar;  
 O comer, da carne crua,  
 No sangue a sede mattar.  
 Sangue vertiam meus pés  
 Cançados de tanto andar;  
 E os sette annos cumpridos  
 Sem a podêr encontrar.  
 Agora a saber sou vindo <sup>4</sup>  
 Que a Sansonha foi parar;  
 E eu sem armas nem cavallo  
 Com que a possa ir buscar:

<sup>2</sup> Se alli não fôra o respeito—*MS. de Oliveira.*

<sup>3</sup> Os tres por cima do mar—*Tras-os-montes*

<sup>4</sup> Ella estava em Salsonha,

Lá em palacio real—*Tras-os-montes*

Que a meu primo Montezinhos  
 Ha pouco os fui emprestar  
 Para essa festa de Hungria  
 Onde se foi a justar <sup>5</sup>.  
 Mercê vos peço, meu tio,  
 Se m'a vós quizeréis dar,  
 Vossas armas e cavallo  
 Que m'as queiraes emprestar <sup>6</sup>.  
 --'Sette annos são cumpridos,  
 Bem n'os debes de contar,  
 Que Melisendra é captiva  
 E a vida leva a chorar.  
 E sempre te vi com armas,  
 Com cavallos a adestrar;  
 Agora que estás sem elles  
 É que a queres ir buscar?  
 Minhas armas não te impresto  
 Que as não posso desarmar;  
 Meu cavallo bem vezeiro <sup>7</sup>,  
 Não o quero mal vezar.'  
 --'As vossas armas, meu tio,  
 Que m'as não queirais negar  
 A minha espôsa captiva  
 Como a heide eu ir buscar?'

5 Onde foi a tornejar—*MS. de Oliveira.*

6 A minha espôsa entre moiros,

Eu a quero ir buscar—*Tras-os-montes.*

7 Bem vezado—*MS. de Oliveira.*

—‘Em San’ João de L. atrão  
 Fiz juramento no altar,  
 De a ninguem não prestar armas  
 Que m’as faça accovardar<sup>s</sup>.’

Dom Gaifeiros, que isto ouviu<sup>6</sup>  
 A espada foi a tirar;  
 Saltam-lhe os olhos da cara  
 De merencorio a fallar:  
 —‘Bem parece, Dom Roldão,  
 Bem parece, mal pezar!  
 O muito amor que me tendes  
 Para assim me affrontar.  
 Mandae me dizer por outrem  
 Que me las possa pagar,  
 Essas palavras, meu tio,  
 Que vos não quero tragar.’  
 Accode alli Dom Guarino,  
 O almirante do mar,  
 Durandarte e Oliveiros  
 Que os veem a separar;  
 Com outros muitos dos dôze  
 Que alli succedeu de estar.  
 Dom Roldão muito sereno  
 Assim lhe foi a fallar:  
 —‘Bem parece, Dom Gaifeiros,  
 Bem se deixa de mostrar,

<sup>s</sup> Por m’as não Incovardar—*M. S. de Oliveira.*

Que a falta de annos, sobrinho,  
 Em tudo vos faz faltar.  
 Aquelle que mais te quer,  
 Esse te hade castigar:  
 Fôras tu mau cavalleiro,  
 Nunca te eu dissera tal,  
 Porque sei que es bom, t'ô disse...<sup>9</sup>  
 E agora, armar e sellar!  
 Meu cavallo e minhas armas  
 Ahi estão a teu mandar  
 E mais, terás o meu corpo:<sup>10</sup>  
 Para te ir acompanhar.'  
 —'Mercês, meu tio, heide ir só<sup>11</sup>,  
 Só, tenho de a ir buscar.  
 Venham armas e cavallo  
 Que ja me quero marchar.  
 De covarde a mim! ninguem  
 Nunca me hade appellidar.'  
 Dom Roldão a sua espada  
 Alli lhe foi intregar:  
 —'Pois só queres ir, sobrinho,  
 Ésta te hade acompanhar.  
 Meu cavallo é generoso,  
 Não o queiras sopear;

9 Por tu seres bom, t'ô disse—*MS. de Oliveira.*

10 E aqui teades o meu corpo.

Para vos acompanhar—*Tras-os-montes.*

11 Só quero ir, meu tio, só,

Para melhor a tirar—*Tras os-montes.*

Dá-lhe mais redea que espora,  
N'elle te podes fiar.'

Andando vai Dom Gaifeiros,  
Andando de bom andar.  
Por essas terras de Christo,  
Té a moirama chegar.  
Ia triste e pensativo,  
Cheio de grande pezar:  
Melisendra em mãos de moiros,  
Como lh'a hade saccar ?..'  
Pára ás portas de Sansonha <sup>12</sup>  
Sem saber como hade entrar:  
Estando n'este cuidado  
As portas se abrem de par.  
Elrei com seus cavalleiros  
Sahia ao campo a folgar;  
Mui gallans iam de festa,  
Mui ledos a cavalgar <sup>13</sup>.  
Furtou-lhe as voltas Gaifeiros,  
Pelas portas foi entrar;  
Deu com um christão captivo  
Que alli andava a trabalhar:

—'Por Deus te peço, captivo,  
E elle te venha livrar!

<sup>12</sup> Sansonha diz sem; ve a lição de—*Tras-os-montes*.

<sup>13</sup> Mui guapos—*MS de Oliveira*.

Assim me digas se ouviste  
N'esta terra anomear  
A uma dama christan,  
Senhora de alto solar,  
Que anda captiva entre moiros  
E a vida leva a chorar.'  
--'Deus te salve, cavalleiro,  
Elle te venha ajudar !  
E assim me dê outra vida,  
Que ésta se vai a chorar.  
Pelos signaes que me déste,  
Ja hem te posso affirmar  
Que a dama que andas buscando  
Em palacio deve estar.  
Toma essa rua direita  
Que leva ao paço real;  
Lá verás pelas janellas <sup>14</sup>  
Muitas christans a folgar.'  
Tomou a rua direita  
Que no palacio vai dar,  
Alçou os olhos ao alto,  
Melisendra viu estar,  
Sentada áquella janella  
Tam intregue a seu pensar,  
Que as outras em redor d'ella  
Não n'as sentia folgar.

14 Pelos balcoes —MS. de Oliveira.

—‘Rua abaixo, rua acima  
 Gaifeiros a passeiar,  
 —‘Oh que lindo cavalleiro,  
 De tam gentil cavalgar<sup>15</sup>!’  
 —‘Melhor sou jogando ás damas,  
 Com moiros a batalhar!’  
 Melisendra que isto ouviu  
 Começava a chorar:  
 Não ja que ella o conhecesse,  
 Nem tal se podia azar,  
 Tam cuberto de armas brancas,  
 Tam diff’rente no trajar;  
 Mas por ver um cavalleiro  
 Que lhe fazia lembrar  
 Aquelles dôze de França,  
 Aquella terra sem par,  
 As justas e os torneios  
 Que alli soham de armar  
 Quando por sua belleza  
 Andavam a disputar.  
 Com voz chorosa e sentida  
 Começou de o chamar:  
 —‘Cavalleiros, se a França ides<sup>16</sup>,

14—‘D’onde é o cavalleiro  
 De tam lindo passeiar?  
 —‘O cavalleiro é christão  
 Das bandas d’além do mar’—*Tras os-Montes.*

16—‘Se Christão sois, cavalleiro,  
 Recado me haveis levar.’—*Tras-os-Montes.*

Recado me heis levar <sup>17</sup>,  
Que digais a Dom Gaifeiros  
Porque me não vem buscar.  
Se não é medo de moiros,  
De com elles pelejar,  
Ja serão outros amores  
Que o fizeram olvidar...  
Emquanto eu presa e captiva  
A vida levo a chorar  
E mais se este meu recado,  
O não quiz acceitar.  
Dá-lo heis a Cliveiros,  
A Dom Beltrão o heide dar.  
E a meu pae o imperador  
Que já me mande buscar,  
Pois me querem fazer moira  
E de Christo renegar.  
Com um rei moiro me casam  
De além das bandas do mar,  
Dos sette reis de moirama  
Rainha me hãode coroar.'  
—'Esse recado, senhora,  
Vós mesmo lh'o haveis de dar <sup>8</sup>;

17 Esta é a memoravel copla citada por Cervantes no Dom Quijote e que d'ahi obteve sua celebridade europea.

18 Eu mesmo lh'o heide dar;

Pois Dom Gaifeiros sou eu

Que vos tenho a buscar.—*T'as-os-Montes.*

Dom Gaifeiros aqui o tendes  
Que vos vem a libertar.'

Palavras não eram dittas <sup>17</sup>,  
Os braços lhe foi a dar,  
Ella do balcão abaixo  
Se deitou sem mais fallar.  
Malditto perro de moiro  
Que alli andava a rondar!  
Em altos gritos o moiro  
Começava de bradar:  
—'Accudam á Melisendra,  
Que a veem os christãos roubar <sup>20</sup>.'  
—'Melisendra, minha espôsa;  
Como havemos de escapar?'  
—'Com Deus e a Virgem Maria  
Que nos hãode acompanhar.'  
—'Melisendra, Melisendra,  
Agora é o esforçar!'  
Aperta a cilha ao cavallo,  
Affrouxa-lhe o peitoral,  
Saltou-lhe em cima de um pulo  
Sem pé no estribo poisar.  
Tomou-a pela cintura,

19 A falla não era ditta,  
Puseram-se a caminhar;  
Tirou-a pelo baieño

Por não haver mais logar. — *Tras os Montes*

20 Que se vae para além-mar. — *Tras-os-Montes*.

Que o corpo ergueu por lh'a dar;  
Assenta a espôsa á garupa  
Para que o possa abraçar<sup>21</sup>,  
Finca esporas ao cavallo,  
Que o sangue lhe fez saltar.  
Aqui vai, acolá voa...  
Ninguem n'ô pôde alcançar.  
Os moiros pela cidade  
A correr e a gritar;  
Quantas portas ella tinha  
Todas as foram cerrar.  
Sette vezes deu a volta  
Da cêrca sem a passar,  
O cavallo ás oito vezes  
De um salto a foi saltar.  
Ja os moiros da cidade  
O não podem avistar:  
Acode o rei Almançor  
Que vinha de montar,  
Com todos seus cavalleiros  
Lá deitam a desfillar.  
Sentiu logo Dom Gaifeiros  
Como o iam alcançar:  
—'Não te assustes, Melisendra,  
Que é fôrça aqui apear.  
Entre éstas árvores verdes  
Um pouco me hasde aguardar.

21 Ella o foi abraçar—*MS de Oliveira,*

Em quanto eu volto a esses cães <sup>22</sup>  
Que os heide affugentar.  
As boas armas que trago  
Agora as vou a provar.  
Apeou-se Melisendra,  
Alli ficava a rezar.  
O cavallo, sem mais redea,  
Aos moiros se foi voltar:  
Cançado ia de fugir  
Que ja mal podia andar,  
Cheirou-lhe ao sangue malditto,  
'Todo é fogo de abraçar.  
Se bem peleja Gaifeiros,  
Melhor é seu pelejar;  
A qual dos dois anda a lida  
Mais moiros hade mattar.  
Ja cahem tantos e tantos  
Que não têm conto nem par;  
Com o sangue que corria  
O campo se ia a alagar.  
Rei Almançor que isto via,  
Começava de bradar  
Por Alá e Mafamede  
Que o viessem amparar:  
—'Renego de ti, christão,  
E mais do teu pelejar!

22 A esses perros. — *Tras-os-montes*.

Não ha outro cavalleiro  
Que se te possa egualar,  
Será este Urgel de Nantes,  
Oliveiros singular,  
Ou o infante Dom Guarim  
Esse almirante do mar?  
Não ha nenhum d'entre os dóze  
Que bastasse para tal. . .  
Só se fôsse Dom Roldão  
O incantado sem par<sup>23</sup>!

Dom Gaifeiros que o ouvia,  
Tal resposta lhe foi dar:  
—'Calla-te d'ahi; rei moiro,  
Calla te, não digas tal,  
Muito cavalleiro em França  
Tanto como esses val.  
Eu nenhum d'elles não sou,  
E me quero nomear:  
Sou o infante Dom Gaifeiros,  
Roldão meu tio carnal,  
Alcaide-mor de Paris  
Minha terra natural.'

Não quiz o rei mais ouvir  
E não quiz mais porfiar,

Voltou redeas ao cavallo,  
 Foi-se em Sansonha incerrar.  
 Gaifeiros, senhor do campo,  
 Não tem com quem pelejar;  
 Cheio de grande alegria  
 Melisendra foi buscar.

—'Ai! se vens ferido, espôso?  
 E que ferido hasde estar!  
 Eram tantos esses moiros,  
 E tu só a batalhar.

Mangas de minha camiza,  
 Com ellas te heide pençar;  
 Toucas de minha cabeça  
 Faxas para te appertar<sup>24</sup>.

—'Calla-te d'ahi, infanta,  
 E não queiras dizer tal;  
 Por mais que foram n'os moiros,  
 Não me haviam fazer mal:  
 São de meu tio Roldão  
 Éstas armas de provar;  
 Cavalleiros que as trouxesse,  
 Nunca póde perigar.'

Cavalgam, vão caminhando,  
 Não cessam de caminhar,  
 Por essa moirama fóra  
 Sem mais temor nem pezar;

24 Serão para te appertar—*MS de Oliveira.*

Fallando de seus amores  
Sem de mais nada pensar <sup>25</sup>.  
Em terras de christandade  
Por fim vieram a entrar.  
A Paris ja são chegados,  
Ja saem para os encontrar <sup>26</sup>,  
Sette leguas da cidade  
A cõrte os vai esperar.  
Sahia o imperador  
A sua filha a abraçar;  
Palavras que lhe dizia,  
As pedras fazem chorar.  
Sahiu toda a fidalguia,  
Clerezia e secular,  
Os dõze pares de França,  
Damas sem conto nem par.  
Dona Alda com Dom Roldão  
E o almirante do mar,  
O arcebispo Turpim  
E Dom Julião de além-mar,  
E o bom velho Dom Beltrão,  
E quantos sohem de estar  
Ao redor do imperador <sup>27</sup>  
Em sua mesa a jantar

25 Sem de outro al não pensar — *MS. de Oliveira.*

26 A Paris a natural — *MS. de Oliveira.*

27 É sempre a idea fixa da mesa redonda, do círculo formado pelos pares, em torno do imperante.

Grande honra a Dom Gaifeiros !  
Os parabens lhe vão dar;  
Por sua muita bondade <sup>28</sup>  
Todos o estão a louvar,  
Pois libertou sua espôsa  
Com valor tam singular.  
As festas que se fizeram  
Não têm conto nem par.

<sup>28</sup> *Bondade* é valor, e *Bom* valente em stylo do tempo.

## FICÇÃO CASTELHANA

Asentado está Gaiferos  
En el palacio reale,  
Asentado está al tablero  
Para las tablas jugare.  
Los dados tiene en la mano  
Que los quiere arrojare,  
Cuando entró por la sala  
Don Carlos el emperante:  
De que así jugare lo vido  
Empezóle de mirare;  
Hablándole está, hablando  
Palabras de gran pesare:  
—‘Si así fuésedes, Gaiferos,  
Para las armas tomare,  
Como sois para los dados  
Y para tablas jugare,  
Vuestra esposa tienen moros,  
Iriadeala á buscar.  
Pésame á mi por ello,  
Porque es mi hija carnale.  
De muchos fué demsmdada  
Y á nadie quiso tomare:  
Pues con vóa casó por amores,  
Amores la han de sacare;  
Si con otro fuera casada  
No estuviera en captividade.  
Gaiferos cuando esto vido,  
Movido de gran pesare  
Levantóse del tablero  
No queriendo mas jugare,  
Y tomáralo en las manos  
Para haberlo de arrojare,

Sino por quien con èl juega  
 Que era hombre de linage:  
 Jugaba con èl Guarinos,  
 Almirante de la mare.  
 Voces dá por el palacio  
 Que al cielo quieren llegare,  
 Preguntando va, preguntando  
 Por su tio Don Roldane.  
 Hallárale en el patin,  
 Que queria cabalgare.  
 Con èl era Oliveros  
 Y Durandarte el galane,  
 Con èl muchos caballeros  
 De los de los doce Pares.  
 Gaiferos desque lo vido  
 Empezóle de hablare:  
 —‘Por Dios os ruego, mi tio,  
 Por Dios os quiero rogare,  
 Vuestras armas y caballo  
 Vós me lo querais prestare,  
 Que mi tio el emperante  
 Tan mal me quiso tratarre,  
 Diciendo que soy para juégo  
 Y no para armas tomare.  
 Bien lo sabeis vós, mi tio,  
 Bien sabeis vós la verdad,  
 Que pues busqué á mi esposa  
 Culpa no me deben dare.  
 Tres años anduve triste  
 Por los montes y los valles  
 Comiendo la carne cruda,  
 Bebiendo la roja sangre,  
 Trayendo los piés descalzos,  
 Las uñas corriendo sangre.  
 Nunca yo hallarla pude  
 En cuanto pude buscare,

Ahora sé que está en Sansueña,  
En Sansueña esa ciudad.  
Sabéis que estoy sin caballo,  
Sin armas otro que tale,  
Que las tiene Montesinos,  
Que es ido á festejare  
Allá á los reinos de Hungria  
Para torneios armare,  
Y yo sin caballo y armas  
Mal la pod:é libertare;  
Por es' o es ruego, mi tio,  
Las vuestras me querais dare.  
Don Roldan de que esto oyó  
Tal respuesta le fué á dare:  
—'Callad, sobri o Gaiferos,  
No querades hablar tale,  
Siete años vuestra esposa  
Ha que está en captividade;  
Siempre os he visto con armas  
Y caballo otro que tale,  
Ahora que no las teneis  
La quereis ir á buscare.  
Sacramento tengo hecho  
Allá en San Juan de Latrane  
A ninguno prestar armas  
No me las hagan cobardes:  
Mi caballo está bien vezado,  
No lo querria mal vezare.'  
Gaiferos que esto oyó  
La espada luera á sacre;  
Con una voz muy sañosa  
Empezára de hablare:  
—'Blen parece, Don Roldan,  
Siempre me quisiste male.  
Si otro me lo dijera  
Mostrara si soy cobarde,

Mas quien á mi ha injuriado  
 No lo vais por mi á vengare;  
 Si vós tio no mi fuéades.  
 Con vós querria pelear.'  
 Los grandes que allí se hallan  
 Entre los dos puestos se liane;  
 Hablado le ha Don Roldan,  
 Empezóle de hablare:  
 --'Bien parece, Don Gaiferos,  
 Que sois de muy poca edade,  
 Bien oistes un ejemplo,  
 Que conceeis ser verdad,  
 Que áquel que bien os quiere  
 Ese os quiere castigare.  
 Si fuerades mal caballero,  
 No os dijera yo esto tale,  
 Mas porque sé que sois bueno,  
 Por eso os quise asi hablare,  
 Que mis armas y caballo  
 A vós no se han de negare,  
 Y si quereis compañía,  
 Yo os querria acompañare.'  
 --'Mercedes, dijo Gaiferos,  
 De la buena voluntad;  
 Solo me quiero ir, solo,  
 Para haberla de sacare;  
 Nunca me dirá ninguno  
 Que me vido ser cobarde.  
 Luego mandó Don Roldan,  
 Sus armas aparejare;  
 El encubierta el caballo  
 Por mejor lo encobertare.  
 El mismo poue las armas  
 Y le ayudaba á armare,  
 Luego cabalgó Gaiferos  
 Con enojo y con pesare.

Pésale á Don Roldan,  
Tambien á los doce Pares,  
Y mas al emperador  
De que solo lo vió andare,  
Y des que ya se salia  
Del gran palacio reale,  
Con una voz amorosa  
Llamáralo Don Roldane:  
—‘Espera un poco, sobrino;  
Pues solo quereis andare,  
Dejédesme vuesa espada,  
La mia querais tomare,  
Y aunque vengau dos mil moros  
Nunca los volvais la haze:  
Al caballo dadle rienda  
Y haja á su voluntade,  
Que si el ve la suya  
Bien os saberá ayudare,  
Y si ve demasia  
Della os sabrá sacare.’  
Ya le daba su espada  
Y toma la de Roldane  
Da de espuelas al caballo,  
Sálese de la ciudad.  
Don Beltran des que ir lo vido  
Empezóle de hablare:  
—‘Tornad acá, hijo Gaifeiros,  
Pues que me teneis por padre,  
Tan solamente que os vea  
La condesa vuestra madre,  
Tomará con vós consuelo,  
Que tan tristes llantos hace,  
Y dáraos caballeros  
Los que hayais necesidad.’  
—‘Consoladla vós, mi tio.  
Vós la querais consolare,

Acuerdese que me perdió  
 Chiquito y de poca edade,  
 Haja cuenta que de entonees  
 No me ha visto jamase,  
 Que ya sabeis que eu los doce  
 Corren malas voluntades,  
 Y no diran, vuelvo por ruego,  
 Mas que vuelvo por cobarde,  
 Que yo no volveré en Francia  
 Sin Mellusençra tornare.<sup>1</sup>  
 Don Beltran, de que lo oyera  
 Tan enojado hablare,  
 Vuelve riendas al caballo  
 Y entrose en la ciudad.  
 Gaiferos en tierra de moros  
 Empieza de examinare,  
 Jornada de quinze dias  
 Eu oebo lá fué á andare.  
 For las sierras de Sansueña  
 Gaiferos mal airado vae,  
 Las voces que iba dando  
 Al cielo quieren llegare.  
 Maldiciendo iba el vino,  
 Maldiciendo iba el pane  
 (El pan que comian los moros,  
 Mas no de la cristandade),  
 Maldiciendo iba la dueña  
 Que tan solo un lijo pare  
 (Si enemigos se lo matan,  
 No tiene quien lo vengare),  
 Maldiciendo iba al caballero  
 Que cabalga sin un page  
 (Si se le cae la espuela,  
 No tiene quien se la calce),  
 Maldiciendo iba el árbol  
 Que solo en el campo nasce,

Que todas las aves del mundo  
En él van á quebrautar,  
Que de rama ni de hoja  
Al triste dejan gozare.  
Dando estas voces y otras,  
A Sansuena fué á llegare:  
Viérnes era, en aquel día  
Los moros su fiesta hacen:  
El rey iba a la mezquita  
Para la zala rezare,  
Con todos sus caballeros  
Cuantos él pudo llevare.  
Cuando allegó Gaifeiros  
A sansueña, esa ciudade,  
Miraba si vería alguno  
A quien poder demandare:  
Vido un cativo cristiano  
Que andaba por los adarbes;  
Desque lo vido Gaifeiros,  
Empezóle de hablare:  
—'Dios te salve, el cristiano,  
Y te torne en libertade:  
Nuevas que pedirte quiero,  
No me las quieras negare.  
Tú que andas con los moros  
Díne si oístea hablare  
Si ay aquí alguna cristiana  
Que sea de alto linage.'  
El cativo que lo oyera  
Empezára de llorare:  
—'Tantos tengo de mis duelos,  
De otros no puedo curare!  
Que todo el día caballos  
Del rey me hacen pensare,  
Y de noche en honda sima  
Me hacen aquí aprisionare.

Bien sé que hay muchas cativas  
 Cristianas de gran linage,  
 Especialmente hay una  
 Qu'es de Francia natural,  
 El rey Almanzor la trata  
 Como a sua hija carnale;  
 Sé que muchos reyes moros  
 Con ella quieren casare.  
 Por eso idos, caballero,  
 Por esa calle adelante,  
 Vereislas á las ventanas  
 Del gran palacio reale.  
 Derecho se va a la plaza,  
 A la plaza la mas grande.  
 Allí estaban los palacios  
 Donde el rey solia estare :  
 Alzó los ojos en alto  
 Por los palacios mirare,  
 Vido estar á Melisendra  
 En una ventana grande  
 Con otras damas cristianas  
 Qu' estan en captividade.  
 Melisendra que lo vido  
 Empezára de llorare,  
 No porque lo conociese  
 En el jesto ni en el traje,  
 Mas en verlo con armas blancas  
 Acordóse de los pares,  
 Acordóse de los palacios  
 Del emperador su padre.  
 De justas, galas, torneos  
 Que por ella solian armare.  
 Con voz triste y muy llorosa  
 Le empezára de llamare :  
 — ' Por Dios os ruego, caballero,  
 Queráisos á mi llegare ;

Si sois cristiano ó moro,  
No me lo queráis negare  
Daros he unas encomiendas,  
Bien pagadas os serane :  
Caballero, si á Francia ides  
Por Gaifeiros preguntade,  
Decidle que la su esposa  
Se le envia á encomendare,  
Que ya me parece tiempo  
Que la debia sacare.  
Si no me deja por miedo  
De con los moros peleare,  
Debe tener otros amores,  
De mi no lo dejan acordare :  
; Los ausentes por los presentes  
Ligeros son de olvidare !  
Aun le direis, caballero,  
Por darle mayor señale,  
Que sus justas y torneos  
Bien las aupimos acae.  
Y si estas encomiendas  
No recibe con solace,  
Daréílas á Oliveros,  
Daréílas á Don Roldane,  
Daréílas á mi señor  
El emperador mi padre :  
Direis como está en Sansueña,  
En Sansueña, esa ciudade,  
Que si presto no me sacan  
Mora me quieren tornare,  
Cisarme han con el rey moro  
Que está allende la mare,  
De aiete reyes de moros  
Reina me hacen coronare ;  
Segun los reyes me acenitan,  
Mora me harán tornare ;

Mas amores de Gaiferos  
 No los puedo yo olvidar.?  
 Gaiferos que este oyera  
 Tal respuesta le fué á dare :  
 — ‘ No lloreis vós, mi señora,  
 No queráis así llorar,  
 Porque esas encomiendas  
 Vós mesma la podeis dare,  
 Que á mi allá dentro en Francia  
 Gaiferos suelen nombrare.  
 Soy el infante Gaiferos,  
 Señor de Paris la grande,  
 Primo hermano de Oliveros,  
 Sobrino de Don Roldane :  
 Amigos de Melisendra  
 Son los que acá me traen.?  
 Melisendra qu’esto vido  
 Conosciólo en el hablare,  
 Tiróse de la ventana,  
 La escalera fué á tomare,  
 Salióse para la plaza  
 Donde lo vido estare.  
 Gaiferos cuando la vido  
 Presto la fué á tomare,  
 Abrázala con sus brazos  
 Para haberla de besare.  
 Allí estaba un perro moro  
 Por los cristianos guardare,  
 Las voces daba tan altas  
 Que al cielo quieren llegare.  
 Al alarido del moro  
 La ciudad mandan cerrare.  
 Siete veces la rodean,  
 No hallan por do escapare.  
 Presto sale el rey Almanzor  
 De la mészquita rezare :

Vereis tocar la trompeta  
A priesa y no de vagare,  
Vereis armar caballeros  
Y en caballos cabalgare:  
Tantos se arman de los moros  
Que gran cosa es de mirare.  
Melisendra que lo vido  
En una priesa tan grande,  
Con una voz delicada  
Le empezára de hablare:  
—'Estorzado Don Gaiferos,  
No querades desmayare,  
Que los buenos caballeros  
Son para necesidad:  
;Si désta escapais, Gaiferos,  
Hasta teneis que contare!  
;Ya quisiera Dios del cielo  
Y Santa María su madre  
Fuese tal vuestro caballo  
Como el de Don Roldane.  
Muchas veces le oi decir  
En el palacio imperiale  
Que si se hallaba cercado  
De moros en alguno lugare,  
Al caballo aprieta la cincha  
Y aflojábale el pretale,  
Hincábale las espuelas  
Sin ninguna piedade!  
El caballo es esforzado,  
De otra parte va a saltare.'  
Gaiferos de qu'esto oyó  
Presto se fuera á apareare,  
Al caballo aprieta la cincha,  
Y aflojábale el pretale;  
Sin poner pié en el estribo  
Encima fué á cabalgare,

Y Melisendra á las aucaas,  
 Que presto las fué tomare.  
 El cuerpo la da y cintura  
 Porque lo pueda abrazare;  
 Al caballo linca la espuela  
 Sin ninguna piedade.  
 Corriendo venian los moros  
 A priesa y no de vagare;  
 Las grandes voces que daban  
 Al caballo hacen saltare;  
 Cuando fueron cerca los moros  
 La rienda le fué á largare;  
 El caballo era ligero,  
 Púsolo de la otra parte.  
 El rey moro qu'esto vido  
 Mandó abrir la ciudaóe;  
 Siete batallas de moros  
 Todos de zaga le vanc.  
 Volviéndose iba Gaíferos,  
 No cesaba de mirare;  
 De que vido que los moros  
 Le empezaban de cercare,  
 Volvióse á Melisendra,  
 Empézole de hablare;  
 —'No os enojeis, mi señora,  
 Seráos fuerza aqui apeare,  
 Y en esta grande espesura  
 Podeis, señora, aguardare,  
 Que los moros son tan cerca,  
 De fuerza nos han de alcaazare.  
 Vos, señora, no traéis armas  
 Para haber de pelear,  
 Yo pues que las traigo buenas,  
 Quiérolas ejercitare.'  
 Apeóse Melisendra  
 No cesando de rezare,

Las rodillas puso en tierra,  
Las manos fué á levantare,  
Los ojos puestos al cie'lo  
No cesando de rezare:  
Sin que Gaiferos velviese,  
El caballo fué á aguijare.  
Quando huía de los moros  
Parece que no puede andare,  
Y quando iba hácia ellos  
Iba con furor tan grande,  
Que del rigor que llevaba  
La tierra hacia temblare:  
Donde vido la morisma  
Entre ellos fuera á entrare;  
Si bien pelea Gaiferos,  
El caballo mucho mase;  
Tantos mata de los moros  
Que no hay cuento ni pare;  
De la sangre que salia  
El campo cubierto se hae.  
Elrey Almanzor qu'esto vido.  
Empezára de hablare:  
—'Ob válasme tu, Alá!  
¿Esto qué podia estare?  
Que tal fuerza de caballero  
En pocos se puede ballare:  
Debe ser el encantado  
Ese paladin Roldane,  
O debe ser el esforzado  
Renaldos de Montalvane,  
O es Urgel de la Marcha  
Esforzado y singulare:  
No hay ninguno de los doce  
Que bastante hacer lo tale,  
Gaiferos qu'esto oyó,  
Tal respnesta le fué á dare:

— Calles, calles, el rey moro,  
 Calles y no digas tale,  
 Muchos otros hay en Francia  
 Que tanto como estos valent  
 Yo no soy ninguno de ellos,  
 Mas yo me quiero nombrare:  
 Soy el infante Gaiferos,  
 Señor de Paris la grande,  
 Primo hermano de Oliveros,  
 Sobrino de Don Roldanc.<sup>2</sup>  
 El rey Almanzor que lo oyera  
 Con tal esfuerzo hablare,  
 Con los mas moros que pudo  
 Se entrara en la ciudade.  
 Solo quedaba Gaiferos  
 No halló con quien pelear,  
 Volvió riendas al caballo  
 Por Meliendra buscare:  
 Meliendra que lo vido,  
 A recibir se lo sale;  
 Vidole las armas blancas,  
 Tintas en color de sangre.  
 Con voz mui triste y llorosa  
 Le empezó de perguntare:  
 — 'Por Dios os ruego, Gaiferos,  
 Por Dios os quiero rogare,  
 Si tracia alguna herida  
 Queraismela vós mostrare,  
 Que los moros eran tantos  
 Quizá os habrán hecho male;  
 Con las mangas de mi camisa  
 Os la quero yo apretare,  
 Y con la mi rica toca  
 Yo os la entiendo sanare.<sup>2</sup>  
 — 'Callede, dijo Gaiferos,  
 Infanta no digais tale,

Por mas que fuerou los moros,  
No me podian hacer malo,  
Qu'estas armas y caballo  
Son de mi tio Don Roldane:  
Caballero que las trujere  
No podía peligrare.  
Cabalgad presto, señora,  
Que no es tempo de aqui estare;  
Antes que los moros tornen,  
Los puertos hemos pasare.  
Ya cabalga Melisendra  
En un caballo alazane,  
Razonando vau de amores,  
De amores, que no de al.  
Ni de loz moros han miedo,  
Ni dellos uada se dane:  
Con el placer de ambos juntos  
No cesau de camiuare,  
De noche por los caminos  
De dia por los jarales,  
Comiendo las yerbas verdes  
Y agua si pueden hallare,  
Hasta qué entraron en Francia  
Y en tierra de cristandade:  
Si has a alli alegres fuérou,  
Mucho mas de alli adelante.  
A la entrada de un monte,  
Y á la salida de un valle,  
Caballero de armas blancas  
De léjos vieron asomare:  
Gaiferos desde lo vido  
La sangre vuelto se le hae,  
Diciendo á su señora:  
—'Esto es mas de recelare,  
Que aquel caballero que asoma  
Gran esfuerço es el que trae:

Que sea cristiano ó moro,  
Fuerza será pelear:  
Apéaos vós, mi señora,  
Y veni de mi á la pare.  
De la mano le traia  
No cesando de llorar.  
Lléganse los caballeros,  
Comienzan aparejare  
Las lanzas y los escudos  
En son de bien pelear.  
Los caballos ya de cerca  
Comienzan de relinchare;  
Mas conocióle Gaiferos  
Y empezára de hablar:  
—'Perded cuidado señora,  
Y tornad a cabalgare,  
Que el caballo que allí viene  
Mio es en la verdade.  
Yo le di mucha cebada  
Y mas le entiendo le dare;  
Las armas, segun que veo,  
Mias son otro que tale,  
Y aun aquel es Montesinos  
Que á mi me vienen á buscare,  
Que cuando yo me parti  
No estaba en la ciudade.'  
Plugo mucho á Melisendra  
Que aquello fuese verdade.  
Ya que se van acercando  
Cuasi juntos á la pare,  
Con voz alta y crecida  
Empiézanse de interrogare.  
Conóscense los dos primos  
Entouces en el hablar,  
Apeáronse á gran priesa,  
May grandes fiestas se hacen:

Do que hubieron hablado  
Tornaron á cabalgare :  
Razonsudo van de amores,  
De otro no quieren hablare,  
Andaudo por sus jornadas  
En tierra de cristandade,  
Cuantos caballeros hallan  
Todos los van compañare,  
Y dueñas á Melisendra,  
Doncellas otro que tale.  
Al cabo de pocos dias  
A París van a llegare ;  
Siete leguas de la ciudade  
El emperador les sale,  
Con él sale Oliveros,  
Con él sale Don Roldane,  
Con él el infante Guariños  
Álmirante de la mare,  
Con el sale Don Bermudez  
Y el buen viejo Don Beltrane.  
Con él muchos de los doce  
Que á su mesa comen pane,  
Y con él iba Doña Alda,  
La esposa de Roldane.  
Con él iba Julianesa,  
La hija del rey Juhane ;  
Dueñas, damas y doncellas  
Las mas altas de linage.  
El emperador abraza su hija  
No cesando de llorare ;  
Palabras que le decia  
Dolor eran de escuchare.  
Los doce á Don Gaiferos  
Gran acatamiento le hacen,  
Tienenlo por esforzado  
Mucho mas de allí adelante,

Pues que sacó á su esposa  
De muy gran captividade :  
Las fiestas que le hacian  
No tienen cuento ni pare 1.

1 Duran *Romanceiro General*, 1848-51, pag. 218, tom.

XVI

JUSTIÇA DE DEUS



A lição que principalmente aqui segui é a da Beiralta, por ser n'ella muito mais completo o romance. A de Tras-os-montes chama-lhe 'O conde prêso.'

Poucas coisas mais bonitas tem o romancero popular da nossa península. Onde nasceu não sei; mas as collecções castelhanas não o trazem. A questão porém de se uma composição d'estas foi feita n'esse ou n'aquelle reino d'llespauha, alòm de ser mui difficil de resolver, é de bem pouca importancia. O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castella: quem

sabe? Viajou e perigrinou com a harpa ou com a viola do cantor que o compoz ou que sómente o apprendeu de cór: espalhou-se por essas terras de differentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, ha muitos seculos a ésta parte, quem pôde dizer onde foi composto o romance que n'esta ou n'aquella provincia se encontra? É d'aquella onde foi achado.

Ja se vê que não applico ésta theoria ao que traz visivel e marcado o sêllo de sua nacionalidade, como são os romances propriamente mouriscos ou granadinos, os que á imitação d'estes se fizeram em tammanha cópia nos seculos xvi e xvii, nem tampouco aos historicos strictamente dittos.

Advertirei tambem, ao leitor pouco versado em nossas coisas, que lhe não faça pêso, para julgar este romance castelhano por fôrça, o ver que n'elle se tratta de San' Thiago e de suas romarias e romeiros. Depois de Galliza, nenhum reino de Hespanha teve jamais tanto que fazer com o apostolo

de Compostella, como o nosso Portugal, especialmente nas duas provincias do extremo Norte. Ainda la vamos de romaria, e o temos por nosso em tudo. . . menos se formos a brigar, porque então vem 'San' Jorge e avante,' San' Jorge e o seu dragão, que são dois terriveis matta-castelhanos, apezar de todos os pezares, e das heterodoxas doutrinas de desequilibrio europeu com que nos têm obsequiado ultimamente.



## JUSTIÇA DE DEUS

Prêso vai o conde, prêso,  
Prêso vai a bom recado;  
Não vai prêso por ladrão,  
Nem por homem ter mattado <sup>1</sup>,  
Mas por violar a donzella  
Que vinha de San'Thiago:  
Não bastou dormir com ella,  
Senão dá-la ao seu criado!  
Accommetteu a na serra,  
Mui longe do povoado <sup>2</sup>:  
Por morta alli a deixára  
Sem mais dó sem mais cuidado.

1 Nem por lome haver mattado—*Tras-os-montes*.

2 Em logar despojado—*Beiralta*.

Chorou tres dias, tres noites,  
 E mais teria chorado,  
 Senão que Deus sempre acode  
 A amparar o desgraçado.  
 Passou por alli um velho,  
 Um pobre velho soldado,  
 Suas barbas brancas de neve,  
 Em sua espada abordoado<sup>3</sup>;  
 Vieiras traz na esclavina,  
 O chapéu d'ellas cercado;  
 Chegou-se á pobre romeira  
 Com muito amor, muito agrado:  
 —'Não chores mais, filha minha<sup>4</sup>,  
 Filha, demais tens chorado;  
 Que esse villão cavalleiro<sup>5</sup>  
 Prêso vai a bom recado.'  
 Levou comsigo a donzella  
 O bom velho do soldado;  
 Vão á presença d'elrei,  
 Onde o conde era levado:  
 —'Eu te requeiro, bom rei,  
 Pelo apostolo sagrado,  
 Que n'esta sua romeira  
 O fôro seja guardado

3 Ao seu bordão incostado—*Beiralta*.

4 Donzella, não chores mais—*Beiralta*.

5 Que prêso vai esse conde—*Beiralta*.

Da lei divina é casar se,  
 Da humana ser degollado:  
 Que não valem fidalguias <sup>6</sup>  
 Onde Deus é o aggravado.'

Disse elrei aos do conselho  
 Com semblante carregado:  
 —'Sem mais detença, este feito  
 Quero ja desimbargado.'  
 --'Visto está o feito, visto,  
 Julgado está, bem julgado:  
 Ou hade casar com ella,  
 Ou se não...ser degollado.'  
 —'Pois que me praz' disse o rei:  
 'O algoz que seja chamado:  
 Ou ja casar co'a romeira  
 Ou aqui ser degollado.'

—'Venham algoz e cutello.'  
 Rêpondeu o accusado:  
 'Mas antes morrer mil vezes <sup>7</sup>  
 Que viver invergonhado.'

Agora ouvireis o velho,  
 O bom velho do soldado:

6 Não ha fôro ou privilegio—*Beiralta*.

7 *A: t* s morrerei mil vezes—*T1 as-os-Montes*.

--'Fazeis, bom rei, má justiça,  
Mau feito tendes julgado:  
Primeiro casar com ella,  
E depois ser degollado.  
Lava-se a honra com sangue,  
Mas não se lava o peccado.'

Palavras não eram dittas,  
A espada tinha arrojado,  
Despe insignias de romeiro <sup>8</sup>,  
Despe as armas de soldado,  
Nos trajos de um sancto bispo  
Apparece transformado;  
Sua mitra de pedras finas,  
De oiro puro o seu cajado:  
Tomou a mão da romeira,  
A mão do conde ha tomado,  
Por palavras de presente  
Alli os tem desposado.  
Choravam todos que o viam,  
Chorava mais o culpado;  
Chorando, pedia a morte  
Por não ficar deshonorado <sup>9</sup>.  
O sancto bispo o absolvía  
Contrico de seu peccado:

<sup>8</sup> Tira o gaivão de romeiro—*Beiralla*.

<sup>9</sup> Antes que ser deshonorado—*Tras-oz-Montes*,

D'alli o levam por morto,  
 Que nem o algoz foi chamado.  
 Justiça de Deus foi n'elle,  
 Antes de uma hora é finado !  
 Mas acudiu áquella alma  
 O apostolo sagrado,  
 Que outro não era o romeiro,  
 O bispo nem o soldado <sup>10</sup>.

10 A lição de *Tras-os-Montes* supprime a intervenção de San' Thiago, e tambem o casamento do conde que allí vai simplesmente a degollar, declarando a sua última vontade n'estas coplas:

—'Não me interrem na igreja,  
 Nem tampouco em sagrado:  
 N'aquelle prado me interrem  
 Onde se faz o mercado.  
 Cabeça me deixem fóra,  
 O meu cabello intrançado,  
 De cabeccira me ponham  
 A sella do meu cavallo.  
 Que d'igam os passageiros:  
 —'Triste de ti, desgraçado!  
 Morreste de mal d'amores,  
 Que é um mal desesperado' — *Tras-os-Montes*



**NOTAS**



## NOTAS



### NOTA A

Intante no feminino é um latinismo dos seculos  
e XVI..... pag. 12.

Não é d'esta opinião um amigo meu cujo voto litterario tem muito pêso. Diz elle que as terminações *ante*, *ente* e *inte* sempre foram invariaveis para ambos os generos; que sempre se disse 'amante, enchente, pedinte; que *infanta* portanto é uma excepção da regra geral, excepção só usada por alguns.

### NOTA B

Fôra o primeiro em que se fizeram versos... pag. 20.

Ésta é a opinião de Sarmiento: Sanchez, n 15 notas á citada carta do marquez de Santillana, a combate.

## NOTA C

Malato se tornaria..... pag. 86.

O que, a este respeito, fica apontado na nota marginal é a opinião do Sr. Alexandre Herculanô. Sancta Rosa no 'glossario' lhe attribue quasi a mesma significação. No sentido porê m de gafo, doente, etc., a usa Berceo muitas veses no POEMA DE ALEXANDRE. Na nova edição do ROMANCEIRO de Duran<sup>1</sup> ha uma variante d'este romance, que elle attribue a Rodrigo de Reinosa, porque assim se diz em um folheto sôlto d'onde a transcreve, cuja linguagem parece mais velha, porê m que é decerto menos singela que as outras, e sabe mais ao invezado das coplas dos provençaes. N'esta indisputavelmente se põe *malato* por gafo, leproso, infecto de mal contagioso.

Eisaqui o logar paralelo :

Está quedo caballero,  
Non fagas tal villania,  
Figa soy de un *malato*  
Que tiene la *malatia*,  
Y quien a mi llegare  
Luego se le pegaria.

É notavel que n'esta variante se acha o romance da 'Infeitiçada' confundido com o do

<sup>1</sup> Madrid, 1849-51, tom. I, n.º 285, pag. 152.

‘Caçador’ do mesmo modo que o eu incontrei confundido na tradição oral de algumas de nossas provincias.

## NOTA D

Além de não andar nas collecções da nação vizinha..... pag. 125.

No ROMANCERO de Duran, nova edição <sup>1</sup>, ha um fragmento com o titulo ‘El Palmero,’ tirado da collecção de Sepulveda em que apparecem alguns eguaes aos do Bernal. Duran o julga semiallegorico, e d’aquelles que na nossa peninsula ja começavam a imitar os provençaes no seculo xv. Não sou d’esta opinião.

## NOTA E

A xácara e toda dramatica..... pag. 127.

Esta qualificação é exclusivamente portugueza: os nossos parentes castelhanos intendem por *jacara* um romance truanesco em stylo picaro e mais proximo do que nós chamâmos ou chamavamos chacota.

## NOTA F

*Loa virá do latim laus?*..... pag. 129.

Os castelhanos dizem hoje *loor* e *loar* por *laus*

<sup>1</sup> Madrid 1849 51, tom. 1, pag. 153, n.º 202.

e *laudare*. No 'Cancionero do Collegio dos Nobres' fol. 58 v. acha-se *locdo* por *louvado* A diversidade que hoje se encontra, n'estas derivações, entre o portuguez e castelhano, é comparativamente moderna.

### NOTA G

Não se encontra nas collecções castelhanas, pag. 165.

Na nova edição de Duran, tantas vezes e inda agora citada <sup>1</sup>, apparecem dois fragmentos, o primeiro até hoje conservado na tradição oral das Asturias, o segundo correndo impresso nos folhetos dos cegos ambulantes: ambos são inquestionavelmente reliquias dispersas do nosso romance. Alli chamam-lhe 'Gerinaldo.' E o mesmo nome lhe dão em Andaluzia, onde o conserva de memoria a gente do campo nos seus *corrios*, *corrillos* ou *carrellilas*; que todas éstas appellações tem as cantigas que o povo d'aquella provincia canta ou recita de immemorial tradição

FIM DO VOLUME SEGUNDO

<sup>1</sup> Tom. 1, pag 175, 176, n.º 320 e 321.

## INDICE

INTRODUÇÃO.....	v
ROMANCEIRO, LIVRO II, PARTE I.....	1
I    Bela Infanta.....	3
II   O Caçador.....	17
III  A Infeitiçada.....	31
IV  Conde Yanno.....	41
V   Conde d'Allemanha.....	75
VI  Dom Aleixo.....	89
VII Sylvaninha.....	101
VIII Bernal Francez.....	121
IX  Reginaldo.....	161
X   Dona Ausenda.....	177
XI  Rainha e Captiva.....	187
XII Dom Claros d'Além-mar.....	199
XIII Claralinda.....	219
XIV Dom Beltrão.....	241
XV  Dom Gaifeiros.....	253
XVI Justiça de Deus.....	295
NOTAS.....	307





OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

---

- Tomo I — Camões.  
» II — Catão.  
» III — Merope — Gil Vicente.  
» IV — Romanceiro — 1.º volume.  
» V — Frei Luiz de Souza.  
» VI — Flores sem fructo.  
» VII — D. Filippa de Vilhena — Tio Simplicio —  
Fallar verdade a mentir.  
» VIII — Viagens na minha terra — 1.º volume  
» IX — " " " — 2.º "  
» X — A Sobrinha do Marquez — As prophecias  
do Bandarra. — Um noivado no Da-  
fundo.  
» XI — Arco de Sanct'Anna — 1.º volume.  
» XII — " " " — 2.º "  
» XIII — D. Branca.  
» XIV — Romanceiro — 2.º volume.  
» XV — " " — 3.º "  
» XVI — Lyrica.  
» XVII — Fabulas — Folhas cahidas.  
» XVIII — O Alfageme de Santarem.  
» XIX — Portugal na balança da Europa.  
» XX — Da Educação.  
» XXI — O Retrato de Venus, precedido de um  
Ensaio sobre a historia da lingua e  
da poesia portugueza.  
» XXII — Helena.  
» XXIII — Discursos parlamentares — Memorias  
biographicas.  
» XXIV — Escriptos diversos.







